



Universidade de Brasília

Faculdade de Educação Física

Programa de pós-graduação em Educação Física

Mestrado em Educação Física

AS CONTRIBUIÇÕES DA NOÇÃO DE AMBIVALÊNCIA EM
BAUMAN PARA UMA INTERPRETAÇÃO DO ESPORTE NA
ESCOLA

ANTONIO CARLOS COSENZA FARIA

Brasília-DF

2012



Universidade de Brasília

Faculdade de Educação Física

Programa de pós-graduação em Educação Física

Mestrado em Educação Física

AS CONTRIBUIÇÕES DA NOÇÃO DE AMBIVALÊNCIA EM
BAUMAN PARA UMA INTERPRETAÇÃO DO ESPORTE NA
ESCOLA

ANTONIO CARLOS COSENZA FARIA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação Física da Universidade de Brasília, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Educação Física, sob a orientação do Prof. Dr. Aldo Antonio Azevedo.

Brasília-DF

2012

Antonio Carlos Cosenza Faria

AS CONTRIBUIÇÕES DA NOÇÃO DE AMBIVALÊNCIA EM BAUMAN PARA
UMA INTERPRETAÇÃO DO ESPORTE NA ESCOLA

Dissertação apresentada à apreciação da banca para a obtenção do título de mestre em Educação Física, pela Faculdade de Educação Física da Universidade de Brasília, pela comissão formada pelos professores:

Presidente: Prof. Dr. Aldo Antonio Azevedo
Faculdade de educação Física- FEF
Universidade de Brasília – UnB

Membro interno: Prof. Dr. Edson Marcelo Húgaro
Faculdade de educação Física- FEF
Universidade de Brasília – UnB

Membro externo: Prof. Dr. Luís Otávio Teles Assumpção
Universidade Católica de Brasília –UCB

Membro suplente: Prof. DR. Paulo Henrique Azevedo
Faculdade de educação Física- FEF
Universidade de Brasília – UnB

Brasília-DF, 30 de julho de 2012

Dedico este trabalho a todos os professores de Educação Física em geral e em especial aos professores de Educação Física da Secretaria de Educação do Distrito Federal que, assim como eu, se inquietam com a prática da Educação Física escolar.

Agradecimento

Agradecer é sempre uma tarefa difícil. É muito complicado traduzir em palavra o que merecem todos os que me ajudaram nesta caminhada. Assim, mesmo correndo o risco de algum lapso de memória, destaco algumas pessoas que foram de significativa importância não apenas nessa trajetória como em minha vida toda. Começo por destacar minha família: Lúcia, Camilla e Philip pessoas que a convivência cotidiana é sempre fonte de inspiração. Destaco também a minha família materna que, mesmo distante fisicamente está sempre próximo de todas as minhas empreitadas.

Merece um agradecimento especial meu orientador e amigo Aldo que com seu conhecimento, dedicação e interesse acompanhou todo o processo de construção deste trabalho, desde o processo seletivo.

SUMÁRIO

RESUMO.....	vi
ABSTRACT.....	vii
LISTA DE QUADROS.....	vii
INTRODUÇÃO.....	9
OBJETIVO GERAL.....	15
OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	15
CAPÍTULO 1- A NOÇÃO DE AMBIVALÊNCIA NA OBRA DE BAUMAN.....	16
CAPÍTULO 2- ESPORTE E AMBIVALÊNCIA.....	30
CAPÍTULO 3- AMBIVALÊNCIA NAS INTERPRETAÇÕES DO ESPORTE.....	45
3.1- O conceito de esporte à luz de algumas interpretações sociológicas.....	46
3.1.1 Norbert Elias e o esporte.....	46
3.1.2 Bourdieu e o esporte.....	48
3.1.3 Brohm e o esporte.....	51
3.1.4 Da Matta e o esporte	52
3.2 O conceito de esporte na leitura dos teóricos da Educação Física	54
3.2.1 Valter Bracht e o esporte.....	54
3.2.2 Flávio Pereira e o esporte.....	55
3.2.3 Vitor Marinho de Oliveira e o esporte.....	57
3.2.4. Luis Alberto Pilatti e o esporte.....	59

3.2.5 Estadella e o esporte.....	62
3.2.6 Finck e o esporte.....	65
3.2.7 Stigger e o esporte	68
CAPITULO 4 – METODOLOGIA.....	71
4.1 Modelo de análise de Bauman.....	71
4.2 Caracterização do estudo.....	75
4.3 Contexto da pesquisa.....	76
4.4 Instrumentos de coleta de dados.....	77
4.5 Procedimentos metodológicos.....	81
CAPÍTULO 5 – ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS	83
5.1. Análise dos grupos focais.....	84
5.1.1 Grupo Focal I.....	84
5.1.2 Grupo Focal II.....	93
5.1.3 Grupo Focal III.....	103
5.2. Análise das entrevistas.....	109
5.2.1 Entrevista 1.....	109
5.2.2 Entrevista 2.....	113
5.2.3 Entrevista 3.....	116
5.2.4 Entrevista 4.....	118
CONCLUSÃO.....	122
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	126
APÊNDICE.....	131

RESUMO

O presente estudo teve por objetivo discutir o esporte na escola para além de uma dicotomia recorrente nos debates, entre o caráter formativo e o caráter alienador. Foi motivado pelas contribuições teóricas de Bauman, que oportunizaram uma compreensão mais abrangente do esporte. Nessa ótica, apontou-se como hipótese a possibilidade de explicar o esporte na escola como um fenômeno ambivalente; mas, não dicotômico. A partir do uso da técnica de grupos focais, os resultados obtidos evidenciaram que o esporte incorpora um dualismo, em razão da dificuldade de conceituá-lo, de precisar seus objetivos e da diversidade de utilização do termo “esporte” nos debates sobre o tema, especialmente, no contexto da prática da Educação Física na escola.

Palavras Chave: esporte; escola; ambivalência; Educação Física.

ABSTRACT

This study aimed at discussing sports in school beyond the recurring dichotomy in discussions between the formative and alienating character. It was motivated by the theoretical contributions of Bauman, which allowed a more comprehensive understanding of the sport. From this perspective, it was pointed out as a hypothesis to explain the possibility of sports in school as an ambivalent phenomenon, but not dichotomous. From the use of the technique of focus groups, the results showed that sports embody a dualism because of the difficulty in classifying them, clarifying their goals and because of the diversity of use of the term "sport" in the debates on the subject, especially in the context of the practice of physical education at school.

Keywords: sports, school, ambivalence and Physical Education.

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1- Categorização dos jogos cooperativos.....	36
QUADRO 2- Categoria esporte e manifestações.....	85
QUADRO 3 - Categoria escolar e manifestações.....	86

INTRODUÇÃO

O objetivo do presente estudo, de um modo geral, foi interpretar o esporte à luz da noção de ambivalência de Bauman. E, de modo específico, identificar a perspectiva ambivalente: no conceito de esporte, nas percepções de professores de educação Física e no contexto da prática do esporte como conteúdo da disciplina Educação Física.

Para o alcance dessa proposta algumas questões particulares foram entendidas como relevantes: os conceitos de esporte apresentado por sociólogos e estudiosos de Educação Física, a percepção que professores de Educação Física da rede oficial de ensino do Distrito Federal e a percepção de estudantes de diferentes cursos sobre a relação esporte/escola. Neste contexto, reflexões preliminares sobre a citada relação são apresentadas, intentando evidenciar o problema de pesquisa e sua justificativa.

O esporte, atualmente, tem sido considerado uma das manifestações culturais que mais tem apresentado evoluções e transformações, tanto no campo técnico como no campo de absorção pela sociedade, o que o leva a ser entendido, atualmente, como um fenômeno social em processo de construção. Essa evolução propicia o interesse de diversos setores como: o político, o econômico, o social, o cultural e o educacional, entre outros.

O caráter plural do esporte, por si só, já representa uma ampla gama de estudos direcionados pela diversidade das áreas interessadas. Entretanto, a proposta de estudo foi norteadada pelo impacto que o esporte moderno traz a partir do momento que a escola, instituição legal/formal de educação apropriou-se desse fenômeno social como parte dos conteúdos da disciplina Educação Física, disciplina curricular obrigatória na Educação básica.

Na verdade, o esporte moderno como é entendido hoje nasce nas escolas da aristocracia britânica, as public schools. Um fato retratado nas falas de Bourdieu (1983), no trecho abaixo:

Parece indiscutível que a passagem do jogo ao esporte propriamente dito tenha se realizado nas grandes escolas reservado as elites da sociedade burguesa, nas public schools inglesas, onde os filhos das famílias da aristocracia ou da

grande burguesia retomavam alguns jogos populares, isto é, vulgares impondo-lhes uma mudança de significado e de função, muito parecida com aquela que o campo da música erudita impôs às danças popular. (BOURDIEU, 1983, p.139)

Contudo, no Brasil este fenômeno de esportivização¹ tem origem em um contexto político identificado por Ghiraldelli Jr (1989) como sendo uma intervenção política do Governo militar brasileiro (1964-1985). Para o citado autor a esportivização das escolas representa interesses específicos de legitimação do Estado brasileiro. Na fala de Ghiraldelli:

A ideia força de ênfase na Educação Física era a seguinte: o estudante, cansado e enquadrado em regras de um esporte, não teria disposição para entrar na política. Esta ideia era, alias adaptada de outra que os militares desenvolveram para recrutas e os alunos das escolas militares. (GHIRALDELLI Jr 1989, p.42)

Se no contexto das escolas inglesas o esporte surgiu como formação para a elite e ocupação do tempo ocioso, no Brasil o esporte chega às escolas como forma de legitimar os Governos militares e reforçar os ideais do modo de produção capitalista. Além disso, eram utilizados como forma de desviar as atenções de áreas conflituosas. Souza (1974) apud Ghiraldelli (1989, p.32) aponta para detalhes significativos.

Se fadigarmos o corpo e orientarmos o espírito sem rumo do desocupado, do ocioso, ele buscará a recuperação no leito, no descanso, e não no bar, nas esquinas [...] Se dermos ao operário de corpo cansado, após uma jornada laboriosa, uma atividade desportiva sadia, o seu repouso será bem mais reconfortante, sofrendo nele, por vezes, a revolta contra patrões, contra a própria atividade funcional. [...] Se na escola aplicarmos uma atividade física adequada, ajudaremos os jovens a suportar os desajustes familiares.

A conscientização dessa relação esporte /escola denunciada na década de 1980, não apenas por Ghiraldelli Jr, mas também por diversos estudiosos da Educação Física (Valter Bracht, João Paulo Medina, Victor Marinho de

¹ De acordo com Soares (1996), a partir da última década do século XIX, o nome "ginástica" ainda é muito utilizado para tratar a aula que se destinava às atividades físicas, mas já nesse tempo surge o nome "Educação Física", com o qual convivemos até os dias de hoje. O treino esportivo e o jogo esportivo começam a ganhar terreno e perde-se a proposta de abrangência anterior. Os alunos então passam a ter uma aula cujo modelo é baseado nos métodos de treinamento

Oliveira entre outros) engendra um acalorado debate sobre os reais alcances das práticas esportivas como ferramenta educativa, visto que sendo a escola uma instituição formativa não poderia conviver com fenômenos contrários a ideia de construção da cidadania. Assim, a abertura política iniciada no Governo do Presidente da República João Batista Figueiredo propicia um relaxamento da censura em relação às publicações. Fato responsável pelo engendrar de óticas de análises sociais diferente das até então oficiais.

Várias publicações ganham fôlego no país e autores como: João Paulo Medina, Valter Bracht e Vitor Marinho de Oliveira iniciam uma reflexão de incomensurável importância para o contexto da Educação Física escolar como é percebida na atualidade.

As obras citadas tentam encontrar na Educação Física escolar a possibilidade de superação de um fazer reprodutivista² para uma prática educativa crítica. Assim, Oliveira (2005) iniciando uma análise do fazer da Educação Física escolar e de como foi utilizada na representação dos interesses das elites, percebe um potencial nessa disciplina capaz de transportar um fazer de consenso, modelo do período de Governos militares, em uma prática crítica e conflituosa. Na ótica advogada pelo autor o imobilismo implantado aos moldes dos Governos militares é inadequado ao momento contemporâneo. A ideia de uma Educação Física, como instrumento indispensável para a formação do trabalhador forte, saudável e disponível para sacrificar-se em prol do crescimento e desenvolvimento da "pátria amada" não encontra mais justificativa nem sustentabilidade.

Nessa linha de reflexão, Oliveira (2005) faz uso dos pensamentos de Marx e Engels para fomentar um fazer da educação Física escolar comprometida com o projeto político de transformação social. Na lógica de seu pensamento, o ideal capitalista implantado pela burguesia não cumpriu seu ideal de igualdade, fraternidade e liberdade. Ao contrário aprisionou a classe operária nas ideologias dominantes.

² Maiores esclarecimentos sobre a perspectiva da escola reprodutivista podem ser encontradas no livro "Didática" de José Carlos Libâneo.

A preocupação com a superação de uma perspectiva entendida como reprodutivista engendra um debate teórico formado por uma análise dicotômica entre o esporte e sua possibilidade educativa na escola. A dicotomia consiste na subdivisão de duas correntes de interpretação do esporte escolar.

A primeira corrente percebe no esporte o potencial para a aquisição de senso crítico, responsabilidade, perseverança, paciência e solidariedade. (BENTO, 1999; STEFANELLO, 1999). Por outro lado, há um grupo de estudiosos da Educação Física, a segunda corrente, que acusam o esporte de servir como adaptação aos valores e normas para a funcionalidade e desenvolvimento da sociedade capitalista (BRACHT, 1992; 1997; BRUHNS, 1993; KUNZ, 2001)

O tema é complexo e encerra importantes diálogos. A discussão a cerca da percepção positiva e negativa do esporte como ferramenta educativa é profunda e os grupos encontram argumentos significativos ao aludirem às consequências do esporte na escola. Valores como socialização, inclusão, disciplina, saúde, perseverança são apresentados e fundamentados pelos grupos que encontram em suas correntes teóricas a sustentabilidade necessária para a manutenção de suas percepções.

É importante lembrar o fato de algumas correntes lançarem seus olhares na tentativa de direcionar esforços na superação da visão reducionista estabelecida pelo debate dicotômico. Neste sentido, Souza (2009) aponta para as visões de Educação Física superadora e de Educação Física emancipatória como perspectivas de destacar o esporte como um fenômeno social e um bem cultural que, como tal ,pertence a todo cidadão.

Em que pese às contribuições esclarecedoras dessas concepções, ambas buscam analisar o aspecto metodológico do ensino do esporte na escola. Voltadas para um “como fazer” advogam a transcendência metodológica afastando-se da proposta de compreensão do esporte em sua essência e propondo alterações no fazer do ensino do esporte na escola.

Mesmo reconhecendo a perspectiva embrionária estabelecida nas análises de Souza (2009), o contato com as obras de Bauman³, principalmente seu livro “modernidade ambivalente” oportunizou a ótica de uma percepção para além das análises estabelecidas. Bauman (1999b) afirma que a sociedade contemporânea é uma sociedade ambivalente. Os fenômenos presentes nesta sociedade, diferente de como eram manifestados em épocas anteriores não podem ser entendidos sob uma única ótica, visto que possuem mais de um valor.

As colocações apresentadas pelo autor ao longo de suas diversas publicações são aqui entendidas como um eixo teórico capaz de explicitar uma percepção para além do entendimento de fenômeno positivo ou negativo, o que, na visão do citado autor é uma visão reducionista da realidade atual, principalmente pela dificuldade de nomear a diversidade de fenômenos presentes.

A ideia de sociedade ambivalente apresentada por Bauman é convergente, por exemplo, com a análise que o antropólogo Da Matta (1982) faz do esporte como um fenômeno inserido na sociedade e não em oposição a esta, como descrito a seguir:

Minha sugestão é que devemos entender os esportes inseridos na sociedade. Nós não tentaremos estudar a oposição entre dois termos individualizados e empiricamente coisificados, mas em vez disso enfocaremos as interconexões e expressões de um termo pelo outro. A suposição básica é de que os esportes são uma parte da sociedade, tanto quanto a sociedade é uma parte dos esportes [...] Os esportes e a sociedade são como os dois lados da mesma moeda e não como um telhado em relação aos fundamentos de uma casa. Sua relação não é de estratificação, como se os esportes fossem uma atividade posterior e supérflua, inventada depois do trabalho, mas tem, como qualquer outra coisa, uma ligação dialética e reflexiva com a sociedade.

A percepção de Bauman (1999) que a sociedade contemporânea é ambivalente, associada à interpretação de Da Matta (1982) motivou a presente

³ Mesmo reconhecendo todo um contexto de autores que discutem e outros que criticam a pós-modernidade a presente pesquisa limitará sua reflexão a partir dos conceitos de Bauman. Tal escolha não significa desprezar as demais possibilidades como: Jameson, Harvey, Boaventura Santos e tantos outros, mas a escolha de um viés de análise.

pesquisa e engendrou inquietações que foram traduzidas em questões norteadoras da pesquisa, a saber:

- O fenômeno esporte pode ser estudado à luz do conceito de ambivalência de Bauman?
- Como a ambivalência pode ser percebida no esporte?
- A ambivalência é algo inerente ao esporte ou ocorre na prática esportiva em consequência de suas atividades?

A crença motivadora entende ser a ambivalência um fenômeno presente no esporte e acontece desde a dificuldade encontrada para a sua conceituação. O esporte, como fenômeno ambivalente não aceitará um único conceito, dependerá do foco de onde ele estará inserido e dos interesses das áreas que dele se apropriam. Além disso, também se apresenta como asserção o fato de que o professor de Educação Física ou o treinador não é capaz de reduzir a presença da ambivalência no esporte, visto que a mesma não se reduz. A perspectiva ambivalente é intrínseca aos fenômenos em razão de sua fluidez e complexidade de estar em um mundo líquido. Assim, acredita-se que o fenômeno esporte é ambivalente e caberá à escola aprender a conviver com esta ambivalência.

Á guisa de justificar a escolha do tema faz-se mister a percepção de que o esporte na escola hoje é uma realidade inquestionável. Tanto os Parâmetros Curriculares Nacionais como os currículos específicos das diferentes regiões brasileiras apresentam o esporte como conteúdo obrigatório a ser trabalhado ao longo de toda a Educação Básica (segunda fase do Ensino fundamental e Ensino Médio). Contudo, as discussões sobre a relação esporte/ escola, no âmbito mantido de apreciação maniqueísta do bem ou do mal apresenta uma visão reducionista do esporte e de suas possibilidades educativas.

A constatação da possibilidade de compreensão do esporte sob uma ótica ambivalente poderá servir, no contexto teórico, da ampliação ao entendimento de valores coerentes com o modelo de sociedade atual, favorecendo assim, o pensar da Educação Física escolar como uma disciplina rica de contribuições educativas sem a preocupação funcionalista de apresentar-se como uma disciplina que é menos importante que as demais. O

estudo poderá oportunizar a compreensão das contribuições para além da visão reducionista de: manutenção da saúde, solidariedade, participação em equipe, perseverança e outros valores discutidos pela corrente de defensores do esporte na escola.

Assim, entender o esporte como positivo é percebê-lo como um fenômeno onde lesão/saúde, inclusão/exclusão, conscientização/alienação e outras possibilidades dualistas caminham concomitantes, dentro de um contexto da realidade social. No esporte, como na vida, as perspectivas ambivalentes acompanham a formação do sujeito individual e social aproximando-o da compreensão de um estar no mundo contemporâneo de permanente tensão, onde as incertezas direcionam a realidade.

No contexto prático a compreensão do esporte escolar sob a ótica da ambivalência poderá fomentar uma dinâmica de debates sobre as práticas esportivas enfocando os diferentes conflitos presentes nos diversos aspectos que envolvem o campo esportivo. Tal fazer suscitará um debate nos campos midiático, econômico, político e profissional, entre outros favorecendo que os alunos compreendam a prática esportiva em diferentes percepções o que sustentaria uma visão crítica do esporte.

Fundamentado nas falas anteriores o presente estudo assim define seus objetivos:

Objetivo geral

Analisar, a partir de conceitos teóricos da sociologia do esporte, de estudiosos da Educação Física e de investigação empírica, o fenômeno esporte à luz do conceito de ambivalência apresentado por Bauman.

Objetivos específicos

- Estudar como os teóricos da Sociologia e da Educação Física conceituaram o esporte.
- Identificar na percepção de professores de Educação Física elementos/categorizações/codificações de ambivalência no conceito e na prática do esporte na escola.

- Verificar as formas de manifestação da ambivalência no esporte, tanto na sociedade quanto na escola.

CAPÍTULO 1

A NOÇÃO DE AMBIVALÊNCIA NA OBRA DE BAUMAN

O presente capítulo discute o pensamento de Bauman e o contexto da construção do conceito de ambivalência, ideia principal e norteadora de toda proposta de estudo. Alude ao processo de análise do referido autor e de como sua interpretação da realidade atual interfere nas noções dos conceitos apresentados. Além disso, o estudo de como o autor construiu e sustentou a ideia de sociedade ambivalente propiciou categorias de análise da pesquisa. Essas categorias foram construídas a partir de comparações entre o texto do autor e a possibilidade de análise do esporte.

Preocupado com a sociedade contemporânea Bauman⁴ parece direcionar seus estudos na compreensão da realidade atual e no legado herdado pela sociedade do século XXI. Embora suas diferentes produções tratem também da relação causa-efeito entre economia – política e sociedade, seu discurso orienta-se muito mais pela tentativa de entender a sociedade e a vida social. Essa preocupação termina por sobrepor a posição otimista ou pessimista, além da preocupação em desvelar a realidade. Bauman (2011) se apresenta como um intérprete do mundo contemporâneo assume o papel de tradutor da realidade atual. Sua contribuição consiste em sintetizar os fatos ocorridos e apresenta-los aos pensadores sociais. Age como um mediador do debate sociológico.

Bauman tem associado ao seu nome a percepção de um mundo líquido e de grande fluidez. Em algumas de suas obras: *Amores Líquidos*, *Modernidade líquida*, *Modernidade e ambivalência*, *O mal estar da pós-modernidade*,

⁴ ZYGMUNT BAUMAN, sociólogo polonês, iniciou sua carreira na Universidade de Varsóvia, onde teve artigos e livros censurados e em 1968 foi afastado da universidade. Logo em seguida emigrou da Polônia, reconstruindo sua carreira no Canadá, Estados Unidos e Austrália, até chegar à Grã-Bretanha, onde em 1971 se tornou professor titular da Universidade de Leeds, cargo que ocupou por vinte anos. Responsável por uma prodigiosa produção intelectual (*Modernidade líquida*, *legisladores e Interpretes*, *Modernidade e ambivalência*, *Amores líquidos*, *Globalização as conseqüências humanas*, *Vida para o consumo*, *O mal estar da pós- modernidade*, *Bauman sobre Bauman*, entre outras) recebeu os prêmios Amalfi (em 1989, por sua obra *Modernidade e Holocausto*) e Adorno (em 1998, pelo conjunto de sua obra). Atualmente é professor emérito de sociologia das universidades de Leeds e Varsóvia.

Globalização: as consequências humanas e Vida para o consumo tenta explicar as transformações ocorridas na realidade contemporânea. Em seu esforço afirma que a vida social, econômica, política e afetiva não pode mais ser amparada por modelos anteriores, o que faz com que interprete a realidade a partir de uma concepção de que o mundo é um mundo moderno, mas não uma modernidade sólida, como em tempos anteriores e sim um mundo de modernidade líquida.

Para explicar a modernidade contemporânea, Bauman (2000) faz uso de uma metáfora.

Fluidez é a qualidade de líquidos e gases, o que os distingue dos sólidos é que eles não podem suportar uma força tangencial ou deformante quando imóveis, e assim sofrem uma constante mudança de formas quando submetidos a uma tensão. Essa contínua e irrecuperável mudança de posição de uma parte do material em relação a outra parte quando sobre pressão deformante constitui o fluxo, propriedade característica dos fluidos. Em contraste, as forças deformantes num sólido torcido ou flexionado se mantêm, o sólido não sofre o fluxo e pode voltar a sua forma original [...] Os líquidos são fotos instantâneas que precisam ser datadas, movem-se facilmente. Eles fluem, escorrem, esvaem-se (BAUMAN. 2000 pp. 7/9)

Nesta visão o autor tenta apresentar a realidade contemporânea como uma realidade em constante construção. Um mundo onde liberdade e insegurança, avanços tecnológicos e perda de qualidade de vida, globalização e desemprego caminham lado a lado. Na verdade, todas essas apreciações feitas pela observação deste leitor de um mundo líquido são tratadas de forma cautelosa nas diferentes publicações. Não caberá nesse trabalho apreciar todas as afirmações apontadas por Bauman. Contudo, um conceito do autor emerge dessa leitura de fluidez, o conceito de modernidade ambivalente.

Na visão apresentada pelo autor, como será discutida no desenrolar desse capítulo, a ambivalência⁵ é um fenômeno atemporal, que sempre esteve presente nas diferentes sociedades, mas que foi camuflada pelas características de uma modernidade sólida. Assim, embora o conceito seja alvo

⁵ Mesmo não sendo uma preocupação de Bauman, o presente trabalho tenta demonstrar que a categoria ambivalência não deve ser confundida com a contradição da dialética e nem com o vir a ser. A ambivalência está atrelada às modificações presentes nos fenômenos, que por vezes aproximam-se da categoria contradição, por outras de uma perspectiva de um vir a ser, mas que em outras vezes não podem ser explicadas por estas perspectivas.

de uma de suas publicações ela está presente em todo o seu pensamento filosófico e sociológico.

Para Bauman (1999b, p.9) a ambivalência é “a possibilidade de conferir a um objeto uma ou mais categorias, o que suscita uma desordem na função nomeadora da linguagem”. Para destacar a importância do conceito, o autor explicita a consequência que esta imprecisão suscita na sociedade. Em seu pensamento o homem utiliza-se da linguagem para manter a ordem social, eliminar o acaso e reduzir a duplicidade de compreensão. Para ser verdade atualmente seria necessária a elaboração de um mega arquivo contendo todos os itens do mundo, mas, diante de sua impossibilidade a ambivalência torna-se inevitável, é o último estágio da humanidade, é a coexistência da diversidade, da aceitação do “outro”, do estranho, da alteridade é o próprio palco da peça chamada pós-modernidade.

No processo de sua reflexão, embora a ambivalência seja atemporal, ou seja, sempre esteve presente, a forma de organização social presente no mundo de modernidade sólida⁶ é que impedia a sua manifestação. Um esquema montado sob o comando de um projeto social agia de forma intensa na manutenção da ordem social. Evidentemente que a ordem e a organização são o inverso da ambivalência, uma vez que a ambivalência é tratada pelo autor como o refugio da modernidade sólida.

No entender de Bauman (1999-a) a presença do Estado e a sua atuação diante da sociedade são fundamentais para a caracterização do mundo sólido ou líquido. Para o autor a marca da modernidade sólida é o projeto moderno de controle do mundo através da união entre Estado e ciência. O projeto consistia em tornar o mundo o melhor dos mundos possíveis através dos avanços científicos. Cabia ao Estado, através de seu projeto:

(...) fornecer os critérios para avaliar a realidade do dia presente. Estes critérios dividiam a população em plantas úteis a serem estimuladas e cuidadosamente cultivadas e ervas

⁶ A modernidade sólida. Tem início com as transformações clássicas e o advento de um conjunto estável de valores e modos de vida cultural e político. Na primeira metade do [século XX](#), vários movimentos de [vanguarda](#) na [arte](#) e na [cultura](#) ocidental constituem o que se costuma chamar [modernismo](#)(BAUMAN ,2000)

daninha a serem removidas e arrancadas (BAUMAN, 1999-b, p.29)

Igualmente importante era a função da ciência.

A ciência moderna nasceu da esmagadora ambição de conquistar a natureza e subordiná-la às necessidades humanas. A louvada curiosidade científica que teria levado os cientistas aonde nenhum homem ousou ir ainda foi isenta da estimulante visão de controle e administração (BAUMAN, 1999-b, p.48)

O exercício realizado pela união do Estado Jardineiro com a ciência, mesmo tentando bloquear as manifestações ambivalentes termina por ser a sua própria realidade. A reflexão que o autor faz sobre esta relação em outra discussão “modernidade e holocausto” aponta para tal argumento como o fator utilizado por Hitler para o extermínio de Judeus na segunda Grande Guerra. Na verdade, o que o Estado alemão fez foi o extermínio das ervas daninhas. As ervas daninhas, na visão do Nazifacismo eram os Judeus.

O Estado protetor é o responsável pelo infortúnio dos seus súditos e suas políticas são transformadas na causa óbvia do sofrimento. O mercado de consumo, sua principal criação, é também o seu pior veneno. Os produtos do mercado são excludentes, ambivalentes. A tolerância promovida pelo mercado fragmenta, ao invés de unir, e, a solidariedade anunciada por ele se desfaz. A sua mais representativa criação é também a maior fraqueza. (BAUMAN, 1999b, p.23)

Também a ciência, na busca pelo branqueamento da raça e purificação de uma raça superior exerceu uma singular interferência na elaboração de um projeto social. Mas, como foi possível perceber, a ação do Estado aliado à ciência foi uma ação de combate ao “estranho”. Seres alheios aos interesses do estado alemão.

Como apresentou Bauman, a própria questão da certeza é colocada em discussão:

O mundo é ambivalente, embora seus colonizadores e governantes não gostem que seja assim e tentem a torto e a direito fazê-lo passar por um mundo não ambivalente. As certezas não passam de hipóteses, as histórias não passam de construções, as verdades são apenas estações temporárias numa estrada que sempre leva a diante, mas nunca acaba. (BAUMAN, 1999 b, p.189)

A ambivalência posta é analisada como a outra parte da ordem, seu inverso. Enquanto a ordem procura a estrutura de um mundo geométrico, a ambivalência caminha com a deselegância nas artes e movimentos, é a ruptura. A ambivalência é o refugio da modernidade, o caos desordeiro, traz a confusão como consequência da luta pela clareza. Se na modernidade a ordem era triunfal a pós-modernidade é marcada pela desordem, falta de um padrão. A ambivalência pode ser entendida com as duas faces da mesma moeda, a ambiguidade e duplicidade dos fenômenos e relações oriundas e construídas no modelo pós-moderno de sociedade.

Vivemos em constante ambivalência, se por um lado estamos condenados a viver sem esperanças de alcance de certezas e verdades, por outro é exatamente esta incerteza que nos impulsiona a uma reflexão trágica de nossa realidade à medida que nos damos conta de nosso caráter contingente e momentâneo. Esta consciência será a forma de conduzir o indivíduo a sua emancipação.

Em outra participação de significativa contribuição a ambivalência volta a ser apreciada. Em “Globalização: as consequências humanas” o autor mostra que o mundo globalizado é um mundo ambivalente, principalmente quando se aprecia as consequências sociais da globalização. Se por um lado existe uma parte da sociedade que ganha, cada vez mais com o fenômeno da globalização, por outro existe uma parcela que perde cada vez mais.

O que se chama de globalização é o movimento dos desejos dos turistas que, como efeito secundário, mas inevitável transforma muitos outros em vagabundos. Os vagabundos sonham em ser turistas e são os pesadelos dos turistas que temem um dia se tornar vagabundos. A bem da verdade os vagabundos representam o alter ego dos turistas. “Servir como um depósito de entulhos dentro do qual todas as premonições infáveis, os medos inexpressos, as culpas e as autocensuras secretas, demasiadamente terríveis para serem lembrados, se despejam”. (BAUMAN, 1999a, p.119)

O conceito acima ganha maior clareza quando o autor supracitado traz para referência as grandes empresas, seus investidores e seus trabalhadores. Os acionistas de uma empresa não estão presos ao local. Por isso, ao vislumbrarem melhores negócios em outras localidades o fazem prontamente. Mas os trabalhadores estão presos ao local, estão fadados a cumprir a

penalidade do processo. Seus vínculos familiares e suas obrigações o impedem de mudar com a mesma agilidade das empresas por isso, nas falas de Bauman (1999 a, p.15) “ficam com a tarefa de lamber as feridas”.

Posto pelo autor esta situação denunciada é a própria manifestação da ambivalência da globalização. É pensar uma sociedade com uma fluidez capaz de promover o deslocamento de empresários. Mas a mesma globalização que promove o deslocamento dos empresários aprisiona os funcionários, que permanecem estáticos expostos à sorte de investimentos de empresas, cada vez mais multinacionais. Por isso, falar de globalização é falar de ambivalência, assim como falar de um mundo líquido.

A luta contra a ambivalência tem início no momento de elaboração ou de proposta de elaboração de um projeto social. Uma tentativa de eliminação do estranho. O estranho é aquele que escapa da classificação, a recusa. Não por vontade própria, mas por sua natureza. A sociedade não consegue ordenar o estranho, o que impede a realização de seu projeto perfeito de sociedade. Bauman, (1999b, p.44) afirma: “A eugenia foi à ciência que melhor interpretou estas preocupações modernas” A ideia do controle de raças, da cirurgia social, nada mais é que o extermínio dos estranhos.

Conforme se mostrou no início deste trabalho, o massacre aos Judeus foi uma clara demonstração de tentativa de superação da ambivalência, mas outros grupos foram igualmente perseguidos e exterminados por mostrarem-se estranhos às propostas de projeto social. Os ciganos, por exemplo, foram perseguidos pelo mundo inteiro, sua diferença e sua rejeição ao processo ordeiro de organização fundamentaram os legisladores e os cientistas sociais na busca por sua eliminação. Mais do que isso, um forte processo ideológico, assim como na caça aos Judeus, legitimava a ação do Estado.

Na visão de Bauman (1999 b) os genocídios do século XX não foram aberrações extemporâneas. Na verdade, estas ações foram produtos legítimos do espírito moderno. Suas ações mantinham coerência, até as últimas consequências com o projeto de engenharia social em uma clássica demonstração de Estado jardineiro.

A visão nazista de uma sociedade harmoniosa, ordeira, sem desvio extraía a sua legitimidade e atrações dessas visões e crenças já firmemente arraigadas na mente do público ao longo do século e meio de história pós-iluminista, repleta de propaganda científica e exibição visual da assombrosa potencialidade da tecnologia moderna (BAUMAN 199 b, p.38)

Ao longo de suas publicações Bauman aponta para a ambivalência como sendo o elemento chave para a compreensão da sociedade contemporânea. Nas obras apontadas o impacto reside na denúncia da tentativa “legítima” para o mundo de modernidade sólida de superação da ambivalência em nome de uma sociedade qualificada, segura e ordeira.. Neste modelo a realidade é sempre um vir a ser. É uma impressão da realidade, algo que aconteceu e não mais se repetirá da mesma forma, sempre alcançando formatos diferentes.

Bauman (2000) alude à sociedade contemporânea através da metáfora da liquidez ou fluidez. Nesta sociedade a luta contra a ambivalência deixa de existir e, desta forma a sociedade passa a ser entendida como ambivalente. Fica simples de entender a ambivalência posta a partir da metáfora da fluidez.

[...] em linguagem simples, os líquidos, diferente dos sólidos, não mantêm sua forma com facilidade. Os fluidos, por assim dizer, não fixam o espaço nem prendem o tempo. Enquanto os sólidos têm dimensões espaciais claras [...] os fluidos não se atêm muito a qualquer forma e estão constantemente prontos a mudá-las; assim, para eles o que conta é o tempo ,mais do que o espaço que lhes toca a ocupar(BAUMAN 2000,p.8)

O autor ainda continua a sua reflexão apontando que os fluidos movem-se facilmente, fluem , escorrem e respingam. E é essa fantástica capacidade de mobilidade que associa aos fluidos a característica de leveza, a mobilidade e a inconstância. Nesta reflexão é possível perceber a presença da ambivalência. O mundo dos sólidos é o mundo rígido, ordenado de regras e de verdades. É um mundo de notória dificuldade de movimentação, estático e prisioneiro das peças rígidas de verdades unilaterais.

Ao contrário, o mundo ambivalente é um mundo leve e dinâmico. Nem melhor nem pior que o mundo sólido, até pela incapacidade de estabelecer qualquer tipo de comparação, são realidades distintas. Assim, a fluidez do mundo líquido não pode ser entendida como a própria manifestação da

ambivalência, mas a ambivalência, de certa forma, possui relação com a fluidez. A dinâmica do mundo só ocorre com o fim do combate à ambivalência, não por generosidade, mas por impossibilidade de sustentação dos ideais do projeto de sociedade perfeita.

Isso não significa advogar a inexistência de um projeto para a realidade líquida. Contudo, os projetos contemporâneos não podem ater-se a modelos fixos, isso seria insustentável. Bauman (1998) trata das consequências sociais dentro de uma realidade líquida. Sua análise intitulada de “Mal estar da pós-modernidade” afirma que se por um lado há um ganho inquestionável de liberdade, por outro há a ampliação da insegurança.

Você ganha alguma coisa e em troca perde outra coisa: as antigas normas mantêm hoje tão verdadeiro quanto o era então. Só que os ganhos e as perdas mudaram de lugares: os homens e mulheres pós-modernos trocaram um quinhão de segurança por um quinhão de felicidade. Os mal-estares da modernidade provinham de uma espécie de segurança que tolerava uma liberdade pequena demais na busca pela felicidade individual (BAUMAN 1998, p.10)

Com essa fala o autor demonstra que a realidade é sempre formada pela variedade de situações. Não há como ganhar em todas as dimensões. A realidade líquida é a realidade da liberdade, mas a liberdade traz consigo a insegurança. Pensando de forma prática é possível imaginar a liberdade por buscas alternativas no campo do trabalho, mas não há como assegurar a durabilidade deste serviço, uma vez que a fluidez social poderá torná-lo sem valor muito mais rápido do que se imagina. No mesmo diapasão aparecem as relações sociais, afetivas e até a relação entre vizinhos. Hoje, a possibilidade de movimentação propicia, para alguns, a possibilidade de grandes ganhos econômicos. Entretanto, é preciso permanecer trancado em seus condomínios de luxo com medo de algum tipo de violência.

Num mundo sólido e monovalente esta possibilidade estaria “camuflada” pela interferência da ação autoritária do Estado. Tomando por empréstimo o pensamento de Aulic (1985) a ação seria consolidada pela utilização de aparelhos repressores de Estado (polícia, exército) ou através dos aparelhos ideológicos de Estado (igrejas, escolas, família...). Ao primeiro caberia a função de, como explicitou Bauman, retirar as ervas daninhas do canteiro de forma

bruta e ao segundo o convencimento de que esta ação é necessária e benéfica ao perfeito funcionamento da sociedade desejada. Assim a sociedade seria “segura” porem determinada pela ação dirigente.

Ambivalência e fluidez parecem caminhar lado a lado em uma relação diretamente proporcional. A sociedade é líquida por que é ambivalente e é ambivalente por que é líquida.

Outra apreciação de significativa relevância e que é capaz de apontar de forma clara como o autor percebe a ambivalência na sociedade é uma das últimas publicações de Bauman no Brasil, “a arte da vida”. Para conduzir sua apreciação o autor toma por empréstimo um questionamento de Michael Rustin⁷ “o que há de errado com a felicidade?” A partir desta indagação o debate começa a examinar a relação existente entre ganhos econômicos e a felicidade, uma vez que é consenso a crença de que quanto maior a riqueza maior a felicidade.

Nessa singular passagem de apreciação da realidade Bauman (2009) examina pesquisas realizadas entre os americanos no período pós-guerra. Evidentemente que o produto nacional bruto (PNB) aumentou e com isso, o poder de compra dos americanos também aumentou, mas as pesquisas não apontam para a indicação de aumento de felicidade. Ao contrário, os índices de suicídio e de depressão cresceram. Mas, como isso poderia acontecer?

Bauman (2009, p. 8) diz que perguntar o que há de errado com a felicidade é um paradoxo.

[...] é como perguntar o que há de quente no gelo ou de malcheiroso numa rosa. Tais perguntas presumem a viabilidade de uma inconsistência inconcebível (onde há calor não pode haver gelo). De fato, como poderia haver algo errado com a felicidade? “Felicidade” não seria o sinônimo de ausência de erro?

Para melhor explicar o fenômeno o autor apresenta uma passagem do discurso de Robert Kennedy, um pouco antes de seu assassinato.

Nosso PNB considera em seus cálculos a poluição do ar, a publicidade do fumo e as ambulâncias que rodam para

⁷ Michael Rustin. What is wrong with happiness. Soundings, verão 2007,p.67-84

coletar os feridos em nossas rodovias. Ele registra os custos dos sistemas de segurança que instalamos para proteger nossos lares e as prisões que trancafiamos quem consegue burlá-los. Ele leva em conta a destruição de nossas florestas, de sequoias e sua substituição por uma urbanização descontrolada e caótica. Ele inclui a produção de napalm, armas nucleares, e dos veículos armados usados pelo polícia para reprimir a desordem urbana. Ele registra programas de televisão que glorificam a violência para vender brinquedos para crianças. Por outro lado o PNB não observa a saúde de nossos filhos, a qualidade de nossa educação ou a alegria de nossos jogos. Não mede a beleza de nossas poesias ou a solidez de nossos matrimônios. Não considera nossa coragem, sabedoria e cultura. Nada diz sobre nossa compaixão e dedicação ao nosso país. Em resumo o PNB mede tudo, menos o que faz a vida valer à pena. (ROBERT KENNEDY 18-03-1968 apud Bauman 2009, p.11)

Esta passagem é aproveitada pelo autor para apontar a distância entre os avanços econômicos e a felicidade. E continua a sua apreciação examinando partes de fenômenos consumistas da sociedade. O aumento do poder econômico aumenta o consumo, entre as outras coisas, por exemplo, o aumento de compra de automóveis. O aumento de carros nas ruas e estradas aumenta o fluxo de trânsito causando engarrafamentos e acidentes de trânsito. Assim, o conforto idealizado não se traduz em benefício e sim em aumento do nível de estresse e de acidentes. Será que não poderíamos entender que o aumento do PNB é ambivalente, uma vez que aquece o mercado, aumenta o consumo e aumenta os problemas decorrentes deste consumo?

Bauman (2008), mantendo o seu propósito de leitura e divulgação da sociedade contemporânea, traz para o debate a realidade da sociedade de consumo⁸. Em sua reflexão o autor analisa a sociedade a partir da ótica do mercado consumidor e parte da afirmativa de que ninguém pode se tornar sujeito antes de tornar-se mercadoria.

Assim, sua ênfase de estudo aprecia o comportamento dos indivíduos e aponta para o consumo como sendo o principal elo e manutenção das relações sociais. O interessante é que o consumo apontado não se limita ao consumo de objetos, este também está presente, mas o autor transcende sua reflexão

⁸ Para Bauman a sociedade de consumo é uma presente no mundo de modernidade líquida, muito embora haja um debate advogando que o termo mais adequado seria “ sociedade de intensão consumista”

afirmando que a sociedade atual é marcada pelo consumo de hábitos, valores e aparências impostas pelo mercado, assim, na busca incessante por consumo, o indivíduo para sentir-se sujeito do processo comporta-se como mercadoria, pela posse de mercadorias ou pela transformação em padrões mais aceitos.

Tal fenômeno é imposto por um mercado ativo que obriga o sujeito a ingressar nesta situação ou ficar a margem do processo de socialização. Em seu pensamento, ninguém se torna sujeito social sem antes virar mercadoria. E isso ocorre desde cedo.

Tão logo aprende a ler, ou talvez bem antes, a dependência das compras se estabelece nas crianças. Não há estratégias de treinamentos distintos para meninos e meninas- o papel de consumidor, diferente do de produtor não tem especificidade de gênero. Numa sociedade de consumidores todo mundo precisa ser, deve ser e tem que ser consumidor por vocação (BAUMAN 2008, p.73).

Em “vida para o consumo” Bauman percebe que na sociedade de consumo a busca pela felicidade é imprescindível e a não aceitação de uma vida de pleno gozo e de satisfação o tempo todo é entendida como crime. Assim, cada indivíduo que busca uma integração social deve buscar, ou até fingir ser uma pessoa que aproveite a vida em sua plenitude, preocupando-se sempre com o agora. Aqueles que por ventura não ajam desta forma estão passível de sofrerem discriminações e de serem alijados do sistema.

Similar a sua produção “a arte da vida” em vida para o consumo o autor também fala de uma busca por uma felicidade. Se no primeiro a questão é a economia, no segundo uma necessidade de consumir ou de “fingir consumir” para ser aceito socialmente. Na verdade, a impressão que fica é de que o indivíduo que não cumpri o seu dever de consumir e de ser consumido pelo mercado não merece a vida social.

A vocação consumista se baseia, em última instância, nos desempenhos individuais. Os serviços oferecidos pelo mercado que podem ser necessários para que os desempenhos individuais tenham curso e fluidez também se destinam a ser a preocupação do consumidor individual (BAUMAN 2008, p.74)

A ambivalência nesta obra pode ser percebida na apreciação das relações sociais contemporâneas, principalmente na apreciação do sujeito consumidor e mercadoria e nesta busca por uma aceitação. O caráter ambivalente também é percebido na análise que o autor faz nesta obra das relações nas redes sociais. Se por um lado traz a liberdade e a facilidade da comunicação em tempo real aprisiona as pessoas em modelos consumistas de hábitos de beleza, valores e aparência. Toda esta carga ideológica que direciona o agir, sentir e pensar atinge principalmente a comunidade dos “plugados”, quase que uma obrigação entre as relações sociais. Mas será que estar “plugado” é uma manifestação livre ou uma imposição do mercado?

A obra de referência deste estudo é, sem dúvida alguma, o livro “modernidade e ambivalência” escrita por Bauman em 1999. Já foi apresentada alguma alusão sobre as afirmativas no decorrer deste capítulo. Porém, após uma apreciação da ambivalência diluída nas diferentes obras do autor referência acredita-se que a retomada de um capítulo em especial da obra citada pode ser de significativa compreensão ao processo.

Bauman (1999b) expõe um capítulo intitulado “a autoconstrução da ambivalência” que é apresentado ao final deste debate por sua capacidade de indicar informações relevantes para o fechamento da compreensão do tema em questão. O autor inicia o citado capítulo com uma afirmação que funcionará como ferramenta de apreciação e compreensão do real.

O encargo de ter que resolver a ambivalência recai em última análise, sobre a pessoa lançada na condição ambivalente. Mesmo que o fenômeno da estranheza seja socialmente estruturado, assumir o status de estranha, com toda a sua conseqüente ambiguidade, com toda a sua incomoda sobre definição e sub- definição é algo que carrega atributos os quais no fim são construídos, sustentados e utilizados com a ativa participação de seus portadores- no processo físico da auto constituição (BAUMAN 1999b, p.85).

Neste contexto, o autor fala dos estranhos inseridos no contexto da naturalidade posta pela imposição de um mercado regulador, conceito tratado com mais detalhes nas obras anteriores. Neste sentido, o enfoque fica apontado para o mister da tentativa de aceitação social do estranho. “Ser um

estranho significa, antes de tudo, que nada é natural; nada é dado por direito, nada vem de graça” (BAUMAN 1999b, p.85)

A citada questão ganha relevância principalmente a partir da percepção de mundo globalizado, de fluidez e de mobilidade de indivíduos dentro da sociedade. Em outro momento, Bauman (1999a) faz uso de uma metáfora para explicar o impacto da globalização na sociedade contemporânea. Em sua ótica a sociedade passa da tranquilidade da modernidade para a perplexidade da modernidade líquida. Segundo o autor, vivemos num mundo que tudo é programado para ser obsoleto, tudo é fluido. Na atualidade identidades são assumidas e substituídas em curtos períodos. As mudanças são inevitáveis. Não só não há mais vínculo entre o passado e o presente como também não há controle sobre o futuro. Para Bauman (1999a p.112) A lógica é não jurar coerência e lealdade a nada e a ninguém.

[...] como pode alguém investir numa realização de vida inteira, se hoje os valores são obrigados a se desvalorizarem, amanhã, se dilatar? Como pode alguém se preparar para a vocação da vida, se as habilidades laboriosamente adquiridas se tornam dívidas um dia depois de se tornarem bens? Quando profissões empregos desaparecem sem deixar notícias e as especialidades de ontem são antolhos hoje?

. Para Bauman (1999a, p.86) “Não se pode ficar parado em areia movediça, nem nesse nosso mundo pós-moderno”. A globalização movimenta a economia para a produção do efêmero do volátil. Há uma redução da durabilidade dos produtos e serviços ao mesmo tempo temos empregos precários. Tudo é organizado para o consumo rápido e temporário. Enquanto os turistas vêm e vão, os vagabundos se deslocam por achar o mundo ao seu alcance inóspito. Os turistas viajam por que querem e os vagabundos por não ter outra opção

O que se chama de globalização é o movimento dos desejos dos turistas que, como efeito secundário, mas inevitável transforma muitos outros em vagabundos. Os vagabundos sonham em ser turistas e são os pesadelos dos turistas que temem um dia se tornar vagabundos. A bem da verdade os vagabundos representam o alter ego dos turistas. “Servir como um depósito de entulhos dentro do qual todas as premonições inefáveis, os medos

inexpressos, as culpas e as autocensuras secretas, demasiadamente terríveis para serem lembrados, se despejam”. (BAUMAN, 1999a, p.119)

Assim, apreciar o impacto da ambivalência sob a ótica do estranho é pertinente e necessária. O discurso apresentado pelo autor apresenta esta realidade como sendo um problema a ser resolvido pelo próprio estranho e não consiste unicamente no fato de constituir-se um forasteiro, mas “a incongruente constituição do estranho como não sendo nem de dentro nem de fora, nem amigo nem inimigo, nem incluído nem excluído o que torna o conhecimento nativo inassimilável” (BAUMAN 1999b, p.87).

Na verdade, a análise passa a examinar a dificuldade que o estranho, alguém indefinido dentro de um contexto social enfrenta, uma vez que a fluidez da modernidade promove cada vez mais a construção de estranhos que se movem, seja como turistas, ou seja, como vagabundos, constantemente. Mas essa movimentação promovida pelo modelo social é a mesma que faz destes sujeitos serem estranhos aos processos, com marcas eternas de sua indefinição dentro da globalização. São os “cucarachas” nos estados Unidos, os “gringos” no Brasil e por aí a fora. Quanto mais o estranho tenta construir a sua inserção social, mais amplia a seu caráter ambivalente.

A partir do estudo do conceito de ambivalência apresentado nas diferentes obras de Bauman algumas categorias de análise são elaboradas. São reflexões abstraídas a partir da apreciação da proximidade do esporte com a realidade ambivalente. As reflexões surgem na percepção da possibilidade de cruzamento da análise de Bauman com a realidade do esporte. Assim, as categorias destacadas são: O esporte não pode ser balizado ou definido por modelos fechados: crítica aos modelos de esporte; o esporte acompanha as mudanças, as tensões e depende de tensões; pois, está imerso na fluidez da própria sociedade. É um conceito/fenômeno dinâmico em construção; O esporte é atemporal; Há interpretações fechadas, ordenadas e organizadas do esporte (modelos e teorias), a ideia de controle é da modernidade sólida e não líquida; Não há padrões ou certezas no esporte; pois, ele pode se apresentar como uma duplicidade; A incerteza é fértil para entender o esporte, especialmente no mundo globalizado (pós-moderno); Há racismo no esporte; O

esporte é um conceito/fenômeno fluido, dinâmico, imperfeito; O esporte é multidimensional, poli facetado, inseguro; O esporte é um produto consumido; O esporte pode ser interpretado como um fenômeno estranho, imprevisível, para muitos, maldito; O esporte é uma mercadoria, o que faz dele algo misterioso.

É com essa ideia que o presente capítulo se encerra é inicia o debate a ser tratado no capítulo seguinte. A ambivalência, como foi apresentada em todas as obras examinadas de Bauman é um fenômeno social atemporal, presente nas manifestações sociais e algo difícil de camuflar. O exercício de reflexão tratado nesse capítulo demonstrou que a própria tentativa de superação da ambivalência amplia cada vez mais a sua manifestação.

CAPÍTULO 2

ESPORTE E AMBIVALÊNCIA

A proposta de falar de esporte e ambivalência ancorou-se nas categorias levantadas após a reflexão do pensamento de Bauman no capítulo anterior. Nesse momento procurou-se indicar como as práticas esportivas cotidianas podem ser observadas sob a ótica de análise da ambivalência no mundo de modernidade líquida. O esforço foi de tentar examinar como o esporte pode ser percebido como um fenômeno ambivalente tendo por referência a apreciação do esporte como fenômeno social.

O processo de reflexão teve início a partir da identificação de como os alunos percebem o esporte na escola. A crença foi de que o conhecimento serviria para dar maior sustentação às análises, visto que são eles que

convivem de forma mais direta com a atividade de análise. Assim, uma pesquisa realizada em 2011⁹ questionou 478 alunos de escolas públicas do Distrito Federal fazendo uso de duas questões básicas:

- 1) O que é Educação Física?
- 2) Qual a função do esporte na escola?

A coleta de dados descobriu que a grande maioria dos alunos questionados entende Educação Física como prática esportiva. Entre as respostas válidas 83% dos alunos responderam alguma coisa neste sentido. Quanto à função do esporte, as respostas mais presentes foram nesta ordem: esporte é diversão, lazer e saúde. Atento aos dizeres apresentados pelos estudiosos do assunto à reflexão inicia por tentar entender o esporte como fenômeno social.

A análise apresentada pela apreciação dos alunos aponta que, na visão dos alunos o esporte tem uma função definida. É um fenômeno elaborado para o divertimento dos alunos. Uma prática divertida associada aos benefícios da saúde.

Ao refletir sobre a concepção da insegurança presente na concepção teórica de Bauman é possível perceber que o esporte é um fenômeno **multidimensional, poli facetado, inseguro**. A insegurança caminha na rotina das atividades e a associação do esporte à saúde deve ser apreciada com alguma restrição, visto que seu caráter poli facetado não restringe o seu fazer às questões unicamente benéficas à saúde.

Ainda sobre a multidimensionalidade do esporte outra reflexão também parece ser de significativa contribuição. Gebara (2002), preocupado em fazer uma reflexão sobre a história do que hoje entendemos como esporte moderno faz uma apreciação sobre o processo evolutivo dessa transição a partir do final do século XIX.

⁹ Pesquisa realizada por alunos da disciplina Sociologia do Esporte do Departamento de Sociologia da Universidade de Brasília sob a orientação do Prof. Dr. Aldo Antonio Azevedo. Evento realizado no segundo semestre de 2011 em escolas da Secretaria de Educação do Distrito Federal, na região administrativa de Brasília.

O autor encontra duas correntes de pensamentos distintas: os que advogam a mercantilização do esporte a partir do desenvolvimento do capitalismo, uma ótica sustentada pela tese de que o imperialismo gerou imposições em países economicamente dependentes. E os que falam de um fenômeno globalizado e inserem o esporte nesta questão. Contudo, os aspectos de interesse desse trabalho são contemplados quando o autor alude às consequências da citada globalização do esporte ou dessa imposição capitalista sobre o esporte.

Gebara (2002, p.13) afirma que “o problema da democratização do esporte deve ser entendido em sua ambiguidade. A massificação do esporte não implica necessariamente sua democratização”. Assim, mostra que vários regimes autoritários massificaram práticas esportivas como manejo político para a propaganda do regime e sua doutrinação.

Continua o autor:

É legítimo entender por democratização do esporte apenas a possibilidade de levar suas imagens a milhões e milhões de pessoas? Ou seja, estamos falando de um fenômeno cada vez mais privativo de profissionais altamente qualificados (tal qual acontece na pintura e na dança)? As questões relativas à participação no esporte estão, provavelmente, deslocando-se para a área do prazer pago. (GEBARA, 2002, p 14).

Além de indagar sobre o falso processo de democratização do esporte o citado autor ainda apresenta outro elemento que, em sua fala, mantém a ambiguidade.

Outro ponto bastante intrigante, especialmente no caso brasileiro, é a relação ambígua do esporte com a educação. De um lado, associando-se às sociedades disciplinadoras e autoritárias, o que se verifica claramente no período do Estado Novo [...] De outro lado colocando-o como elemento lúdico e socializador, mesmo no nível do Estado, os programas para tirar crianças da rua e recuperar menores e adolescentes estão pipocando nas últimas décadas? (GEBARA, 2002, p 14 IN PRONI e LUCENA, 2002).

.A caracterização da ambiguidade e da falsa democratização do esporte desvela a complexidade da compreensão do fenômeno esportivo e a dificuldade de análise do esporte sob uma única percepção.

As inquietações postas por Gebara (2002) encontram sustentabilidade na leitura que Cavalcanti (1984) faz do esporte na sociedade. A autora apropria-se das falas de alguns autores para demonstrar a duplicidade de compreensão do esporte na sociedade. Em um primeiro momento ela apresenta a dificuldade de apreciação do esporte como um fenômeno social. Para essa percepção faz uso dos estudos de Magnane (1969) que afirma ser o esporte um fato social bruto, que torna difícil a compreensão em uma noção de conjunto assim com o estudo em detalhes. A esse pensamento Cavalcanti (1984) soma as ideias de Brohm (1976) que clama pela necessidade da realização de estudos com mais profundidade nas áreas sociais, econômicas, políticas, ideológicas, educativas, artísticas e simbólicas, entendendo ser a apreciação atual ainda superficial. Mesmo assim, Brohm (1976) explica o processo de produção do sistema esportivo sob quatro aspectos:

Os fatores que determinaram o aparecimento e o desenvolvimento de um sistema esportivo mundial foram: (a) o desenvolvimento do tempo livre e das atividades recreativas; (b) mundialização dos intercâmbios através dos transportes; (c) revolução científica e técnica; (d) advento e aperfeiçoamento da revolução burguesa democrática e confronto entre nações.

Com esta visão o esporte é entendido como um fenômeno totalmente integrado ao modo de produção industrial. E é exatamente esta percepção que associa o esporte como fenômeno dependente das forças econômicas, políticas e ideologias. Elementos responsáveis, na visão do autor, pela dimensão histórica do esporte.

Desta forma, Borhm (1976) propõe um conceito de esporte sob quatro características básicas.

O esporte é um sistema institucionalizado de práticas competitivas, predominantemente físicas, delimitadas, codificadas, regradas convencionalmente, cujo objetivo reconhecido é, sobre a base de uma comparação de performances, de proeza, de demonstrações físicas, designar o melhor concorrente (o campeão) ou registrar a melhor desempenho (o record) (BROHM , 1976 apud CAVALCANTE, 1984,p.42)

Mais uma vez fica evidente o caráter multidimensional e poli facetado do esporte, visto que os autores divergem em suas apreciações de acordo com as leituras de mundo que fazem.

A leitura de Bauman sobre a sociedade de modernidade líquida explicita a dificuldade de construção de modelos fechados para a manutenção da ordem social. No mesmo diapasão é pertinente afirmar que **“O esporte não pode ser balizado ou definido por modelos fechados”**.

Quando o autor expõe as complicações oriundas das tentativas de construção de uma genética social criticou a postura do mundo de modernidade sólida preocupado em estabelecer um padrão e execrar tudo que estivesse fora dos padrões determinados. No mesmo sentido caminha o esporte. Tomando-se, por exemplo, um conceito de esporte é possível verificar a exclusão de algumas modalidades.

O desporto - qualquer que seja- é uma atividade de grupo organizada, centrada num confronto entre, pelo menos duas partes. Exige certo tipo de esforço físico. Realiza-se de acordo com regras conhecidas, que definem os limites da violência que são autorizados, incluindo aquelas que definem se força física pode ser totalmente aplicada. As regras determinam a configuração inicial dos jogadores e dos seus padrões dinâmicos de acordo com o desenrolar da prova. (Elias, 1985, p230)

Como fica o xadrez dentro deste conceito? Qual o esforço físico realizado em uma partida de xadrez? Mas o xadrez é considerado esporte. E o automobilismo? Quem está competindo, o motor ou a habilidade do piloto?

Os modelos fechados de esporte não conseguem contempla-lo em sua plenitude, permitindo lacunas conceituais e uma flexibilidade no processo de apreciação da diversidade de modalidades. Além disso, a fluidez da sociedade faz com que novas práticas esportivas sejam criadas e modificam as já existentes, ampliando o modelo vigente.

É justamente essa incerteza o fator favorecedor da compreensão da prática esportiva no momento entendido como de mundo globalizado. Como na sociedade de modernidade líquida, no esporte, **“não há padrões ou certezas”**. A duplicidade de possibilidades faz das práticas esportivas um fenômeno possuidor de uma mobilidade similar à mobilidade apresentada por Bauman ao utilizar a metáfora dos turistas e vagabundos para explicitar a realidade do mundo globalizado.

Da mesma forma o esporte também vai adaptando-se às realidades e as transformações sociais. O fim do esporte está distante de sua definição de origem. Na atualidade o esporte adequa-se às exigências da televisão e as imposições do mercado, dando uma dinâmica às suas práticas. Fato capaz de ser contemplado ao analisar as modificações dos horários de transmissões esportiva, sempre adequado às exigências da televisão, as modificações das regras do vôlei, a substituição do futebol de salão pelo futsal. Na verdade, **“O esporte acompanha as mudanças, as tensões e depende de tensões; pois, está imerso na fluidez da própria sociedade”**.

Partindo-se da reflexão de Kunz (1997) que fala especificamente da escola, mas que pode ser entendido na sociedade como um todo. É possível perceber em seu pensamento ser o esporte capaz de ofertar experiências positivas para poucos e frustrar a maioria. No mesmo sentido Oliveira (2009) fala que o esporte é discriminador. Mas será que não é possível também ser incluído através do esporte? Será que não há aprendizado nas exclusões e derrotas.

Outro elemento muito associado ao esporte é a manutenção da qualidade de vida. A literatura especializada aponta a prática esportiva, assim como a atividade física em geral como fatores preponderantes para a manutenção da saúde. Contudo, se entendermos a prática esportiva à luz dos pensamentos de Elias perceberemos que a sua função social e de legalização da violência. Na verdade, Elias (1992) apresenta o esporte como sendo um fator substitutivo das guerras em decorrência do avanço civilizatório.

Nesta análise não é possível desprezar que a prática esportiva aumenta o gasto calórico o que evita o sobre peso e conseqüentemente as doenças oriundas da obesidade, como: diabetes, hipertensão, infarto do miocárdio, entre outras. Por outro lado, a violência consentida pelas regras do esporte e até algumas transgressões, propicia uma diversidade de lesões e contusões, muitas vezes com sequelas irreversíveis. Não pense que isso ocorre apenas nas práticas de esporte de alto rendimento. Qualquer prática esportiva exige um rendimento e todo rendimento traz suas sequelas. Assim, saúde e lesão

caminham juntas nas práticas esportivas, o que apresenta mais uma manifestação da ambivalência no esporte.

Não há padrão no esporte, o mesmo acompanha a fluidez da sociedade e as diversas manifestações ambivalentes. É um fenômeno dinâmico e em construção. Essa dinâmica, exigência de uma sociedade de modernidade líquida, é que o transforma em uma fotografia da realidade, algo que atende a funções e conceitos de forma temporária.

A noção de sociedade dinâmica é uma percepção fértil para o entendimento do esporte na sociedade. Tomando-se como ponto de partida a interpretação de Bauman sobre a modernidade líquida ser o berço das incertezas e da realidade volátil, a leitura do esporte como um fenômeno igualmente incerto e impreciso possibilita uma maior aproximação do entendimento da presença do esporte na sociedade.

Acusado de ser um dos maiores vilões da história dos períodos não democráticos brasileiro, o esporte apareceu no cenário da esquerda brasileira como responsável por promover o consenso, “o ópio do povo”. Com esta intitulação foi alvo de várias críticas o que chegou a gerar produções específicas de escritores da Educação Física advogando a necessidade da retirada do esporte da escola.

Não há como negar o fato do esporte ter sido utilizado como um fator de controle, a história registra esses fatos de forma enfática e profunda. Contudo, o **“exercício de controle”**, como bem explicitou Bauman (2010) é característica da modernidade sólida e da aliança estabelecida entre o Estado e os intelectuais (os legisladores). No mundo de modernidade líquida o controle social, ferramenta típica do Estado jardineiro perde espaço para o mercado. Esse último, o grande legislador da era líquida, direciona todo o sentir, pensar e agir das sociedades apresentando-se como o fator determinante das relações.

Assim, a possibilidade de pensar o esporte como um agente de controle não pode estar associado ao momento vivido. O mundo líquido é marcado pela fluidez, mobilidade, incertezas, e perspectiva volátil, mesmo que tal fato tenha sido uma verdade em momentos anteriores.

Outra tentativa de padronizar o esporte foi à proposta da elaboração dos jogos cooperativos. Em nome da participação e da cooperação, a competição, marca da sociedade capitalista, deve ser execrada das escolas. Nesse momento, pensadores contrários à presença do esporte na escola apresentam argumentos voltados ao caráter alienante de uma prática aos moldes capitalista. Estes pesquisadores tomam como referência as publicações da década de oitenta do século passado para atribuir à Educação Física e ao esporte de rendimento a função de representante da ideologia do capital. Bracht (1986, p.62) indica o mister da ruptura ao afirmar.

[...] a análise da Educação Física com o contexto social é funcionalista, na medida em que é seu papel formar física e psicologicamente um cidadão que desempenhe o melhor possível (dentro da atual estrutura social), o papel a ele atribuído na prática social [...] desde a década de trinta ela tem cumprido o papel de reforçar a estereotipação do comportamento masculino e feminino, tem colocado para o adestramento físico necessário tanto a defesa da pátria quanto a preparação e manutenção da força de trabalho necessária aos interesses da classe dominante.

Advogando a necessidade de exclusão da competição das escolas os jogos cooperativos ganham fôlego entre a comunidade escolar. A ideia de Jogos cooperativos está associada ao pensamento de Terry Orlick, principal referencia no assunto. Contudo, em sua fala os Jogos cooperativos não representam uma novidade e nem, tão pouco, uma realidade das sociedades modernas. Sua essência "começou há milhares de anos, quando membros das comunidades tribais se uniam para celebrar a vida" (Orlick, apud Brotto, 2002, p. 47). Eram atividades com mais oportunidades de recreação que procuravam evitar as violações físicas e psicológicas. Como o nome já diz, os Jogos cooperativos são organizados através de regras que exijam para o alcance do sucesso da atividade a cooperação entre os grupos, isso realizado de forma lúdica e prazerosa.

Quadro1: Categorização dos jogos cooperativos

Jogos cooperativos sem perdedores	São os jogos plenamente cooperativos, pois todos jogam juntos e não há perdedores.
-----------------------------------	--

Jogos cooperativos de resultados coletivos	Existe a divisão entre duas equipes, mas o objetivo do jogo só é alcançado com todos jogando juntos.
Jogos cooperativos de inversão	Envolve equipes, mas os jogadores trocam de equipes todos os instantes, dificultando reconhecer vencedores e perdedores.
Jogos semi – cooperativos	Visam estimular a participação daqueles que normalmente não participam devido a menor habilidade, criando regras para estimular a participação de todos.

Quadro extraído da revista digital. Buenos Aires – Año 12 - N° 107 - Abril de 200

Esse movimento de Jogos cooperativos aparece como alternativa para a adaptação do esporte na escola, algo similar ao que Bracht chamou de o “esporte da escola”. Na mesma linha de reflexão, Brotto (2002) percebe nos jogos cooperativos a oportunidade de transformar o esporte na escola em algo menos competitivo e excludente. Percebe-se nesta manifestação um exercício fundamental para o desenvolvimento pessoal “caracterizando-os como um exercício de convivência fundamental para o desenvolvimento pessoal e para a transformação.” (p. 3). Neste fazer existe uma “*Ética Cooperativa: con-tato, respeito mútuo, confiança, liberdade, re-criação, diálogo, paz-ciência, entusiasmo e continuidade*” (p. 40).

Fica notório nas falas desse autor que o esporte na escola não é entendido como um elemento educativo. Se o fosse não haveria necessidade de transformações e adaptações, como mostram as obras estudadas. Os jogos cooperativos surgem com o intuito de diminuir o caráter competitivo presente nas escolas. De maneira geral, a ênfase está na cooperação, na construção e na participação efetiva dos alunos (todos) no processo educativo da Educação Física. Inclusive, o discurso da adaptação do esporte na escola, a ideia de retirar o esporte **na** escola e apresentar o esporte **da** escola passa a ter boa aceitação entre os profissionais de Educação Física.

Considerando as contribuições de Bauman a tentativa de inversão da proposta de esporte competitivo é mais uma forma de padronização do esporte, algo inadmissível para o modelo de sociedade vigente. O caráter efêmero e volátil da sociedade engendra uma prática não padronizada dos fenômenos sociais. Tal fazer engloba o esporte e o impede de aceitar padrões pré-estabelecidos.

Na verdade, a virada do século XXI apresenta grandes preocupações teóricas com a prática educativa em geral e com a Educação Física em especial. Os professores de Educação Física não creem que a sua disciplina possa limitar-se a um aprendizado de regras esportivas. Seus discursos sempre tentam contemplar toda uma interdisciplinaridade da disciplina e valores que acabam não sendo contemplados na prática.

Uma pesquisa realizada em uma escola pública de Florianópolis detectou que, embora o discurso dos professores de Educação Física da citada escola seja de uma prática esportiva para a formação humana, o que é percebido em realidade é o ensinamento do esporte voltado para a competição. Na citada entrevista, o professor, comentando a reclamação de sua equipe em relação e serem empurrados por alunos da outra equipe, expõe:

Ele comentou que costuma falar para seus alunos que às vezes seria necessário revidar esses empurrões, mas não de forma “agressiva”. Ressaltou que frequentemente não se trata de faltas violentas, mas sim de certa “malandragem”, o fato de um atleta empurrar o outro. Destacou ser contrário à violência e que ser “malandro” seria diferente de ser violento. Comentou que um dos seus alunos/atletas havia aprendido em pouco tempo – considerando o período que participava dos treinamentos da modalidade- a “bater, a dar umazinhas” (BASSAMI; TORRI; VAZ. 2003 p.102).

Fica evidente a preocupação com a vitória e com a vantagem, um fenômeno de rápida compreensão, principalmente se considerarmos as contribuições de Silva (2004). O citado autor associa fazeres similares ao citado anteriormente com a necessidade do professor de Educação Física demonstrar competência profissional. Segundo o autor, a vitória, as conquistas acabam por ser o diploma de competência do professor, algo similar ao currículo de treinadores de esporte de alta competição.

Essa dimensão sociocultural do esporte Na visão de Silva (2004) é a que mais está evidente na prática esportiva escolar, onde o professor de educação física, em busca de uma valorização profissional, que por sua vez é medida pelos números de torneios vencidos, medalhas adquiridas ou de troféus erguidos, deixa de considerar alguns elementos essenciais para a estruturação de uma aula realmente educativa, contra hegemônica, reforçando a competição exacerbada e a discriminação através da seletividade e do individualismo.

Com esta preocupação, o professor de Educação Física investe em atitudes capaz de promover seu trabalho e apresentá-lo como capaz. Evidentemente, na colocação do autor, o caráter educativo que poderia ser desenvolvido nas aulas de Educação Física não aceita mensuração, o que não serve para a satisfação pessoal do profissional carente de afagos e de elogios.

Ainda criticando a esportivização da escola e, principalmente a forma como ela é desenvolvida, o autor precitado aponta para as possibilidades da Educação Física escolar de aproveitar o esporte como forma de refletir a sociedade e alcançar uma maior compreensão, não apenas do próprio sujeito, como da sociedade local, nacional e internacional.

Na fala do autor precitado, praticamos muito esporte, mas refletimos pouco sobre ele e sobre os conteúdos que dele emergem. O racismo, o individualismo, a ética, a passividade, a inércia, a violência, a agressividade e tantos outros fatores que surgem na sua prática, são pontos considerados relevantes para uma discussão com os alunos no interior da escola, mas o que tem sido feito? Apenas transmitem-se técnicas e estilos de ensino do esporte aos alunos, fazendo com que eles aprendam *um esporte* e não *com o esporte* [...] (2004, p.1)

No mesmo raciocínio o autor precitado enxerga o esporte como um fenômeno social, conseqüentemente, capaz de refletir todas as mazelas e virtudes sociais. Por isso, o autor percebe o esporte na escola como um celeiro para estudos sociológicos e psicológicos. Mas, tem que ficar claro, que esta

crença, segundo o próprio autor, permanece no mundo das ideias. A prática tem sido apenas a vivência da exclusão e da discriminação.

Sobre a relação entre o esporte e a Educação Física escolar pesquisa realizada em Marília, em 2010 traz uma contribuição significativa para o estudo em questão. A pesquisa estuda o curso de Educação Física de quatro Instituições de Ensino superior e busca verificar, pela bibliografia apresentada nos planos das diversas disciplinas que tratam do esporte, quantas obras fazem a análise do esporte de forma crítica. A hipótese perseguida é de que é impossível para um futuro professor de Educação Física apropriar-se criticamente do esporte se, em sua formação de graduação no houver este tipo de estudo.

Com estas exposições percebe-se a existência de um grupo significativo de pesquisadores advogando a necessidade de uma interferência no esporte escolar. Autores marxistas e seguidores do pensamento de Valter Bracht clamam pela subdivisão e separação do esporte em esporte na escola e esporte da escola, onde o último seria adaptado para alcançar alguns valores educativos incapazes de serem contemplados nas práticas esportivos propriamente ditos.

A crítica ao esporte escolar é severa, mas não parece consistente. A crença em uma sociedade ambivalente propicia a percepção de que, assim como a sociedade, o esporte é ambivalente e atemporal. Sua prática provoca, tanto em seus espectadores, quanto dirigente e atletas, sensações diversas que caminham nas diferentes direções.

Quando examinamos os conceitos dos autores e até alguns depoimentos sobre a dificuldade que existe em conceituar o esporte é possível ousar afirmar que a ambivalência do esporte tem origem na sua imprecisão. Toda e qualquer tentativa de conceituar qualquer fenômeno sempre será uma tentativa de explicação à luz de suas compreensões e crenças, o que torna o conceito bastante subjetivo. Além disso, a utilização do esporte também o faz de múltiplas valências. O campo esportivo, como nos ensinou Bourdieu é um campo em conflito. Os atores que compõe este campo lutam por sua supremacia.

Assim, para um jornalista¹⁰ esportivo o esporte é notícia, manchetes e furos jornalísticos, por isso, a maior importância dada muitas vezes a um erro ou uma agressão do que ao gol no futebol. Já para o atleta profissional o esporte é trabalho, é fonte de renda, forma de sustentar a família. Para o espectador o esporte é espetáculo, show, lances de habilidade e de grande emoção. Para o torcedor o esporte é vitória e superação do adversário e para um praticante amador o esporte pode ser lazer, busca por melhor qualidade de vida e até superação.

Desta forma, encontrando sustentabilidade nas apreciações lidas em Proni (2002) uma mesma partida de futebol sempre será analisada por diferentes óticas de observação. Um jornalista esportivo, ao comentar uma partida de futebol, interpretará as polêmicas do jogo, os lances que fugiram a normalidade, os fatos incríveis. Já um torcedor estará atento à derrota ou a vitória de seu time do coração, comentando as “injustiças” contra o seu time e procurando justificativas para as possíveis falhas. A mesma partida, ao ser comentado por um espectador, terá o relato das belas jogadas e dos momentos de brilhantismo de um atleta mais habilidoso. E, finalmente o atleta. Este, ao término de uma partida, comentará um dia de trabalho, que pode ter sido um dia de bom desempenho ou não, mas, além disso, comemorará o fato de não ter sofrido nenhuma contusão que possa impedi-lo de participar de novas partidas.

A partida foi uma só, mas obteve uma apreciação diversificada, isso é ambivalência. Mas a ambivalência do esporte não se limitará à ótica de apreciação dos atores, a mesma apreciação poderá ser realizada no campo político. Se tomarmos por empréstimo as falas de Elias (1992) pode-se perceber que algumas empresas e escolas fizeram e fazem ainda uso do esporte como forma de transferir o foco de atenção. Para o empresário uma partida de futebol após o expediente de trabalho serve para que o funcionário descarregue suas tensões e utilize aquele momento para descarregar toda a sua violência, uma forma de proteger o ambiente nas empresas, mantê-lo

¹⁰ A sustentação da afirmação sobre a ótica de percepção de um jornalista esportivo é fruto de informações coletadas em um dos grupos focais, quando um estudante de jornalismo faz uso dessa informação para explicitar a diversidade de interpretações do esporte.

calmo. Também nas escolas as práticas esportivas são utilizadas para que os alunos gastem a energia acumulada e não tenham forças para agredir os professores e os colegas em sala. Este é um pensamento muito comum de utilização do esporte como ferramenta de liberação de energias para a manutenção da paz.

Mas, será que para os funcionários e para os alunos este momento de liberação de tensão também não é uma forma de liberação de situações estressantes de manutenção de um equilíbrio? Será que a utilização não pode ser entendida como uma ferramenta de benefício para todos os envolvidos? Na verdade, a acusação de que o esporte é uma forma de acomodação e alienação, por esse caminho não faz muito sentido.

Ainda no aspecto político há uma parcela, de grandes proporções, de estudiosos da Educação Física que afirma, na mesma linha de pensamento de Valter Bracht (1989) que “criança que pratica esporte respeita as regras do jogo... capitalista”. Em outras palavras o esporte seria uma forma de alienação da sociedade e de manutenção da acomodação às regras impostas pela sociedade burguesa. Também nesta linha de pensamento Vitor Marinho de Oliveira, em sua publicação “O consenso e o Conflito da Educação Física” indica a necessidade de um repensar para uma prática mais conscientizadora, visto que o ensino deveria utilizar o esporte como forma de transformação social e não aceitação do modelo burguês.

Não há como negar a existência de tais elementos, mas será que quem pratica e assiste esporte não é capaz de diferenciar realidades políticas de uma realidade esportiva? Será que o apito utilizado por um árbitro é uma ferramenta adestradora? O resgate das reflexões dos autores sobre o esporte, sua origem e história mostram as regras como sendo uma forma de limitar a violência e de impedir a desigualdade dentro do contexto esportivo. Assim, se por um lado apresenta a “ditadura do apito” por outro ensina a dedicação, a garra, a vontade de superação e disciplina, elementos que, juntos com a conscientização, compõe a vida social.

Dentro da perspectiva de ambivalência do esporte outros fatores ainda poderiam ser abordados, visto que a impossibilidade de definição abre um

leque de possibilidades. Para utilizarmos um termo de Bauman, autor de referência neste trabalho, o esporte não é nem amigo nem inimigo é “estranho”, algo que não é possível ser definido ou qualificado.

Transferindo o esporte para o ambiente escolar percebe-se que sua ação não se modifica. A percepção de que o esporte de alto-rendimento está presente na escola nem sempre pode ser unicamente associado aos professores de Educação Física. O mundo da revolução tecnológica faz com que toda a ambivalência do esporte entre, por intermédio da internet, do rádio e da televisão, na escola com todos os seus valores, sejam eles entendidos como positivos ou negativos.

A reflexão feita neste capítulo serviu para tentar sustentar que teoricamente a ambivalência está também presente no esporte, seja ele de alto-rendimento, lazer ou esporte educacional. Porém, a investigação empírica que virá a seguir tentou buscar a visão de atores sociais envolvidos com o esporte de uma maneira ou de outra. A ideia foi dar voz a grupos que vivem ou viveram de um contato com esporte, seja como professores, espectadores ou até algum tipo de atleta (profissional ou amador). O objetivo maior foi o de coletar experiências que pudessem sustentar a hipótese de que a ambivalência está presente e é um elemento intrínseco do esporte.

Para finalizar esta parte introdutória da reflexão um autor em especial contribui para a organização empírica da pesquisa. Necessário se faz indicar que sua contribuição nada tem a ver com a discussão de ambivalência de Bauman. Sua presença consiste na análise que faz da relação entre esporte e sociedade. Assim, Da Matta aparece como um elemento a mais na organização da investigação.

Muito embora a preocupação de Da Matta tenha sido analisar um esporte em especial, o futebol, o encaminhamento de sua análise antropológica permite aludir aos demais esportes, principalmente se elevarmos a um segundo plano a questão do drama em que o autor insere o futebol.

A contribuição deste autor reside na denúncia de que a análise presente na maioria dos discursos especializados da relação esporte- sociedade o faz a partir de uma ótica de o esporte em oposição à sociedade. Em sua fala:

Na verdade, não é preciso muito esforço para descobrir que a oposição esporte/sociedade é apenas uma dentro de uma longa lista dessas oposições típicas: natureza/sociedade, rito/sociedade, política/sociedade, economia/sociedade, sobrenatural/natural etc. Quando a confrontação, delimitação ou redução geralmente é postulada entre os elementos contrastantes. Por um lado, temos uma entidade individualizada: esporte /natureza ou uma instituição social; por outro lado temos uma entidade individualizada: sociedade. Nestas oposições, a idéia inerente é que existe uma relação funcional entre um termo e outro. Segue-se que os esportes farão algo por, com ou contra a sociedade, agindo, portanto como um instrumento positivo, negativo ou neutro em relação ao sistema social. (DA MATTA 1982, p.655)

A interpretação ofertada pelo autor é o exercício de tentar entender os esportes inseridos na sociedade, esforçando-se para a compreensão das interconexões e expressões de um termo pelo outro. Sua crença parte do pressuposto de que o esporte é uma parte da sociedade, o que traz à impossibilidade do entendimento de um alheio a compreensão do outro.

A questão básica não discernir as funções e utilidade dos esportes num determinado sistema social, e sim de tentar descobrir a expressão de alguns valores da sociedade através dessa mídia chamada esporte. Fazendo isso não perguntamos o que os esportes fazem pela sociedade, mas o que a sociedade está proporcionando aos seus membros no universo dos esportes. (DA MATTA 1982, p.656)

As reflexões apresentadas rompem com o estágio maniqueísta imposto pela visão funcionalista preocupada em encontrar valores capazes de legitimar as atividades sociais. A contribuição maior do citado autor reside na percepção de que o esporte está na sociedade como outras diferentes manifestações e não há a necessidade de associar às práticas esportivas juízo de valor sobre suas contribuições.

Ao tentar incorporar estas colocações para a prática esportiva nas escolas é possível construir a partir de uma dedução uma ponte que legitime a presença na escola, visto que a escola é entendida como uma instituição legal/formal de convivência com as atividades sociais. Neste sentido, a

preocupação com os benefícios ou malefícios da prática esportiva, a visão dicotômica estabelecida pela literatura especializada, passa a ser uma discussão sem grande relevância no contexto de interpretação de Bauman da realidade.

Entendo o esporte como mercadoria dentro de uma realidade de sociedade de ideologia consumista toda a visão do fenômeno estará atrelada à percepção de algo misterioso e indefinido. Seu fazer não poderá estar vinculado a qualquer padrão estabelecido e sua prática rejeitará as tentativas de ruptura de sua perspectiva ambivalente.

É exatamente essa a proposta de análise do próximo capítulo. Explicitar uma análise do esporte. Primeiro trilhando por uma investigação de diferentes conceitos de esporte, de como o esporte aparece no contexto social e sua aplicação. Posterior a esta apreciação será apresentado uma reflexão, baseado nos conceitos dos autores, de como o esporte pode ser entendido com ambivalente.

CAPITULO 3

A AMBIVALÊNCIA NAS INTERPRETAÇÕES DO ESPORTE

3.1 O conceito de esporte à luz de algumas interpretações sociológicas

Após a compreensão do conceito de Bauman de ambivalência apresentado no capítulo anterior e a rápida reflexão sobre a visão proposta por Da Matta e sua análise da relação entre esporte e sociedade, a discussão expõe uma relação do conceito de ambivalência com o esporte.

Também será alvo de apreciação e estudo neste capítulo uma relação aqui intitulada de ambivalência **no** esporte e ambivalência **do** esporte. Neste momento a investigação direcionará o enfoque de sua apreciação na análise de situações de ambivalência inerentes ao esporte, aqui entendida como ambivalência **do** esporte e de manifestações de ambivalência produzidas nas práticas desportivas, o que aqui será identificada como ambivalência **no** esporte. Contudo, anterior ao debate específico da relação precitada, faz-se mister um momento conceitual. Assim, a primeira questão em debate será uma revisão conceitual de esporte.

3.1.1 Norbert Elias e o esporte.

Um dos autores de grande contribuição para a compreensão de esporte como fenômeno social foi Elias. Seu esforço para buscar entender o processo de construção da relação entre esporte e sociedade apresenta, de forma reflexiva uma história da percepção do que hoje entendemos como esporte moderno.

Sua apreciação sobre o esporte inicia pela interpretação dos termos utilizados e do que cada termo significava:

Há alguns séculos, o termo Sport era usado na Inglaterra, juntamente com a versão de passatempos e divertimentos. Em a survey of London, escrita no final do século XVI, temos conhecimento do “espetáculo realizado por cidadãos”, para a diversão do jovem Príncipe Ricardo, ou sobre

o divertimento e passatempos que se costumavam realizar anualmente, primeiro na festa de Natal [...] Havia na casa dos Reis um senhor da desordem, ou mestre de joiais “desportos”. No decurso do tempo, o termo desporto passou a ser padronizado como um termo de formas específicas de recreação nas quais o esforço físico desempenhava o principal papel. (ELIAS, 1985, p.223)

É perceptível que o esporte, muito embora bem distante de como o esporte moderno é entendido hoje possui, na visão de Elias, uma relação direta com passatempo e com divertimento, todas elas sustentadas na necessidade de algum esforço físico e com a presença de regras norteadoras da atividade. Na Inglaterra, na segunda metade do século XVIII, as atividades que exigiam esforço físico apresentavam um quadro de regras e uma vigilância quanto ao cumprimento das mesmas. As regras apresentadas nestas manifestações de desporto eram norteadas pela ideia de justiça e de igualdade de condições.

Na sequência de seu raciocínio Elias (1992) afirma que um dos primeiros passatempos com características de desporto foi à caça a raposa na Inglaterra. Assim, o autor investe varias página de seu ensaio sobre o esporte e a violência explicando como a caça a raposa tornou-se um passatempo altamente especializado. O processo de caça obedecia a regras específicas elaboradas com o intuito de tornar a atividade competitiva, com elevada oportunidade de catarse ou liberação das tensões.

Ainda neste pensamento era necessária a existência de um tempo suficiente para que a atividade não tornar-se enfadonha. Assim, o amadurecimento da caça a raposa origina a criação de regras para que o clima de tensão-excitação fosse mantido por um tempo, não muito longo nem muito curto, mas o suficiente para permitir a liberação no clímax da vitória.

Na fala do autor:

Uma das características de um jogo-desporto no seu estado amadurecido é o fato do período de tensão não ser nem demasiadamente breve, nem demasiado longo. Como os bons vinhos, a maioria dos desportos necessita de muito tempo para evoluir até uma forma ótima (Elias, 1992, p.232)

Antes de apresentar o conceito de esporte propriamente dito de Elias, outra questão parece ser de contribuição para o entendimento proposto no

capítulo. Para Elias (1992) além do entendimento do surgimento na sociedade é necessário a percepção do papel do esporte na sociedade. Para o autor o esporte é um fenômeno social construído pela sociedade com a função de substituir ou de legalizar a violência, fato que iria suprir as limitações impostas pelo processo civilizatório.

Um dos problemas cruciais com que se confrontavam as sociedades no decurso do processo civilizatório era- e continua a ser- o de encontrar um equilíbrio entre o prazer e a restrição. A progressiva limitação de controles reguladores sobre o comportamento das pessoas e a formação da correspondente consciência, a interiorização de regras que regulam de forma mais elaborada todas as esferas da vida, garantem as pessoas, nas suas relações entre si maiores segurança e estabilidade, mas implicam também em perdas de satisfações agradáveis que se associavam a forma de comportamento mais simples e espontânea. O desporto era uma das soluções para esses problemas. [...] A configuração da caça a raposa mostra algumas das vias pelas quais as pessoas ainda conseguiam obter prazer em uma perseguição que envolvia violência física e morte, num estágio, em que, na sociedade geral, mesmo as pessoas mais abastadas e poderosas se tornaram cada vez mais limitadas na sua capacidade de usar a força sem a autorização da Lei. (ELIAS, 1992,p.244)

Assim, esporte para Elias é:

O desporto - qualquer que seja- é uma atividade de grupo organizada, centrada num confronto entre, pelo menos duas partes. Exige certo tipo de esforço físico. Realiza-se de acordo com regras conhecidas, que definem os limites da violência que são autorizados, incluindo aquelas que definem se força física pode ser totalmente aplicada. As regras determinam a configuração inicial dos jogadores e dos seus padrões dinâmicos de acordo com o desenrolar da prova. (Elias, 1992, p230)

3.1.2 Bourdieu e o esporte.

Ao iniciar sua reflexão sobre esporte Bourdieu (1983) parte da assertiva de que o esporte possui uma autonomia relativa. Para o estudioso não é correto afirmar que o esporte evolui determinado pela evolução social, mesmo crendo que esta evolução exerça influencia.

[...] a história do esporte é uma historia relativamente autônoma que, mesmo estando articulada com os grandes acontecimentos da história econômica e política, tem seu

próprio tempo, suas próprias leis e evolução, suas próprias crises, em suma, sua cronologia. (BOURDIEU, 1983. p, 137)

Com esta afirmação Bourdieu inicia a sua ideia de campo esportivo explicitando a noção de campos diversos, dinâmicos e em constante conflito por sua supremacia. Algo a ser esclarecido mais a frente

Na condução de sua reflexão em “Como é possível ser esportivo” o citado autor parte de duas questões para nortear sua interpretação: o processo de construção do gosto pelo esporte e a produção da demanda pelos produtos esportivos. Assim, intentando responder as duas questões apresentadas o autor inicia por um resgate histórico do esporte.

Sua reflexão parte da crença que o esporte, como hoje é entendido, tem sua origem nas escolas públicas britânicas e é fruto de uma apropriação e transformação de jogos religiosos e populares. Segundo o autor, as elites apropriam-se de um fenômeno social, retiram todo o caráter esotérico e elaboram regras de forma a tornar a atividade competitiva.

Parece indiscutível que a passagem do jogo ao esporte propriamente dito tenha se realizado nas grandes escolas reservadas às elites da sociedade burguesa, nas public schools inglesas, onde os filhos das famílias da aristocracia ou da burguesia retomam alguns jogos populares, isso é vulgares, impondo-lhes uma mudança de significado e de função muito parecido aquele que o campo da música erudita impôs às danças populares. (BOURDIEU, 1983, p.139)

Assim, as atividades que eram realizadas pelo povo em datas comemorativas e festas populares perdem o caráter de ritual e passam a ser praticadas, primeiramente nas escolas dos filhos da aristocracia e da burguesia. O fenômeno esporte, organizado primeiramente dentro das escolas inglesas passa a clamar por regras fixas e universais a partir das trocas esportivas que se estabelecem entre as escolas e, depois, entre as regiões. Aqui fica notória a concepção de autonomia relativa do campo esportivo. As relações entre as Instituições envolvidas propiciam as modificações e adequações de regras, de competições e até de títulos, um fazer indiferente aos fenômenos sociais. Não são regras que atendem às necessidades específicas de um mundo político, seja ele capitalista ou socialista, mas regras

construídas e evoluem para atender a necessidades específicas do campo de envolvimento.

O esporte surge dentro destas escolas acompanhadas de uma política filosófica do esporte, a teoria do amadorismo. Essa perspectiva faz do esporte uma prática tão desinteressada quanto as atividades artísticas. Contudo, superava as artes na capacidade de afirmação das virtudes dos futuros líderes. Para Bourdieu (1983, p.140) “o esporte é concebido como uma escola de coragem e virilidade, capaz de formar caráter e inculcar a vontade de vencer (Will to win), que é a marca dos verdadeiros chefes”

Neste momento, com esta concepção estabelecida, outro fenômeno era entendido como determinante, o fair play. A disposição cavalheiresca, inteiramente oposta à busca vulgar pela vitória a qualquer custo caracterizava a formação das virtudes.

Como pode ser percebido o esporte moderno, oriundo das escolas britânicas surge como uma organização de uma prática desinteressada que ganha fôlego a partir das competições entre as escolas e regiões. Algo que nasce de práticas religiosas do povo e volta ao povo através de suas modificações nas escolas.

No desenrolar de sua explicitação, Bourdieu passa a tratar do processo de divisão do esporte e de como passamos a perceber uma subdivisão de esporte de elite e de esporte popular. Como o próprio autor comenta o debate não é sobre a subdivisão do esporte e sim sobre a educação burguesa oposta à definição pequeno burguês e professoral. O que o autor posiciona é que os campos, sejam eles quais forem, são locais de luta pelo poder e o campo esportivo não é diferente.

Na visão do citado autor o campo esportivo é:

[...] o lugar das lutas que, entre outras coisas, disputam o monopólio de imposição de definição legítima da prática esportiva e da função legítima da atividade esportiva, amadorismo, contra profissionalismo; esporte/prática contra esporte/espetáculo; esporte popular contra esporte de elite. (BOURDIEU 1983, p.142)

Assim, após a retomada à sociedade, o esporte permanece associado a uma relação com o corpo. A distinção é caracterizada pela relação com o corpo, enquanto dimensão privilegiada do habitus.

É assim que maior parte dos esportes coletivos como basquetebol, rugby, futebol, cuja prática declarada é maior entre os empregados do escritório, técnicos e comerciantes, e sem dúvida também os esportes individuais mais tipicamente populares como o boxe ou a luta livre, acumulam todas as razões para repelir os membros da classe dominante: a composição social de seu público, que redobra a vulgaridade da competição e das virtudes exigidas, força, resistência, disposição à violência, espírito de sacrifício da docilidade e de submissão à disciplina coletiva, antítese perfeita da distância em relação ao papel que os papéis burgueses implicam (BOURDIEU1983, p.145).

O esporte, na visão de Bourdieu, tem origem em atividades populares, é absorvido pelas escolas da aristocracia que dá novas dimensões a estes fazeres. A apropriação das demais classes oportuniza a transcendência do esporte para além dos muros da escola. Contudo, tal prática não é suficiente para impedir a subdivisão e a distinção no esporte. Na verdade, não é um fenômeno específico do esporte, mas um fenômeno social, que utiliza o esporte, assim como outras ferramentas, para a manutenção da distinção social.

De certa forma, o esporte moderno, no nível das práticas e do consumo, corresponde a uma oferta destinada a encontrar certa demanda social. De maneira que as relações entre oferta e demanda explicaria as transformações das práticas e do consumo esportivo. Assim, o problema da democratização do esporte deve ser compreendido em sua ambivalência. A massificação do esporte não pode ser entendida como processo de democratização. Vários regimes autoritários têm massificado o esporte sem democratizar. Normalmente regimes autoritários direcionam as práticas esportivas para projetos de propaganda e doutrinação.

3.1.3 Brohm e o esporte.

O autor é conhecido por ser o principal defensor da crítica radical do esporte na França. Sua análise, de cunho marxista, tem por preocupação a revelação de como o esporte moderno, como entendemos na atualidade pode

ser estudado a partir de uma ligação ao modo de produção capitalista e a sua eclosão expansionista.

Fiel a sua formação marxista seu estudo caminha pelo paralelo estabelecido entre a mercantilização do esporte e a lógica de organização capitalista. Assim, sua interpretação pega a unidade produtiva básica (a empresa) e compara ao clube, entendido pelo autor como a célula básica do sistema esportivo e percebe a presença de categorias similares em ambas as instituições: hierarquia, ideologia, burocracia, rendimento e discriminação.

Fica latente a percepção de que o esporte moderno só é concebível na sociedade industrial. Sua ideia não poderia ser preservada em modelos de sociedades feudais agrárias, visto que o esporte exige: fluidez de mercado, livre intercâmbio e liberdade jurídica dos indivíduos.

Para Brohm (1976) o esporte moderno surge pelo:

[...] aumento de tempo livre e desenvolvimento do ócio (que ocupa o lugar de) destaque na civilização do lazer; A universalização dos intercâmbios mediante os transportes e os meios de comunicação de massa; A revolução técnico-científica; E a revolução democrática-burguesa e o enfrentamento das nações no plano internacional.

E em sua análise a teoria crítica do esporte apresenta três eixos:

- 1) O esporte não é neutro, mas um meio de governo, uma forma de pressão da opinião pública e de inculcação ideológica na população jovem, isso ocorre em todos os países do mundo indiferente ao regime político.
- 2) O esporte é um meio de acumulação de riqueza, atrai quantidade considerável de dinheiro e é uma mercadoria chave da sociedade.
- 3) O esporte é um corpo político. Um espaço de investimento ideológico em gestos e movimentos.

Ao analisar o esporte moderno Brohm não despreza as funções apontadas por outros autores: necessidade de atividade física, superação dos estresses, exaltação ao machismo e ao nacionalismo, disciplina e até de satisfazer os instintos mais profundos do ser humano de ser combativo. Porém, a análise apresentada pelo autor percebe a multiplicidade de funções e a

possibilidade de percepções contraditórias e complexas e, escolhe limitar a sua ótica de interpretação às relações econômicas e sócio-políticas.

No entendimento do autor, uma entidade esportiva é como uma entidade comercial: deve obedecer às regras do comércio e da concorrência. [...] A busca de competitividade da empresa esportiva é, sobretudo, a busca de competitividade no mercado (PRONI 2002, p.46)

3.1.4 Roberto da Matta e o esporte.

Embora a investigação antropológica de Da Matta (1982) não trate precisamente do esporte, mas do futebol, sua presença nesta parte da pesquisa justifica-se, principalmente pela apreciação de Stileer (2002) que encerra sua contribuição clamando por uma investigação etnográfica ou uma análise antropológica do esporte.

Da Matta (1982) preocupado em explicar o futebol como drama nacional traz um contributo de imprescindível relevância para o objeto de pesquisa ao criticar a noção que chamou de trivial de “futebol como ópio do povo”. Para que esta condição fosse verdadeira seria necessário entender o esporte como um fenômeno inferior e posterior ao trabalho a partir de uma análise do futebol em oposição à sociedade. Uma ideia que trará ao futebol a capacidade de fazer algo de bom ou ruim à sociedade.

A proposta do antropólogo é de entender o esporte inserido na sociedade, enfocando as interconexões e expressões de um termo pelo outro. “A suposição básica é que os esportes são uma parte da sociedade tanto quanto a sociedade é uma parte dos esportes [...] esporte e sociedade são como dois lados da mesma moeda e não como um telhado em relação aos fundamentos da casa” (DA MATTA 1982, p 654).

O autor insiste em apontar para o equívoco caracterizado pela visão “utilitário-funcionalista” de entender o esporte a serviço de questões maiores, como: a política e a economia. Nesta visão o futebol teria a função de iludir as massas como se [...] “as únicas pessoas a saberem a “verdadeira” função do futebol na sociedade brasileira fossem os críticos e a classe dominante”. (DA MATTA 1982, p 655).

O pequeno trecho parece denunciar a chave do pensamento dicotômico. Um pensamento atrelado a percepção de esporte em oposição à sociedade que suscita um debate inócuo sobre a posição do esporte em a favor ou contra a sociedade.

Entendendo como verdadeira a ideia de que o esporte é um fenômeno heterogêneo e a impossibilidade de uma compreensão a partir de um sistema rígido, como fora idealizado pelos autores que compõem o primeiro grupo de análise, esta análise sociológica apresentada pelo autor solidifica, cada vez, a crença de que a dicotomia apresentada encontra sua sustentação em bases frágeis.

Ao finalizar o primeiro bloco de apreciações conceituais é possível afirmar que as apreciações sociológicas trilham por caminhos diversos. Fiel a seus modelos de análise, os sociólogos tratam o fenômeno esportivo como se falassem de fenômenos diferentes. De comum foi possível perceber a origem do esporte moderno e a relação do esporte moderno com o campo econômico. Nos demais aspectos as abordagens mantiveram-se distantes.

Esses conceitos indicam a presença do que aqui se intitulou de ambivalência do esporte, visto que o próprio conceito não encontra na linguagem uma forma única de traduzir o esporte.

3.2 O conceito de esporte na leitura de alguns estudiosos da Educação Física.

Anterior a apresentação dos estudiosos e de seus respectivos pensamentos sobre o esporte e a Educação Física escolar faz-se mister indicar que a escolha não está relacionada com ao número de publicações e ao conhecimento de cada autor em especial. Como qualquer escolha a subjetividade se faz presente e os critérios, embora definidos nem sempre parece claro a todos.

Dessa forma, os pensamentos dos autores são apresentados apenas como ferramenta de sustentação para que fosse possível verificar a

construção conceitual do esporte. Da mesma forma os textos apresentados são escolhidos para que a perspectiva da ambivalência pudesse ser contemplada.

3.2.1 Valter Bracht e o esporte.

Muito conhecido por apontar a prática do esporte como uma ferramenta de acomodação social, principalmente com a publicação de seu artigo “a criança que pratica esporte respeita as regras do jogo... capitalista” Bracht (1997) traz uma significativa apreciação em uma análise das potencialidades esportivas. A construção de seu conceito de esporte não apresenta singularidades, toma por empréstimo as sete categorias de Guttmann e resume em: competição, rendimento físico-técnico, recorde, racionalização e cientificização.

Continua sua reflexão indicando que o processo evolutivo do esporte como fenômeno social deu-se sempre acompanhado de crítica. Foi exatamente essa crítica que suscitou a fragmentação do esporte: esporte de alto rendimento, esporte lazer e esporte educativo. Esta apreciação passa a ser contemplada pela Constituição Nacional de 1988, diferenciando o esporte em três manifestações: desporto-desempenho, desporto-participação e desporto-educativo. Contudo, mesmo com a subdivisão, a influência exercida pelo esporte de alto rendimento age de forma significativa nas demais ramificações esportivas influenciando, principalmente o que seria o desporto-educação.

Bracht (1997) apresenta uma longa lista de autores que fundamentam uma crítica à prática esportiva.

Nós chegamos a conclusão que este esporte burguês que leva ao frenesi do recorde e ao profissionalismo, deve ser negado pela classe trabalhadora como uma expressão da essência do capitalismo. Não é verdade que o esporte é neutro; ele é muito mais uma parte de uma ordem social e concepção de cultura que existe pra destruir a tarefa histórica e o dever moral do proletário “(JULIUS apud BRACHT, 1997, p.17)”.

O autor também toma por empréstimo as palavras de Huizing (1980) para citar como o processo evolutivo do esporte tem contaminado os valores

formativos do esporte. Na visão do autor, o capitalismo e o profissionalismo são os maiores vilões.

Ora esta sistematização e regulamentação cada vez maior do esporte implicam a perda de uma parte das características lúdicas mais puras. Isso se manifesta nitidamente na distinção oficial entre amadores e profissionais (ou cavalheiros e jogadores, como já foi hábito dizer), que implica uma separação entre aqueles para quem o jogo já não é o jogo e os outros. (HUIZINGA, 1980, apud BRACHT, 1997, p.18)

Outros autores também são convidados a opinar de forma crítica sobre o esporte, principalmente quando o enfoque crítico estava voltado para as questões relativas à luta de classe. Porém, a maior contribuição dada para esta proposta de investigação é em sua consideração final. O autor admite ser complexa uma tentativa de responder as inúmeras indagações sobre a relação do esporte com a sociedade. O esporte serve como reforço a hegemonia das classes dominantes ou é um espaço de articulação da contra - hegemonia? É o reflexo das relações sociais coisificadas ou espaço de auto realização criadora do indivíduo? Na verdade, a maior contribuição está na apresentação da possibilidade de o esporte ser ambíguo. Claro que o termo ambíguo não retrata de forma precisa o fenômeno esportivo. O ambíguo é a imprecisão do relato e não do fenômeno. A crença é que o termo que melhor representa a situação apresentada é a ambivalência, visto que a ela estará associada à indeterminação e a ausência de classificação.

3.2.2 Flavio Pereira e o esporte.

A contribuição de Pereira (1988) não consiste especificamente no conceito de esporte que traz, uma vez que faz uso de uma revisão bibliográfica para alcançar o seu conceito, mas sim a sua reflexão sobre o esporte como: institucionalização competitiva das atividades físicas naturais, prática intencional de exercícios físicos em tempo livre, regulamentada e competitiva e atividade subliminarmente política, que pode tornar-se elemento de educação, de lazer e de trabalho.

O autor tenta mostrar que o esporte pode ser várias coisas e que uma não irá invalidar a outra. Assim, nesta percepção, sempre será inocente tentar

apreciar o esporte sobre uma única ótica, visto que sua faceta poderá transitar livremente por diferentes áreas da sociedade humana. Para o autor o esporte irá variar de uma prática de valores físicos naturais à ocupação de tempo ocioso e/ou atividade política e educativa.

No primeiro enfoque de apreciação o autor examina a motricidade humana espontânea como correr, lançar, saltar, agarrar, empurrar e levantar como atividades que podem, ao serem institucionalizadas, com regras fixas e locais apropriados, desde que com objetivos específicos de competição, transformarem-se em esporte. Neste caso o Atletismo é uma demonstração desta situação. Assim, o autor vai introduzindo novos elementos, como a bola, a baliza, ou uma trave de equilíbrio para mostrar que a competição esportiva é a competição de valores naturais associadas a alguma habilidade específica.

[...] se exercitar de modo conjunto saltos, corridas e arremessos-unidos ainda à prática em local específico, com regras pré-estabelecidas que envolvam grupos com o uso da bola, necessitando-se então, além de habilidades para dominar e conduzir este programa, de qualidades físicas como agilidade, flexibilidade; morais como coragem, companheirismo, garra; mentais como criatividade e memória. (Pereira, 1988, p.216)

O esporte entendido como ocupação do tempo livre apresenta o esporte entendido como um local de não trabalho. Neste momento o esporte tem por objetivo o aperfeiçoamento integral do ser humano. Faz-se mister não confundir este momento com a conotação política de recuperação e de liberação das tensões. Neste momento o esporte é percebido sob a ótica do praticante que o utiliza para benefícios pessoais e culturais.

Na análise do caráter político do esporte o autor organiza sua reflexão da seguinte forma:

O esporte como atividade social, que ocorre no meio social, em sociedade, pelo inter-relacionamento e interesse de indivíduos, é um fato social, e conseqüentemente é um fato político. A participação política consciente e a atividade sociocultural necessitam resolver a contradição que existe entre a atividade de lazer e atividade política [...] O esporte como prática social, tanto pode excluir a participação política como pode estimulá-la. O que não se pode ao esporte, como à cultura, é negar que possua uma dimensão política. (PEREIRA, 1988, p.219)

Uma reflexão importante sobre esta ótica apontada pelo autor é de que o esporte é político e isso significa dizer que pode ser apresentado como aparelho ideológico do Estado. Contudo, é preciso não esquecer que o esporte, assim com a pintura e a dança, surgiu anteriormente à formação do Estado. Assim, não é possível limitar a percepção política do esporte à existência do Estado.

Ainda nas possibilidades do esporte, algumas outras perspectivas podem ser apresentadas: o esporte como meio de lazer. Uma utilização do esporte para o alcance de prazer e divertimento; o esporte pode ser utilizado como trabalho profissional. Existe uma série de pessoas que vivem do esporte são os atletas, professores, treinadores, jornalistas, fotógrafos entre outros. O esporte também pode ser entendido como forma de educação social. Uma série de aspectos pode aparecer no processo educativo: o respeito, a tenacidade, a força de vontade, obediência, a autodisciplina e mais uma grande quantidade de valores que podem ser educativos e que estão presente nas práticas esportivas.

A apreciação das múltiplas valências contidas no esporte é de singular contribuição para a compreensão do esporte como fenômeno ambivalente. Sempre apontando que o autor, quando trata dos valores do esporte apresenta como possibilidades e não com algo estático e determinado. Na verdade, uma postura determinada apareceria como algo reducionista diante dos aspectos apresentados.

3.2.3 Vitor Marinho de Oliveira e o esporte.

Dentre as produções significativas para a Educação Física, Oliveira (2009) apresenta uma indagação interessante para a reflexão sobre esporte e ambivalência. Em um artigo de título “o esporte pode tudo”. O autor inicia sua análise a partir de uma reflexão significativa.

Estranho o estranhamento que o esporte pode causar. Dizem-se tudo de bom sobre ele. Afasta das drogas, é eficaz no processo de ressocialização, é pratica democrática, proporciona saúde, combate a violência, reintegra deficientes

físicos, e tal coisa. Não é de hoje que se idealiza esta prática social. No mundo ocidental, pelo menos desde a antiguidade grega, os tão louvados Jogos Olímpicos são um belo exemplo. Romantizados, são sempre apreciados por seus valores positivos. Não se percebe, entre outros, seu caráter altamente discriminatório. As mulheres e os escravos não tinham sequer acesso aos estádios onde se desenrolavam as provas atléticas. (OLIVEIRA IN CESÁRIO e MALINA 2009, p.122-3)

Com esta fala fica latente a preocupação do autor com a visão “inocente” de que o esporte possui um poder muito além daquilo que ele realmente é capaz de fazer. Inclusive demonstra estar preocupado com a dificuldade de se enxergar as contradições inerentes à prática esportiva.

Para advogar a sua linha de pensamento Oliveira (2005) traz para o debate a concepção de consenso e conflito onde o autor associa o caráter da duplicidade do esporte à heterogeneidade social. “Para o autor, é impossível pensar um fenômeno social desvinculado de uma sociedade.” Não há dúvida de em relação aos benefícios que as práticas físicas podem trazer para a saúde. Não se costuma observar, no entanto, quem são os beneficiados. (OLIVEIRA, 2005, p.27)

Para ilustrar o que ele chamou de pedagogia do consenso, o autor apresenta três passagens da vinculação da Educação Física às questões de ordem econômica: a profissionalização do futebol nos anos 1930 (futebol já era considerado esporte nacional), a produção exacerbada de escolas superiores, inclusive de formação de professores de Educação Física logo após a intervenção de 1964, o esporte para todos de 1975. Todos os movimentos, muito embora o discurso tenha sido contrário, foram favorecedores do processo de construção do consenso.

É óbvio que não podemos cair na contradição de supervalorizar o processo de instrumentalização do esporte, considerando que ele seja responsável pelas grandes mazelas sociais. Não foi a vitória da seleção brasileira na Copa do Mundo de 1970 que ratificou a ditadura militar. Mas fez parte do processo de produção de consenso em torno da ideia de que vivíamos um momento glorioso de nossa história (OLIVEIRA IN MALINA e CESARIO 2009, p.124)

No mesmo diapasão o autor continua sua reflexão afirmando que, se ao esporte não é possível associarmos as mazelas sociais, também é impossível

cremos neste potencial salvacionista já apresentado nesta discussão. O esporte é um fenômeno social e caminha com as questões presentes na sociedade.

[...] a prática esportiva não é um fenômeno que reproduza mecanicamente a estrutura social em determinado momento histórico. Este momento, entretanto, estabelece limites diante dos quais nenhum fenômeno está imune. (OLIVEIRA IN CESÁRIO e MALINA 2009, p.124).

Evidentemente que as apreciações de cunho marxistas do citado autor apresentam conclusões de superação de ruptura com os ideais de consenso e de busca por uma pedagogia do conflito no esporte. Desta forma, o autor defende que a escola, instrumento legal/formal de educação caminhe por alternativa de superação dos aspectos individualistas e competitivos do esporte, em sua visão atrelada ao ideal capitalista, o autor clama pelo desligamento das características do universo burguês e advoga uma perspectiva de colaboração e participação.

Uma fala que retrata bem a sua percepção da realidade social e da convivência e aceitação pode ser percebida abaixo:

O imobilismo diante da situação de um quadro dessa natureza não pode ser creditado apenas a utilização de atitudes repressoras por parte das classes beneficiadas. É necessário que se crie uma cultura de consenso. De modo a desenvolver um nível de tolerância bastante elevado nas classes desfavorecidas. As pessoas aprender a aceitar a impossibilidade de uma verdadeira transformação social. (OLIVEIRA 2005, p.39)

Mesmo acreditando em uma ação para a superação do modelo existente é possível a percepção de uma duplicidade de potencialidades nas práticas esportivas apontadas pelo autor. Uma duplicidade existente entre a imposição dos dominantes e a possibilidade de um exercício contra ideológico comandado pelos intelectuais da Educação Física.

Como hoje a maioria dos conteúdos de Educação Física desenvolvidos nas escolas é o esporte, fica possível uma aproximação entre o pensamento apresentado e o tema em questão. A educação Física é o esporte e o esporte possui ambivalência, conseqüentemente a Educação Física possui ambivalência.

3.2.4 Luis Alberto Pilatti e o esporte

Na verdade, o autor supracitado faz uma análise dos estudos de Guttmann e o esporte. Fala das sete características do esporte moderno: secularização, burocratização, recorde, igualdade de condições, quantificação, especialização e racionalização. O texto faz uma explicação dos caminhos utilizados por Guttmann e de como o autor buscou fundamentação para a sua análise de tipo ideal de esporte moderno. Contudo, a contribuição de real interesse consiste em sua conclusão. O autor encontra dificuldade para concluir sua análise quando estabelece uma relação entre o esporte moderno e o esporte não moderno (esporte em épocas anteriores).

A dicotomia presente-ausente para cada característica apresentou uma variação com as características-padrão, que são características do esporte moderno. Algumas das características do esporte em épocas anteriores não estavam totalmente ausente nem totalmente presente. A solução encontrada pelo autor, diante de tal dificuldade foi a de assumir a ambiguidade do modelo de análise baseado na polarização presente-ausente. Pilatt (IN Proni e Lucena 2002, p.75)

Mais uma vez é possível detectar a presença da ambivalência nas apreciações relacionadas ao esporte, mesmo que a literatura não faça uso da palavra ambivalência propriamente dita. Os termos: duplicidade e ambiguidade são constantes e o significado de seus usos é o mesmo que a ambivalência apresentada em Bauman

Além dos conceitos anteriores, outros conceitos serão apresentados para compor o arcabouço teórico das reflexões seguintes.

Esporte é o lúdico socialmente organizado, institucionalizado, com regras aceitas internacionalmente, apresentando hierarquias, papéis e funções. O esporte pode ser uma metáfora da vida social, uma representação resumida de seus fundamentos de suas raízes de suas contradições. É um fato social total (fenômeno complexo pelo qual o conjunto de instituições se exprime e o todo social pode ser observado). Nesta perspectiva o esporte é uma das representações sociais mais importantes e, por ele podemos ler a identidade de uma determinada cultura, as raízes de uma determinada sociedade o sentido de uma determinada história (MURAD, 2009).

Apenas com o caráter ilustrativo e para mostrar a dificuldade encontrada entre os estudiosos do esporte é apresentado uma apreciação de Barbanti (2010)¹¹, que em suas falas apresenta a dificuldade de conceituar algum termo largamente utilizado na linguagem popular.

Ainda preocupado em explicar o fenômeno esporte Pilatti (2002) alude às competições escolares. Por ocasião dos Jogos Escolares Brasileiros (JEBs), em 1985, iniciou-se no Brasil o debate sobre o esporte educacional. Em 1993, a Lei nº 8672/1993 e o Decreto nº 981/1993 reforçam o conceito de Esporte Educacional ao afirmar que a hiper competitividade e a alta seletividade invalidam a prática esportiva educacional. E em 1995, com a criação do Ministério Extraordinário do Esporte e do INDESP (Instituto Nacional do Desenvolvimento do Esporte), foi elaborado um documento-ensaio com os princípios fundamentais do esporte educacional.

Princípios do Esporte Educacional

Totalidade – Fortalecimento da unidade do homem (consigo, com o outro e com o mundo), considerando a emoção, a sensação, o pensamento e a intuição como elementos indissociáveis desta mesma unidade, favorecendo o desenvolvimento do processo de autoconhecimento, autoestima e auto superação, visando a preservação de sua individualidade em relação às diversas outras individualidades, tendo em vista o contexto uno e diverso no qual está inserido.

Co-educação – Concepção da Educação que, como um processo unitário de integração e modificação recíproca, considerando a heterogeneidade (sexo, idade, nível socioeconômico, condição física, etc.) dos atores sociais envolvidos e, fundamentando-se nas experiências vividas de cada um dos participantes e estruturando a atuação pedagógica apoiada na ação e reflexão, tem na relação mestre-aprendiz, como o encontro entre dois educadores, os seus alicerces.

¹¹ Cabe aqui um adendo ao fato de que Barbanti é um autor ligado à metodologia do treinamento esportivo. Sua área de preocupação, até por pertencer às ciências exatas, não está atrelada às apreciações sociológicas do esporte e sim ao desempenho e rendimento. Mas, nem mesmo essa distância impede de apresentar a dificuldade de conceituação.

Emancipação – Busca por independência, autonomia e liberdade do homem, fundamentando-se nos princípios da educação transpessoal, pelo qual o aprendiz “é encorajado a despertar, a se tornar autônomo, a indagar, a explorar todos os cantos e frestas da experiência consciente, a procurar o significado, a testar os limites exteriores, a verificar as fronteiras e as profundidades do próprio eu” oportunizando assim, o desenvolvimento por intermédio da criatividade e da autenticidade, da capacidade de discernir criticamente e elaborar genuinamente as suas próprias razões de Existir.

Participação – Valorização do processo de interferência do homem na realidade na qual está inserido, fundamentado nos princípios de cogestão, corresponsabilidade e integração e favorecendo seu comprometimento, como ator-construtor dessa mesma realidade, propicia o gerenciamento das questões de seu interesse, tendo em vista o processo de organização social decorrente do exercício de seus direitos e responsabilidades.

Cooperação – União de esforços no exercício constante da busca do desenvolvimento de ações conjuntas para a realização de objetivos comuns. Os exercícios são fundamentados nos potenciais cooperativos e no sentimento comunitário de cada um dos participantes do processo, estreitando, assim, os laços de: solidariedade, parceria e confiança mútua, de forma a fortalecer as habilidades em perseverar, em compartilhar sucessos e insucessos, em compreender e aceitar o outro, como elementos constitutivos do processo de co- evolução do homem.

Regionalismo – Respeito, proteção e valorização das raízes e heranças culturais, como sinergias constitutivas do todo, considerando a singularidade inerente aos diversos mundos culturais, surgidos da relação intrínseca entre seus elementos, de forma a resgatar e preservar a sua identidade cultural, no processo de construção do coletivo.
(Fonte: Esporte Educacional: Uma proposta Renovada, 1996, INDESP).

3.2.5 Estadella e o esporte

O livro “esporte e sociedade” faz um estudo do esporte, sua relação com a sociedade e seu processo evolutivo. O autor trata do processo de evolução do esporte das influências que o esporte recebeu de outros campos e do impacto desta influência na transformação do esporte. Inicialmente expõe algumas definições de esporte apropriando-se de conceitos apresentados por alguns estudiosos reconhecidos por suas contribuições em estudos similares. A justificativa encontrada pelo citado autor é de que embora haja um significativo esforço dos estudiosos de definir o esporte, suas tentativas não conseguem contemplar a amplitude do fenômeno.

Assim, toma por empréstimo alguns conceitos:

Coubertin “O esporte é o culto voluntário e habitual do exercício muscular intensivo, apoiada na vontade de progredir, podendo implicar até o risco”. É também bastante válida a tese do Frances Bernard Gillet “É uma luta e um jogo; é uma atividade física intensa, submetida a regras precisas e preparada por um treinamento metódico”. É ainda interessante a definição estabelecida por um comitê da UNESCO “Esporte é a atividade específica de competição, onde se valoriza intensamente a prática de exercícios físicos com vista a obtenção, pelo indivíduo, do aperfeiçoamento das possibilidades morfofuncionais e psíquicas, caracterizadas num Recorde, na superação de si mesmo ou de um adversário”(ESTADELLA 1979,p.32)

A escolha dos conceitos, por si só já demonstram a compreensão do esporte com um fenômeno ambivalente. Sua visão de superação e de risco aponta para uma perspectiva de um fazer capaz de exigir do organismo humano. Atento a esta possibilidade o referido autor chama a atenção de valores que não são contemplados nos conceitos apresentados.

[...] alguma coisa escapa do alcance de todas essas definições, isto é, a realidade de que a prática esportiva é, pela própria natureza, exigente, obriga a dar o máximo rendimento e a buscar os limites extremos do esforço. Por outro lado, o esporte, compreendido enquanto atividade não profissional apresenta um componente muitas vezes esquecido: a generosidade do esforço. Enquanto a maior parte das ações e gestos humanos insere-se num contexto muito utilitário -servem para alguma coisa – o esporte pressupõe um desperdício de energia que tem um fim em si mesmo. (ESTADELLA 1979, p.32).

Após estas reflexões iniciais o livro passa a abordar detalhes do esporte e a examinar a relação do mesmo com as influências de outros fenômenos

sociais. Fala do espírito esportivo, que para alguns teóricos é o que define o esporte (boas maneiras, respeito as regras, o saber vencer sem humilhar o adversário, o perder sem rancor, a fraternidade dentro do campo, o respeito às decisões da arbitragem) e de como este espírito esportivo tem seus valores diminuídos com o processo de massificação do esporte e de sua profissionalização.

Direciona um bom tempo de sua análise para explicar o processo de profissionalização do esporte e o conflito deste processo nas olimpíadas (ápice do esporte amador) ao longo dos anos. Também apresenta a evolução do esporte a partir de análises da evolução técnica, e neste momento faz alusão à relação do campo científico com o campo esportivo. Até chegar ao esporte com espetáculo.

Na apreciação direcionada ao esporte com espetáculo, a questão do ídolo esportivo e do impacto que este fenômeno exerce sobre a população. Em sua fala as grandes figuras do esporte assumem a categoria de semideuses. Contudo, é também nesta parte de seu livro que é possível captar a maior contribuição da obra ao objeto de estudo, a ambivalência do esporte.

Embora todo discurso tenha apontado para os benefícios do esporte tanto nos aspectos físicos (médicos), psicológicos e sociológicos, ao examinar o esporte espetáculo o autor dedica um tópico para apresentar os riscos do esporte espetáculo.

Para estudar os riscos do esporte espetáculo o autor organiza suas ideias de forma singular. Parte da relação estabelecida entre o retorno financeiro esperado pelos organizadores do evento esportivo e a expectativa do público, que, segundo o autor, nem sempre é a mais esportiva moral ou limpa. Mas, à medida que o esporte é uma profissão subordina-se à necessidade de dar dinheiro, o que o torna dependente de um público consumidor.

Estadella (1979, p.110):

Por exemplo, sabe-se que dentro de certas condições ou permitindo-se certas trapaças, o esporte pode-se tornar mais espetacular e, portanto, o público divertir-se mais. O

mesmo acontece se certas brutalidades são toleradas. Na antiga Roma, onde os combates entre gladiadores-esportistas terminavam muitas vezes com a morte ou com a mutilação do vencido, os espectadores consideravam que o momento mais atraente do espetáculo estava precisamente em se chegar a tais extremos.

Assim, o autor vai listando práticas esportivas e de como o espetáculo vem evoluindo para práticas, cada vez mais violentas e com participação direta das regras e das arbitragens. Fala de partidas de Hockey no gelo onde a arbitragem deixa que os atletas briguem e as punições são bem brandas, fala de lutas de boxe que os árbitros “fingem” não reconhecer a superioridade de um determinado lutador para que o combate seja mais sangrento e possa agradar mais o público consumidor, fala das lutas livre onde é uma troca de pancadas, fala do doping, de acidentes fatais e de outras fraudes fisiológicas.

Toda esta violência contra si mesmo e contra o adversário, ocorrida no esporte espetáculo, embora não tenha sido tratada pelo autor, refletem nas demais dimensões do esporte. Evidentemente que o estudante consome este espetáculo, principalmente no momento contemporâneo, e, este consumo termina por refletir nas demais dimensões esportivas, sejam elas escolares ou informais. Como o próprio autor enfatizou, o ídolo esportivo é algo a ser imitado o que faz com que toda esta violência contamine o espírito esportivo apresentado no início do debate.

2.2.6 Finck e o esporte

A proposta da autora não é um exame específico do esporte e sim uma análise das aulas de Educação Física e a metodologia de ensino utilizada. Contudo, como a presença do esporte ocupa a maior parte do currículo da citada disciplina, sua investigação permeia uma reflexão sobre o esporte na escola.

O encaminhamento dado em seu estudo faz um resgate de conceitos e funções do esporte à luz do que outros estudiosos apresentaram. Neste resgate, pedagogicamente a autora ousa apresentar uma separação de argumentos favoráveis ao esporte na escola e de argumentos contrários a esta prática. A tensão destes argumentos acompanha toda a sua obra, muito embora seja possível apreciar sua defesa em favor da prática do esporte na

escola desde que o professor de Educação Física seja capaz de interferir, de forma significativa, na elaboração e na condução das práticas, adaptando as mesmas à realidade escolar.

Interessante em suas falas é a crítica feita à subdivisão do esporte. Em sua visão o esporte não pode ser subdividido, mas sim entendido em diferentes dimensões, com variações de acordo com o local praticado e os objetivos pretendidos.

O esporte enquanto fenômeno social se manifesta em diferentes contextos e tem objetivos distintos. É importante evidenciarmos que tais manifestações estão relacionadas, podemos citar como principais: o esporte educacional ou de educação, praticados em espaços formais (escolas) e informais (clubes, praças e ruas); o esporte de lazer ou de participação, geralmente praticado em espaços informais; e o esporte performance ou de rendimento, praticado em espaços formais, nesse caso, além de escolas, nos clubes. (FINCK 2010, PP 90-91)

A proposta da autora, neste momento foi de destacar a necessidade de um professor de Educação Física atento às diferenças para que possa conduzir o processo adequadamente, valorizando aquilo que é específico de cada singularidade. Uma contribuição que parece caminhar para além da análise de adaptação do esporte à realidade escolar, o que deve ser contemplado é a dimensão educativa dentro das práticas.

Para reafirmar a importância do esporte a citada autora apresenta um texto redigido pela UNESCO em 9 de janeiro de 2003. Escolhe para fundamentar a sua fala o início do texto. Uma parte que faz alusão ao caráter educativo do esporte. “Tudo que possa exercer uma influência na conduta e na personalidade é educação. Desta forma, o esporte ao favorecer o desenvolvimento das aptidões das crianças faz parte de uma parte considerável da educação, sendo uma autêntica escola para a vida social” (FINCK, 2010, PP 73-4)

Quando a autora fala de manifestações e possibilidade pedagógica do esporte chama Belbenoit para testemunhar. Este autor afirma que o esporte não é educativo por si só, depende do educador. Ainda no pensamento do autor algumas ideias sobre o esporte são postas. “O esporte é a forma mais rica e adaptada do nosso tempo, um tipo de experiência base, carnalmente vivida, que permite construir, pela prática e pela reflexão, uma ética de saúde

global, essa expressão prova, como o homem dividido de hoje aspira recuperar sua unidade.” (BELBENOIT 1976 APUD FINCK 2010, P 75)

Para finalizar a sua apreciação sobre o esporte a autora fragmenta sua análise em dois blocos, os de posicionamento a favor do esporte e os de posicionamento contrários ao esporte. Faz-se mister atentar ao fato de que em ambos os posicionamentos a autora faz uso de outros autores e divulga seus pensamentos e argumentos .

No primeiro bloco, dos autores favoráveis, o destaque inicial é de Fontanell (1995) com a sua ideia de homem dividido e indiviso. Nas palavras do escolhido autor:

A visão dualística do homem é muito antiga. Na teoria o homem é dividido. Na prática, o homem é, ora dividido, ora indiviso. Quando age o homem pode ser uno. Quando pensa, quando teoriza, quando filosofa, quando defende uma tese o homem é presa da razão raciocinante, da razão dos conceitos, das leis, das proibições, dos julgamentos, da razão que abomina o sentir, o palpitar humano, o vibrar em comum [...] No esporte, o *homo ludens* também é simplesmente homem, não como o intelectual. Age todo ele em consonância com o meio, com o universo, sem prescrever-se disso (FONTANELLI, 1995, p.21 apud FINCK, 2010, p.98).

Logo em seguida outro testemunho de autoridade é oferecido. Neste momento o depoimento é de Teodorescu (1984) que evidencia o esporte como conhecimento e componente de uma cultura esportiva fixando este conhecimento à Educação Física e a última à educação geral.

Os testemunhos favoráveis são mantidos sem que haja a preocupação de debate dos argumentos. Freire (2000) fala da necessidade de ensinar esportes, ensinar bem os esportes e ensinar a gostar de esportes. Afirma que esporte e escola formam um casal coerente e que a Educação Física deve resgatar o valor educativo do esporte.

Diferentes autores são apresentados para a sustentação da importância do esporte na escola: Broto (2001), Caligal (1979), Finck (1995). Todos fazem apologia ao resgate lúdico do esporte e a importância do papel do professor com responsável pela inclusão e a preservação da dimensão educativa do esporte escolar.

Os críticos do esporte na escola, em sua grande maioria, fundamentam sua crítica a partir de uma interpretação marxista da realidade. Seus

argumentos caminham em sentido contrário aos argumentos apresentados pelos autores anteriores. De forma geral, o esporte, na visão destes autores, não é entendido como um fenômeno formativo. A prática na escola tem servido para reproduzir alunos acríticos e inconscientes e também tem contribuído para incentivar a competição exacerbada.

Os autores escolhidos para a sustentação deste argumento de acusação irão variar entre os de cunho mais radical e os mais brandos. Com uma postura bem radical Brunhs (1991) aparece na frente do debate. Para a autora:

Essa supervalorização do esporte, muitas vezes leva os profissionais da Educação Física a não perceberem a dimensão educativa da atividade lúdica, utilizando-se unicamente do esporte, em que os mais poderosos merecem atenção e os inimigos abatidos traduzem-se em pontos ganhos, transformando-se nos fracos inúteis naturalmente eliminados (BRUNH 1991, p.46 apud FINCK 2010, p. 104)

Na verdade, Brunhs acredita que o esporte não deve ser utilizado como conteúdo da Educação Física, visto que traz no bojo de sua existência o caráter seletivo da competição. A defesa posta é que se troquem as práticas esportivas por práticas lúdicas.

Igualmente crítico do esporte na escola Bracht (1992) alude a necessidade de adaptação do esporte para o alcance de seus objetivos educativos. Para o autor o papel social do esporte no desenvolvimento do educando possui a seguinte conotação:

A socialização através do esporte escolar pode ser considerada uma forma de controle social, pela adaptação do praticante aos valores e as normas dominantes como condição alegada para a funcionalidade e desenvolvimento da sociedade. Um dos papéis que cumpre o esporte escolar em nosso país é de reproduzir e reforçar a ideologia capitalista. (BRACHT 1992, p.61 apud FINCK 2010, p.105)

O que difere os autores é que a primeira não crê que seja possível o esporte ser diferente enquanto que o último cria um diferencial que chamou de esporte na escola e de esporte da escola. Em sua análise o esporte da escola é uma prática adaptada que tem por objetivo maior apresentar a ruptura do caráter de exclusão, de competição exacerbada e de técnica.

Em uma análise rápida é possível perceber que ambos advogam a troca do esporte pelo jogo, principalmente se contemplarmos os conceitos que apontam para o esporte como uma prática competitiva, regulamentada e institucionalizada.

3.2.7 Stigger e o esporte

A proposta do autor é de fazer uma análise crítica das diferentes abordagens sociológicas sobre o esporte, tentando apresentar limites e alcances da compreensão do fenômeno esporte em um contexto sociocultural.

A justificativa utilizada por Stigger (2002) para esta proposta de investigação é a existência de um leque de possibilidades interpretativas, tanto no senso comum como no mundo acadêmico, capaz de fazer com que a palavra “esporte” ao contrário de favorecer a identificação do objeto, passe a ser um fator obscurecedor. “[...] uma evidência da ambiguidade que se encerram no termo é a presença de inúmeras tentativas de defini-lo ou de encontrar a sua essência” (STIGGER 2002, p.14)

A introdução apresentada pelo autor já apresenta em seu bojo afinidade com o objeto de estudo. Seu testemunho apresenta-se como legitimador de que a ambivalência do esporte engendra-se na ânsia de sua definição. Porém, sua proposta de análise crítica caminhará por reflexões mais afinadas ainda.

A questão norteadora de sua investigação é saber se o esporte é uma homogeneidade ou heterogeneidade. Para o alcance de sua reflexão o autor apresenta duas posições: uma visão homogênea e institucional do fenômeno e o esporte como um processo histórico de longa duração. Na primeira apreciação faz uso dos pensamentos de (BOUET; BROHM; GUTTMAN; MANDELL e GUAY) estes autores privilegiam aspectos estruturais da sociedade e caracterizam o esporte como uma realidade cultural específica. Nesta perspectiva, utilizando-se de um caminho metodológico capaz de apontar características comuns a todos os esportes, os citados autores criam “leis sociais” para o esporte. Este esforço metodológico de apreciação em aspecto uno, na fala de Stigger (2002, p.27) suscita consequências:

Consequência destes aspectos é a transposição das características apontadas pelos autores (que passam a funcionar como determinantes) para todas as demais formas e manifestações de esporte, inclusive no âmbito do lazer. Este direcionamento conduz à desconsideração das diferentes possibilidades de manifestação do esporte e ao obscurecimento de uma heterogeneidade possivelmente existente na relação que o esporte possa vir a ter com seus participantes concretos, o que se expressa nas práticas cotidianas.

No outro lado da análise do esporte na sociedade estão autores que buscam entender o esporte num processo histórico de longa duração, o que Elias (1992) chamou de processo civilizatório. É o grupo que busca entender o esporte não consensual e construído em padrão único, uma perspectiva que caminha para identificar as diferentes expressões encaminhadas pelas diferentes apropriações por parte dos praticantes.

Com esta percepção estão agrupados (ELIAS & DUNNING; POCIELO; BOURDIEU; BENTO e PADIGLIONE). Dentre os autores apresentados, um em especial chama a atenção pela proximidade de seu pensamento com o objeto de estudo da pesquisa. Bento (apud Stigger 2002, p.33) fala que “o esporte existe no plural [...] diante da pluralidade de clientela, de modelos, de cenário, de modalidades e disciplinas, e de sentido e significados”.

Tratando de sentidos e significados Bento (apud Stigeer 2002, p, 34) afirma:

O desporto perdeu o seu sentido inequívoco. O sentido do desporto é variado e multidimensional. Nele podemos encontrar os valores da corporeidade, da condição física, da saúde, do ter e do ser, do rendimento, do esforço de procura, do empenhamento, da persistência, da ação e da realização, do enfrentar dificuldades, barreiras e resistência, da tensão, do dramatismo e da aventura. E é um espaço de expressão, de estética, de relaxação e entretenimento, de configuração e criação de vivências, de sensação, de impressões e experiências, de comunicação, de cooperação e interação.

No mesmo diapasão Padiglione (1995) advoga que o esporte mostra-se bastante diversificado e com características bem heterogêneas o que dificulta entendê-lo com base em critérios rígidos. Neste momento, mais uma vez a hipótese de que o conceito de ambivalência apresentado por Bauman pode ser uma ferramenta lúcida de superação da dicotomia estabelecida entre os

valores positivos e negativos do esporte passam a ser contemplado. Tal enfoque de a investigação etnográfica e a comparação antropológica podem ser formas mais apropriadas para compreender o fenômeno esportivo desvela a heterogeneidade do fenômeno.

O próprio aspecto do gosto apontado por Bourdieu (1983) passa a ser um aspecto importante na construção de aspectos distintivos dos seus praticantes. E neste sentido Stigeer (2002) cita Pociello (1981) quando sugere que o esporte seja estudado como um elemento integrante dos sistemas de práticas que constituem estilos de vida.

E, para finalizar esta parte conceitual, o trabalho apresenta um pensamento Kunz (1994, p48) “É uma irresponsabilidade pedagógica trabalhar o esporte na escola que tem por consequências provocar vivências de sucesso para uma minoria e vivências de insucesso ou de fracasso para a maioria”.

CAPÍTULO 4

METODOLOGIA

4.1 Modelo de análise de Bauman

A escolha por uma determinada corrente teórica ocorre de forma gradativa. Normalmente é consequência da memorização de uma frase do autor a ser eleito. A princípio, o leitor encantado com a profundidade intelectual contida na frase busca resoluções de questões cotidianas à luz deste pensamento inicial. Posteriormente, este encantamento suscita buscas por novas frases e pensamentos do autor eleito, o que engendra a leitura das obras como um todo.

Assim, o contato com Bauman iniciou-se a partir da reflexão sobre uma colocação feita pelo autor:

A ambivalência que a mentalidade moderna acha difícil de tolerar e as instituições modernas se empenharam em aniquilar reaparece como a única força capaz de conter e isolar o potencial destrutivo genocida da modernidade. (BAUMAN 1999b, p 60)

Neste momento, o autor, preocupado com a compreensão da realidade social contemporânea clama pelo entendimento de que o aprisionamento da ambivalência foi o principal responsável pela intolerância, a dificuldade de respeitar a adversidade e o convívio com os diferentes, algo incapaz de ser pensado atualmente. O discurso contemporâneo é o discurso da tolerância e da inclusão, fatos que, segundo o pensamento de Bauman estão associados à ambivalência.

O pensamento do autor parece ter início a partir de experiências pessoais. Bauman como judeu que viveu na Polônia sentiu diretamente a condição de ser um estrangeiro.

Ser um estrangeiro significa primeiro e antes de tudo, que nada é natural; nada é dado por direito, nada vem de graça. A união primitiva do nativo entre o eu e o mundo foi dividida. Cada lado da união foi colocado sob o foco da atenção – como um problema e uma tarefa. Tanto o eu como o mundo são claramente visíveis. Ambos requerem constantemente exame e

precisam urgentemente ser “operados”, “manejados”, administrados. Sob todos esses aspectos, a situação do estranho difere drasticamente do modo de vida nativo com consequências de longo alcance. (BAUMAN 1999b, p.85)

Incluso em um grupo entendido como erva daninha que precisava morrer para permitir o florescimento do jardim idealizado pela genética social de supremacia da raça ariana, Bauman vivencia a condição de existência fora de padrões estipulados, o que parece ser a fonte de sua análise metodológica.

É com esta experiência pessoal que o autor constrói o seu modelo analítico de sociedade. Um modelo elaborado para explicar a realidade contemporânea sem estar atrelado a uma corrente fixa metodológica. O próprio Bauman (2011) se apresenta como um interprete do mundo contemporâneo, assume o papel de tradutor da realidade atual. Sua contribuição consiste em sintetizar os fatos ocorridos e apresentar aos pensadores sociais. Age como um mediador do debate sociológico. Seu modelo analítico parte da reflexão que se estabelece entre dois fenômenos básicos: segurança e liberdade. Para Bauman (1999b) segurança sem liberdade é escravidão e liberdade sem segurança é o caos.

No contexto da relação estabelecida entre esses dois fenômenos o autor introduz um terceiro fenômeno: O Estado -Nação. O autor examina como essa trindade construída da origem a três conceitos determinantes: o amigo, o inimigo e o estranho. Na reflexão de seu modelo analítico o Estado- Nação presente e exercendo a sua função de Estado jardineiro¹²no período chamado de moderno garimpava e extraía as ervas daninha, ou seja, a categoria de inimigos do Estado. Também cabia ao Estado, junto com seus intelectuais definir o que era entendido como amigo. Uma ação que pode ser entendida com maior clareza nesta passagem.

[...] a soberania do estado moderno é o poder de definir e de fazer as definições pegarem tudo que se auto define ou que escapa à definição assistida pelo poder é subversivo. O outro dessa soberania são as áreas proibidas, de agitação e desobediência, de colapso da lei e da ordem... a resistência à definição coloca um limite à soberania, ao poder, à

¹² Para maiores informações sobre o Estado jardineiro ler a obra “Legisladores e Interpretes” de Zygmunt Bauman

transparência do mundo ao seu controle, à ordem. (BAUMAN 1999b, p.16)

O Estado- Nação responsável pela segurança de seus cidadãos também era o Estado limitador da liberdade. A função, dentre outras, era a de conter a ambivalência e manter a ordem dos cidadãos, ditando regras e retirando as ervas daninha. Para Bauman nem o afastamento do Estado, nem o fim dos intelectuais com legisladores foi uma opção. As revoluções tecnológicas e a condição de mundo pós-nacional afastam do Estado a capacidade de oferecer segurança aos cidadãos. O mercado assume a função normalizadora e organizadora das sociedades. E, como já havia sido comentada, a sociedade ganha em liberdade e perde em segurança, o que para o autor se constitui o caos.

Assim, com o afastamento do Estado legislador uma categoria até então contida, a categoria estranho, que na fala do autor é consequência da ambivalência, uma impossibilidade de definição.

A ambivalência, possibilidade de conferir a um objeto ou evento mais de uma categoria, é uma desordem específica da linguagem, uma falha da função nomeadora (segregadora) que a linguagem deve desempenhar... A ambivalência é, portanto, o alter ego da linguagem e sua companheira permanente – com efeito, sua condição normal. (BAUMAN 1999b, p.9)

Antes de concluir o que aqui se entende como modelo analítico de Bauman acredita-se de significativa relevância apresentar o esforço intelectual de quem navegou anteriormente pelos conceitos do autor. Gomes (2008), em sua tese de doutorado, usa algumas metáforas utilizadas pelo citado autor para apresentar, mais uma das metáforas contemporâneas. Na visão desse estudioso, Bauman:

[...] apresenta diferentes imagens para falar daqueles indivíduos sobreviventes nas camadas desprivilegiadas do mundo moderno e que são vistos pelos incluídos como a escória da humanidade. Ele (Bauman) referiu-se aos estranhos para designar o exemplo dos judeus na sociedade nazista, chamaram de refugio humano os moradores dos hiper-guetos das metrópoles atuais e também denominou de vagabundos aqueles que são arrastados pelo constante movimento da sociedade de consumo. Queremos contribuir com esta análise indicando o obeso como mais uma destas metáforas contemporâneas. (GOMES 2008, p.251).

É preciso entender que para Gomes (2008) o obeso não é o indivíduo doente e sim um antagonista do que hoje é entendido entre o meio social como os “sarados”. Assim, a sua análise apresenta o obeso como o refúgio dos sarados, a erva daninha a ser excluído da sociedade de sarados, o estranho presente na análise de Bauman e também o vagabundo arrastado pela sociedade de consumo. Em suma, o obeso remete a ideia de lentidão e peso, características adversas à fluidez social.

Em uma sociedade de intensa mobilidade e fluidez ser obeso é estar a margem do processo. Como comenta Gomes (2008, p.254) “O obeso parece ser aquela figura que nos lembra todos os dias que devemos nos esforçar para não ficarmos como ele”.

Nesta análise fica latente como os moldes determinados por incluídos constroem a exclusão. Os “estranhos”, “obesos”, “vagabundo” e “refúgios humanos” são os elementos combatidos pela modernidade sólida e latentes na modernidade líquida, uma vez que é ela mesma quem a constrói.

Se tomarmos uma fala de Bauman (1999b, p.23) é possível perceber com o autor entende esta construção social.

O Estado protetor é o responsável pelo infortúnio dos seus súditos e suas políticas são transformadas na causa óbvia do sofrimento. O mercado de consumo, sua principal criação, é também o seu pior veneno. Os produtos do mercado são excludentes, ambivalentes. A tolerância promovida pelo mercado fragmenta, ao invés de unir, e, a solidariedade anunciada por ele se desfaz. A sua mais representativa criação é também a maior fraqueza.

Retomando os fenômenos iniciais de análise: segurança e liberdade, é possível perceber outro desmembramento desta visão. Para Bauman as transformações sociais que invertem a relação de maior para menor segurança e, conseqüentemente, de menor para maior liberdade, são as mesmas que suscitam um mundo líquido, relativo, fluido e, como já dito, inseguro. É com esta visão de modernidade ambivalente e de fluidez que Bauman explica as relações afetivas, a perspectiva de consumidor e de consumidor, à inversão de papéis e funções dos intelectuais dentro da sociedade, as expectativas do mundo do trabalho, a transformação da

democracia e tantos outros conceitos apresentados pelas diversas obras publicadas.

Bauman, ao longo de suas obras examina os fenômenos sociais à luz da percepção da ambivalência e da fluidez. Para o autor:

O mundo é ambivalente, embora seus colonizadores e governantes não gostem que seja assim e tentem a torto e a direito fazê-lo passar por um mundo não ambivalente. As certezas não passam de hipóteses, as histórias não passam de construções, as verdades são apenas estações temporárias numa estrada que sempre leva a diante, mas nunca acaba. (BAUMAN, 1999 b, p.189)

Além de ambivalente o mundo moderno deve ser entendido como um mundo líquido, fluido.

Fluidez é a qualidade de líquidos e gases, o que os distingue dos sólidos é que eles não podem suportar uma força tangencial ou deformante quando imóveis, e assim sofrem uma constante mudança de formas quando submetidos a uma tensão. Essa contínua e irreversível mudança de posição de uma parte do material em relação a outra parte quando sobre pressão deformante constitui o fluxo, propriedade característica dos fluidos. Em contraste, as forças deformantes num sólido torcido ou flexionado se mantêm, o sólido não sofre o fluxo e pode voltar a sua forma original [...] Os líquidos são fotos instantâneas que precisam ser datadas, movem-se facilmente. Eles fluem, escorrem, esvaem-se (BAUMAN. 2000 pp. 7/9)

4.2 Caracterização do estudo

O processo de investigação de qualquer que seja a pesquisa é sempre motivado pela inquietação do estudo. Indiferente às possibilidades de análise, o problema de pesquisa direciona todo o fazer que venha a seguir. Contudo, o mundo científico é percebido à luz das crenças e dos valores dos seus pesquisadores. Por mais que se tenha por objetivo a busca por uma precisão, já está distante o pensamento no mito da neutralidade científica. Assim, a proposta de investigação sempre será norteadada por duas questões: problema de pesquisa e crenças metodológicas do autor de referência que, conseqüentemente, será a do pesquisador.

O caminho de investigação do objeto de estudo foi de certa forma, favorecido a partir do momento em que o autor de referência não se define como um estudioso atrelado a um único caminho investigativo. Porém, sua

perspectiva de investigação é feita coerente à fluidez estabelecida pela sociedade líquida.

Diante de tal feito a escolha por uma abordagem qualitativa tornou-se obrigatória. Não seria possível elaborar uma investigação engessada em mensurações, amostragens e resultados, para examinar um conceito atrelado a fluidez e a movimentação.

4.3 Contexto da pesquisa

A primeira justificativa consiste em apontar a escolha da abordagem qualitativa, mas anterior a esta apreciação, o presente estudo fez uma rápida explanação sobre como se entendeu a pesquisa qualitativa.

Barbour (2009) entende ser fundamental este tipo de explicação, uma vez que as abordagens qualitativas encontram ramificações entre seus seguidores. Atenta a este cuidado a autora comenta:

Apesar de muitos enfoques existentes à pesquisa qualitativa, é possível identificar algumas características comuns. Esse tipo de pesquisa visa abordar o mundo lá fora e não em contextos especializados de pesquisa, como os laboratórios e entender, descrever e às vezes explicar os fenômenos sociais “de dentro” de diversas maneiras diferentes. [...] analisando experiências de indivíduos e grupos [...] examinando interações e comunicações que estejam se desenvolvendo [...] investigando documentos (BARBOUR 2009, p.12)

Um traço comum apontado pela autora é buscar entender, de forma minuciosa, a forma como as pessoas constroem o mundo a sua volta. Ver o que estão fazendo e como entendem a suas práticas através de ferramentas capazes de favorecer a interpretação da realidade coletada sem ater-se a análises numéricas.

Assim, para entender a relação existente entre ambivalência e esporte na escola foi preciso buscar mais do que uma análise estatística sobre o objeto de estudo. Partiu-se de algumas pesquisa já existentes que explicam ser o esporte presente na maioria das aulas de Educação Física e que existe um número razoável de acidentes nas aulas de Educação Física, mas para saber

como os professores e alunos entendem esta relação foi necessário mais do que estes dados.

Na fala de Gomes e Barbosa (1999, p.131):

[...] as pessoas agem de acordo com seus valores, crenças e percepções, acredita-se que o seu comportamento denota um sentido e um significado que não se apreende de imediato, mas somente mediante de um rigoroso processo de investigação, com vistas ao desvelamento dessa realidade.

Crendo na fala anterior o processo de investigação passou a pensar em uma forma de coleta de dados capaz de captar as ações e os sentidos direcionadores destas ações. Neste momento algumas possibilidades metodológicas surgem como possibilidade de investigação, entre elas a etnografia e o estudo de caso. Evidentemente que ambas estão cobertas das possibilidades de desvelamento de gestos e atitudes dos atores investigados. Porém, a necessidade de cumprir um prazo estipulado fez com que a pesquisa de inspiração etnográfica fosse descartada. Não haveria tempo suficiente para uma apreciação de tão longo prazo.

4.4- Instrumento de coleta de dados

Definida como uma abordagem qualitativa a escolha da ferramenta de pesquisa foi a etapa seguinte. Necessário se fez que essa ferramenta pudesse manter coerência com a proposta de análise do autor de referência, por isso, optou-se pela realização de Grupos Focais (GFs) e de entrevistas.

A utilização dos GFs encontra motivação na dinâmica que a técnica propicia. O processo de debate promovido por diferentes pessoas de diferentes formações traz a riqueza da diversidade. Além disso, durante o debate, as pessoas mudam de opinião, por sentirem-se convencidas por argumentos não pensados anteriormente. Os dados são produzidos não apenas nas falas, mas nas expressões, nos gestos e em todo o processo do debate.

Puchta e Poter (2004) apud Barbour (2009, p. 63) explicam:

Analistas de conversação em particular têm argumentado que conversas comuns, conversas mundanas, o tipo de diálogo que temos uns com os outros são fundamentais para o entendimento de todo tipo de interação mais

especializada [...] conversar é [...] um recurso que usamos para desempenhar uma enorme variedade de tarefas práticas da vida.

A citação reflete o que se espera com os GFs, que as pessoas dos grupos conversem entre si e que, à medida que os temas forem apresentados, as visões sobre o tema possam ser ampliadas. É normal que em conversas mundanas as pessoas mudem de opinião ou passem a apreciar um determinado fato ou fenômeno sob outra ótica. E é exatamente isso o esperado na aplicação do GF, um debate e não uma coleta simples de opiniões isoladas a serem tabuladas.

Além disso, ainda na visão da autora precitada: “Grupos focais são úteis quando se trata de investigar o que os participantes pensam, mas eles são excelentes em desvendar por que os participantes pensam como pensam” (BARBOUR 2009, p.56).

Uma fala diretamente relacionada com o propósito da pesquisa que não tem por objetivo coletar falas de atores, mas identificar o que está por trás de falas, gestos e de concepções sobre a relação do esporte na escola.

É esse o objetivo, descobrir os elementos norteadores das concepções apresentadas durante um debate. Um fato que exige do mediador da pesquisa não apenas atenção e habilidade, mas também auxílio de recursos capazes de captar além das falas os gestos e atitudes expostas em cada debatedor.

Além dos GFs a pesquisa também fez uso de entrevistas. As entrevistas serviram para aprofundar detalhes coletados durante o grupo focal. Desta forma, o roteiro de pesquisa utilizou as categorias apresentadas pelo GFs e buscou aprofundar a percepção à luz da leitura que professores de Educação Física da Secretaria de Educação do Distrito Federal possuem do esporte na escola.

A triangulação das técnicas foi necessária uma vez que as interpretações obtidas com os GFs indicaram o mister de uma verificação mais direta do fenômeno estudado e de como os atores sociais o percebem a relação esporte/escola. Nunca é demais lembrar que no caso específico de GFs, os participantes respondem com sua história de vida e sua cultura, um

fato que evidencia aproximações da realidade. Assim, a possibilidade de adentrar um pouco mais em detalhes foi a justificativa da utilização das entrevistas também como ferramenta de coleta de dados.

O fato de ser e uma proposta qualitativa não invalida a necessidade de se trabalhar com a escolha da amostra. Na ótica de Barbour (2009) “a amostragem é crucial, pois guarda a chave para as comparações que você será capaz de fazer usando os seus dados”. Todavia, não existe uma a necessidade da construção de uma amostragem representativa, mas sim de refletir a diversidade do grupo ou população a ser estudada.

Foi pensando nesta possibilidade que a pesquisa optou por realizar uma investigação em quatro grupos distintos: professores de Educação Física em um curso de pós-graduação, alunos de curso de Educação Física (futuros professores), alunos de cursos diversos envolvidos de alguma maneira com o esporte e professores de Educação Física de Secretaria de educação do Distrito Federal, sendo que para o último grupo a ferramenta utilizada foi a entrevista.

A subdivisão da investigação foi motivada pela diversidade de óticas apresentadas sobre o tema em questão e, conseqüentemente, um enriquecimento de olhares sobre o tema.

Outra questão passa a ser determinante no processo de investigação, a composição dos grupos. Quantas pessoas podem ou devem compor um GF para que as suas informações possam ser analisadas como relevantes. Barbour (2009) tomando por empréstimo as reflexões de outros estudiosos da técnica do GF diz que compor um GF com oito participantes já é um grande desafio, o que faz com a sua sugestão seja de no máximo oito participantes. Quanto a um número mínimo indica que é perfeitamente possível elaborar uma pesquisa com três ou quatro participantes. Em alguns casos e para alguns temas é até recomendável a utilização de apenas três participantes.

Tendo a autora como referência para a realização do GF optou-se pela realização de três GFs (professores de Educação Física da pós-graduação, estudantes de graduação em educação Física e alunos de outros cursos de

graduação) com oito participantes. Para o grupo formado por professores de Educação Física foi realizada a entrevista. A ideia é explorar ao máximo a percepção do grupo que trabalha com esporte e a Educação Física na escola, obtendo uma apreciação mais alongada desta ótica. Além disso, a utilização das entrevistas após a aplicação dos GFs favoreceu a elaboração de um roteiro mais específico e direto, aprofundando os detalhes identificados nos GFs.

A montagem de todos os GF ocorreu de forma intencional. Os participantes foram escolhidos de acordo com a contribuição que poderiam trazer em cada grupo de debate. O GF 1 foi formado por professores de Educação Física do programa de pós-graduação da Faculdade de Educação Física da Universidade de Brasília, mas precisamente, na disciplina chamada “sociologia do esporte”. A crença justificadora da escolha deste grupo na pesquisa é de que o professor de Educação Física, em contato com uma literatura crítica da sociologia poderá ter um olhar mais crítico do que romântico, o que possibilitaria uma visão mais ampliada da relação esporte/ambivalência/educação.

O GF2 foi formado por alunos de graduação de diferentes cursos da Universidade de Brasília. A crença é que estes alunos, de alguma maneira, tiveram ou ainda continuam tendo uma relação com o esporte, mas uma relação diferente dos professores de Educação Física. Na verdade, são pessoas que percebem o esporte sobre outra ótica, seja como alunos de práticas esportivas que foram ou como espectador ou ainda como crítico. A ideia é de que este grupo poderá apresentar uma visão distante da proposta educativa e apresente um debate mais pelo eixo econômico, político e até histórico.

O GF 3 foi formado por alunos do curso de graduação do curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade de Brasília. Neste momento a proposta foi de verificar como estes alunos, que ainda convivem com as disciplinas formativas, possuem da relação esporte/ambivalência/educação. A suposição é de que o grupo tem uma visão bem apaixonada e idealista. O que favoreceu um tratamento da relação do esporte e da educação em uma

perspectiva monovalente, voltada para as contribuições do esporte para a formação do indivíduo.

As entrevistas com professores de Educação Física da Secretaria de Educação do Distrito Federal buscaram aprofundar as categorias apontadas nos GFs anteriores. Esta visão pôde apresentar a apreciação de como o esporte é entendido na dinâmica de conteúdo escolar e competição escolar. Os professores, escolhidos foram professores com mais de 15 anos na Secretaria de Educação, assim foi possível perceber informações obtidas em consequência de apreciações práticas e reais. Dando uma ótica que, teoricamente estaria afastada das ideias românticas dos alunos do curso de graduação e teóricas dos alunos do curso de pós-graduação.

O processo de execução da pesquisa propriamente dita encontrou subsídios anteriores a sua aplicação. Embora os temas apresentados ao grupo de debatedores estivessem presentes desde a elaboração do projeto de pesquisa Barbour (2009) aponta para os riscos de trabalhar com análise de dados como se fosse uma “tabula rasa”, sem qualquer concepção prévia do que será encontrado. Na visão da autora é de significativa contribuição a criação de categorias a priori.

Estas categorias não foram elaboradas de forma aleatória. De acordo com a autora de referência da parte empírica da pesquisa é possível construir uma espécie de laboratório sobre o tema de investigação com amigos e verificar as categorias norteadoras do Grupo Focal, mas, na pesquisa aqui encaminhada, a elaboração das categorias iniciais deu-se a partir de discussões em uma disciplina do curso de sociologia da Universidade de Brasília (Sociologia do esporte). Nesta disciplina foram colhidas as categorias iniciais como forma de conduzir a investigação. Tendo como direcionamento a apresentação das palavras: “esporte e escolas”. Neste momento, coube ao grupo de laboratório falar o que veio a cabeça de imediato ao ouvir as palavras citadas. Após as falas, as palavras mais presentes formaram as categorias iniciais.

As categorias levantadas foram:

Para esporte as categorias foram: integração, socialização, brinquedo, competição, coletivo, regras, contradição, reprodução do meio de produção capitalista, prazer/lazer, ambiguidade, exclusão e perspectiva salvacionista.

Para escola as categorias foram: planejamento, adaptação para a vida, formadora de caráter, deformadora de caráter, espaço de transformações sociais, representação da sociedade e exclusão.

De posse das categorias o processo estudou tais categorias dentro de cada questão especificamente.

4.4 Procedimentos metodológicos

Após a escolha dos participantes dos GFs selecionou-se o material de apoio para a realização da pesquisa. Além da utilização de um gravador para poder armazenar as informações e favorecer a transcrição da pesquisa também foi utilizado um grupo de apoio. Este grupo de apoio formado por alunos da Universidade de Brasília foi o grupo de anotadores. O número de alunos anotadores foi sempre o mesmo que o número de alunos do grupo de verbalização cabendo a cada um dos anotadores ficar responsável por anotar as falas de um debatedor específico. Além disso, o pesquisador também fez anotações, principalmente as manifestações não verbais dos debates.

Nesta fase de execução da pesquisa Barbour (2009, p.107) sugere:

[...] seja anotada a ordem em que os participantes falam e que o anotador registre palavras-chave de cada orador. Entretanto, transcritores com quem já trabalhei ressaltam a utilidade de anotações que registram as primeiras palavras ditas em cada fala. Isso, segundo eles, é mais útil, uma vez que permite identificar cada falante sucessivo, sem ter que voltar a fita e, portanto, diminui de forma significativa o tempo de transcrição.

A técnica utilizada para captar a fala de cada um foi à técnica nominal. Cada falante, embora o nome não apareça na transcrição, foi identificado pelo nome. Claro, isso ocorreu após todos terem concordado com a identificação e a informação de que a identificação seria utilizada apenas para facilitar a análise dos dados e nada mais.

Também foi determinante no processo de coleta de dados a atuação direta do pesquisador/mediador na captação das mensagens apresentadas pelos oradores. Muitas vezes, o debate não permitiu que algumas ideias fossem concluídas, perdendo-se durante a conversa. O pesquisador/mediador, assumindo também o papel de anotador pôde intervir e solicitar que as ideias fossem concluídas em sua totalidade. Além disso, a participação direta na coleta de dados facilitou uma maior aproximação com as informações. Como nos ensina Barbour (2009, p.109)

Mesmo se uma rigorosa análise de conversação não for seguida, o analista de grupos focais comum pode aprender muito com essa atenção aos detalhes, e anotações úteis sobre entonações, interrupções e linguagem corporal podem ajudar na análise.

Atento as orientações e com o planejamento da pesquisa definido, cada grupo focal utilizou-se de, aproximadamente 60 minutos de debate ininterrupto. Os temas apresentados buscaram favorecer a percepção da relação esporte/escola. Todos os temas geradores apresentaram, minimamente, o diálogo entre dois fenômenos. Neste momento, outra função do pesquisador/mediador foi de manter o foco no debate e evitar desvios favorecidos pelo leque de possibilidades oriundas do debate.

CAPÍTULO 5

ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

Um dos fatores de singular relevância para a aplicação da técnica de grupo focal é não limitar a captação dos dados às falas particulares, estas falas particulares são importantes, mas não podem aprisionar a investigação. Na verdade, Barbour (2009) percebe o risco de que pesquisas que utilizam do grupo focal como principal unidade de análise podem enfatizar em demasia o consenso. Assim, a autora pega uma fala de Kitzinger (1994) para salientar os cuidados necessários para que a coleta de informações possa ocorrer de forma a reduzir os riscos de uma investigação inócua.

[...] o objetivo de desenvolver grupos focais é capturar a interação entre os participantes. Em vez de simplesmente extrair os comentários feitos pelos indivíduos, grandes dividendos podem ser obtidos ao se prestar a devida atenção

ao que está acontecendo durante o momento de interação, uma vez que o todo pode ser infinitamente maior que a soma das partes. (KITZINGER (1994) apud BARBOUR 2009, p.166)

Além dos cuidados e da atenção necessária à coleta de dados e do uso de gravador e de grupos de anotadores atentos, não apenas as falas do grupo de verbalização, mas também ao silêncio e as comunicações não verbais do grupo de debatedores. A investigação fez uso também de uma matriz para a identificação quantificada dos enfoques direcionados às categorias de análise.

Nesta matriz a análise permitiu identificar de forma visual a presença das categorias nas falas dos componentes dos grupos de debate. Na visão da autora a utilização de um quadro não descaracteriza a abordagem qualitativa da pesquisa. Na verdade, sua função é de ampliar o rigor da investigação evitando, desta forma devaneios generalizados que podem ser conduzidos por uma aproximação consensual do debate.

Assim, reforça a autora;

É importante notar que a prática de desenvolver e utilizar essas tabelas previne avaliações impressionadas se infiltrando na análise. Dada a necessidade de o pesquisador começar alguma análise preliminar durante a produção e o início de processamento de dados, é inevitável que ele acabe fazendo algumas generalizações- talvez simplesmente ao resumir ideias iniciais. (BARBOUR 2009, p.169)

Um último recurso utilizado para a análise dos dados é um recurso que a autora chama de “participantes de grupos focais como co analistas” Este recurso foi utilizado e estimulado para que os participantes auxiliassem na tabulação das informações. Durante o debate dos temas questionamentos eram apresentados para que os participantes enquadrassem esta ou aquela fala dentro de uma categoria já estabelecida, um feito capaz de generalizar mais a ótica de análise, por exemplo, do grupo de estudantes do curso de Licenciatura plena em Educação Física ou a ótica de estudantes de cursos não Educação Física. Um fato que favoreceu bastante a compreensão da percepção de fatores capazes de orientar uma ou outra ótica de análise.

5.1 – Análises dos Grupos Focais

5.1.1 - GRUPO FOCAL I: Professores de Educação Física no programa de pós-graduação da Faculdade de Educação Física da Universidade de Brasília. Quantidade de participantes= 12. Grupo de verbalização=6. Grupo de anotadores=6. Duração da entrevista= 1h 53m

Os temas apresentados: Conceito de esporte, dificuldades para conceituar esporte, características do esporte, a inclusão no e pelo esporte, reflexões do esporte de alto rendimento nas atividades esportivas da escola, o esporte e o modelo para escola, esporte e discurso, esporte e violência, esporte, violência e professor de Educação Física e Esporte, violência e escola.

A primeira fase foi o momento de seleção da gravação e de coleta das anotações realizadas pelo grupo de anotação. A segunda fase a exploração do material é a que segue abaixo.

Mesmo de posse de categorias a priori, o processo de investigação iniciou-se com o que Barbour (2009) chamou de revisão da codificação de categorias. Neste momento, a partir de palavras-chave, o pesquisador/mediador oferece a oportunidade ao grupo de manifestação espontânea sobre estas palavras, que na verdade serão os fenômenos estudados durante o debate.

Para buscar categorizar o Grupo Focal, a primeira parte da técnica fez uso de duas palavras entendidas como fundamentais para a pesquisa: escola e esporte. A partir dessas palavras pediu-se que cada participante falasse as ideias preliminares sobre as palavras. Com essas falas ficou facilitado o processo de categorização da pesquisa. Cada participante tentou trazer um sinônimo para as palavras apresentadas e estes sinônimos foram coletados como categorias.

Assim, as categorias de análise são reajustadas para a realidade do grupo de estudo. Para esporte: integração, socialização, brinquedo, competição, coletivo, regras, contradição, reprodução do meio de produção capitalista, prazer/lazer e perspectiva salvacionista. Para escola: formadora de caráter, deformadora de caráter, espaço de transformações sociais,

representação da sociedade e exclusão, conforme visualização no quadro abaixo.

QUADRO 2: Categorias do Esporte e Manifestações

Categorias do esporte	Manifestação no debate (Ocorrências)
Integração	14
Socialização	13
Brinquedo	0
Competição	9
Coletivo	0
Regras	8
Contradição	0
Reprodução do meio de produção capitalista.	13
Prazer/lazer	8
Perspectiva salvacionista	7

QUADRO 3: Categorias da Escola e Manifestações

Categorias da escola	Manifestações no debate (Ocorrências)
Formadora de caráter	7
Deformadora de caráter	3
Espaço de transformações sociais	5
Representação da sociedade	6
Exclusão	2

Os quadros acima refletem como as categorias foram produzidas durante o debate, considerando a apreciação das informações isoladas e as manifestações individuais dos participantes. Os números significam a quantidade de vezes que as categorias aparecem no debate. No Quadro 1 chamaram atenção a frequência de manifestações em relação às categorias Integração, Socialização e Reprodução do meio de produção capitalista. Tais respostas apontam para aspectos desejáveis, ligados às funções do esporte (Integração e Socialização) e uma inevitável relação com o capitalismo (Reprodução do meio de produção capitalista), o que a princípio expressa uma ambivalência. No Quadro 2 as categorias de maior ocorrência nos permitem, de início, pensar em papéis (ambivalentes) da escola, quando projetam-se as categorias Formadora de caráter e Representação da sociedade.

É sempre importante lembrar que os quadros apresentados são defendidos por Barbour (2009) como sendo uma ferramenta imprescindível para evitar as banalizações e apreciações infundadas. Porém, em momento algum a utilização da matriz pode ser entendida como prejudicial à análise qualitativa. Também é relevante apontar que os quadros são visualizados apenas na interpretação do GF I tendo em vista o aproveitamento das mesmas categorias nos demais GFs e nas entrevistas.

A parte a seguir apresenta as análises por blocos de temas debatidos.

1) **Conceito de esporte.** Ao lançar a questão da conceituação do esporte o grupo de professores apresentou visões distintas. Enquanto uma parte apresentava a conceituação do esporte como algo institucionalizado, com regras específicas e competição, outra parte buscava enxergar uma perspectiva de caráter mais educativo, supervalorizando a categoria lazer, brinquedo e uma perspectiva salvacionista. Este grupo chega a apontar a competição como elemento não essencial do esporte.

Passagens interessantes merecem ser destacadas.

Logo no início um professor afirmou. “Para mim esporte se remete a contradição. Primeiro em relação ao esporte de alto rendimento e esporte escolar. Depois ao fato que teve origem na Inglaterra, quando o jogo é

transformado em esporte” Na verdade, ao ser interpelado sobre o que realmente o professor estava afirmando, o grupo auxilia a interpretação e conclui que o professor está falando sobre as diversas possibilidades do esporte.

Outra fala sobre o conceito de esporte é capitada. “O esporte tem um caráter socialmente capitalista. Tudo que gira em torno do esporte gira em torno do capitalismo” Neste momento outro estudante faz uma apreciação. E sua fala aponta para uma percepção contrária a fala do colega anterior. “O esporte no mundo socialista tem a mesma orientação que no mundo capitalista e funciona da mesma forma”

O debate toma um novo direcionamento em outras falas. A fala direciona-se às funções da escola. “Vejo a escola como uma ferramenta de transformação social, uma vez que a escola é a própria sociedade”.

Tomando por empréstimo a citação apresentada por Barbour (2009) “[...] o objetivo do grupo focal é capturar a interação entre os participantes. Em vez de simplesmente extrair os comentários feitos pelos indivíduos” (KITZINGER 1994 apud BARBOUR 2009, p.166)

Uma apreciação possível desta análise inicial, principalmente coletada a partir das comunicações não verbalizadas é de que existe um grupo de professores de Educação Física, apaixonado pelo caráter educativo do esporte. Esse grupo oferece resistência a qualquer colocação contrária a esta perspectiva, discute e, por vezes, fica sem argumento, mas mantém sua ótica de percepção.

“O esporte tem que ser entendido como um fenômeno que possui regras e competição”. Não há como pensar o esporte sem pensar em competição e, acrescenta outro estudante. “para caracterizar o esporte tem que, além de ter regras e competição tem que ser institucionalizada”.

2) **Dificuldade de conceituar esporte.** Ao apresentar este tema o grupo apresentou alguma dificuldade para iniciar a fala. A primeira pergunta foi: “De que esporte está falando?” O autor desta fala justifica sua indagação lembrando o professor Tubino. “Tubino divide o esporte em esporte de participação, de alto nível e educacional”. Mas, as intervenções foram sendo

colocadas e outro professor afirma. “Nunca terá uma definição porque o esporte pertence a vários domínios. E as áreas que transitam entre si puxam para o seu lado. O esporte é multidisciplinar”

Esta questão apresentou dois momentos especiais de reflexão. O primeiro é a pertinência com a ambivalência **do** esporte, quando afirma não haver condições de definir algo que pertence a várias áreas de interesse. E nesta mesma fala, quando o professor fala que as áreas puxam o esporte para o seu lado, de acordo com seus interesses é possível perceber as apreciações de campo esportivo apresentado por Bourdieu.

A questão não permitiu qualquer apreciação em relação às categorias anteriormente definidas, uma vez que seu objetivo foi de apresentar, através de um tema a ambivalência do esporte, a partir de sua dificuldade de conceituação. Uma passagem interessante de um dos professores apaixonados pelo caráter educativo do esporte é a indignação com a impossibilidade de conceituar o esporte. “Deve ter uma matriz, algo mais geral, algo que nem sei explicar”.

Mais uma vez fica evidente a dualidade de percepções sobre esta relação entre o esporte e a escola. O grupo de professores de educação Física defensores do esporte na escola manifestam-se advogando a linha de pensamento de divisão do esporte. Com isso, encontram dificuldade de conceituar, não por acreditarem na duplicidade e na variedade de áreas que o esporte se encontra, mas por crerem que, ao definirem o esporte de que se trata ficara fácil conceituar.

3) **Esporte e discurso.** O tema é apresentado para verificar como o esporte é apresentado para a sociedade como um todo, mas as apreciações mostraram que não é assim que é percebido. Existe vários discurso e, mais que isso, cada grupo social decodifica a mensagem postada à luz de seus interesses e expectativas.

As categorias socialização, redenção (perspectiva salvacionista), integração/igualdade são as mais citadas na análise do discurso da mídia. De uma forma geral, os professores entendem que o esporte é apresentado como

a salvação da sociedade, seja salvando a saúde da classe média e alta, ou seja, promovendo a ilusão da ascensão social da classe pobre.

Neste momento, mesmo contrariando as falas de Barbour (2009) que questiona sobre a possibilidade de uma análise consensual dentro do Grupo focal, o consenso correu. Todos afirmam que no discurso o esporte aparece constantemente como algo benéfico à sociedade. Mesmo as diversidades de apreciações são sempre positivas. Não há na mídia qualquer tipo de informação voltada para denegrir a imagem positiva do esporte.

Outro detalhe de significativa relevância foi à relação das modalidades esportivas com a moda. Na fala de um professor a mídia investe no esporte que quer fazer com que as pessoas pratiquem ou assistam sempre em acordo com os seus interesses específicos. Neste momento, o grupo é homogêneo ao apontar que o discurso do esporte é sempre positivo, nenhuma categoria negativa foi detectada nesta passagem.

Assim, é possível perceber que o discurso irá variar de acordo com o local onde o emissor está colocado. Lembrando o pensamento de Bourdieu de campo esportivo, o emissor faz de sua comunicação uma ferramenta de promoção de seus interesses para o sucesso nas lutas promovidas no campo esportivo.

4) **Características do esporte.** Na análise deste tema houve uma aproximação entre o que foi dito e o momento de conceituar esporte, o que retornou as categorias: regras, competição, institucionalização. Mas algumas singularidades propiciaram uma apreciação específica.

A primeira singularidade foi o debate ocorrido entre os professores quando um afirmou que o esporte de alto rendimento mantém o caráter lúdico. Outro professor critica a fala afirmando “é impossível a presença do lúdico quando o objetivo é a vitória”. Esse momento é importante como registro, por vezes, o grupo focal promove a incitação de uns contra os outros e é neste momento que é possível captar os vieses presentes no pensamento dos debatedores. Lembrando uma passagem já citada nesta pesquisa da autora de referência da pesquisa, o grupo focal é uma ferramenta capaz de mostrar o que

os atores pensam sobre determinado tema, mas é excelente para saber por que pensam desta forma.

O grupo de professores defensores da subdivisão em esportes competição e esporte de alto rendimento se mantém coerente com seus ideais e defende a impossibilidade de haver prazer na competição de alto rendimento. Na verdade, o esporte estará associado ao prazer quando liberto desta necessidade de vitória. Enquanto o outro grupo discorda desta afirmativa.

Se retomarmos as categorias colocadas no conceito de esporte, é possível perceber que as categorias de maior enfoque são: competição, regras e institucionalização. Se acreditarmos na impossibilidade da presença do lúdico na competição terá, por dedução que acreditar que em qualquer manifestação esportiva não haverá a presença do prazer, limitando o prazer aos jogos e, como colocou Elias, ao momento de conquista de um ponto, gol ou cesta.

Tal afirmação é contrária ao discurso da mídia direcionada as classes médias e altas, conforme coletado nas entrevistas de grupo focal. O que faz com que a compreensão de esporte e de ambivalência comece a ganhar fôlego.

5) Esporte na escola. Quando a palavra escola foi acrescentada ao debate, que até então se limitava a discutir o esporte como um todo, suscitou algumas reflexões interessantes. A primeira foi a de que o esporte precisa ser adaptado à realidade da escola. Um dos professores falou.

“É preciso entender que existe o esporte na escola e o esporte da escola. O esporte da escola é aquele que faz adaptações para que os alunos, de forma geral, possam participar, enquanto que o esporte na escola é a pratica esportiva realizada por alunos. Cada uma destas manifestações possui objetivos diferentes”.

O debate não trilhou por focos distantes, embora um dos professores tenha advogado a necessidade do esporte na escola, citando a importância dos valores que podem ser adquiridos com as experiências da competição, da derrota e da exclusão. Esse mesmo professor, continuando a sua fala, comentou a necessidade de adaptações às regras para que todos possam participar.

A negação do modelo de esporte institucionalizado, na fala de outro professor é algo que só aparece no discurso da escola. Na verdade, para esse professor é o professor de Educação Física quem reforça os valores e as atitudes produzidas pelo modelo de esporte de alto rendimento.

Ainda no campo das ideias outro professor comentou que a escola deveria ser um espaço de construção e que isso acaba sendo um paradoxo, à medida que o esporte, com suas regras e rigidez, age como um agente de acomodação e aceitação do que está posto, inclusive questionar o árbitro, mesmo estando com razão é uma penalidade muito grave dentro do esporte. Aqui fica latente, mais uma vez a relação do esporte como representação do modo de produção capitalista.

Esta parte foi, com certeza, a parte mais rica da coleta de dados. A diversidade de explicações sobre a relação do esporte na escola. Algumas reflexões são relevantes para o entendimento das questões. Os professores de Educação Física divergiram sobre os aspectos positivos e negativos da competição na escola, mas todos apontaram para a necessidade de adaptação do esporte na escola.

A adaptação seria a modificação das regras, modificação das instalações, desvio do enfoque das atividades esportivas e redução do caráter competitivo. Esta proposta traz uma inquietação. Será que algo que satisfaz as necessidades e interesses de um determinado grupo necessita ser modificado?

Mais uma vez, as falas, apresentam a ambivalência. Só que agora a ambivalência **no** esporte. O esporte que é formador também é deformador, visto que ensina os alunos a aceitação de não verdades sob a pena de poder ser excluído. Se o aluno/jogador reclama de uma regularidade com o arbitro/professor é penalizado, indiferente de sua reclamação possuir ou não fundamento. Como é possível formar pessoas críticas dentro deste processo?

As inquietações começam a aparecer e, a partir de seus surgimentos novos temas são apresentados para o debate. O primeiro tema a ser apresentado após esta constatação foi o de acrescentar ao debate o tema “violência”.

6) **Esporte , violência e escola.** O início do debate apresentou a violência como sendo um fenômeno produzido na sociedade através de um sistema capitalista excludente e reforçado pela mídia e a educação como um todo. Um professor coloca, mais uma vez a categoria da perspectiva salvacionista do esporte, cuja função seria a de inibir ou reduzir a violência através do esporte.

“A violência está presente na sociedade como um todo e na escola, que faz parte desta sociedade. O esporte tem sido utilizado como uma ferramenta para diminuir a violência na escola e fora dela. Veja o exemplo do esporte à meia noite e o projeto segundo tempo. Assim, o esporte é um meio de reduzir a violência”.

As falas continuaram e uma apreciação interessante foi a de que o esporte está ligado à criança a partir do que esta criança assiste no dia a dia. Na verdade, na visão desse professor, a criança percebe que os atletas de esporte de alto rendimento “xingam” os árbitros e nada acontece, assim, ele , crendo na visão de que tal ação “ faz parte “ do processo , acaba por tomar atitudes similares.

Outra colocação aponta para o esporte como sendo um fenômeno onde a violência é legalizada, mesmo as regras, cuja função é a de limitar a violência é bem permissiva. Desta forma, o esporte, sendo um fenômeno violento teria dificuldade de reduzir a violência, o que poderia fazer seria transferir o local das práticas violentas e as vítimas dessa violência, o que poderia ser o objetivo dos projetos sociais.

A primeira análise possível é realizada a partir da matriz de categorias. Um olhar superficial já mostra que as categorias presentes são antagônicas. Por um lado o grupo apontou para a solidariedade e integração e ao mesmo tempo também caracterizou o modo de produção capitalista em suas falas. O interessante é que as falas são do grupo. Não há especificidade de um grupo que advoga a solidariedade e outro que advoga o modo de produção capitalista. O que já aponta para a percepção de uma duplicidade de valores.

Duas questões ficam postas nesta reflexão. Na visão dos professores entrevistados a sociedade é violenta e, conseqüentemente o esporte como um fenômeno social, por si só seria a reprodução desta violência. Também foi

possível perceber alguma visão próxima da visão elisiana de que o esporte foi idealizado como uma forma de canalizar a violência social, ou seja, um local onde a prática da violência, algo intrínseco ao ser humano, era legalizado.

O debate entre os professores que creem na possibilidade salvacionista do esporte e os que apontam o esporte como um local de transferência da violência estendeu-se por algum tempo. Contudo, muito embora os de visão salvacionistas tenham se calado ao final do debate foi possível captar por seus gestos de reprovações permanecerem crendo em suas concepções. Os argumentos apresentados pelo outro grupo não os convenceu, e não era mesmo para convencer. Contudo, como já havia ocorrido no início do debate, em um dado momento faltam argumentos a estes debatedores. Parece que suas crenças ficam ausentes de fundamentações mais consistentes, seja no campo teórico ou na realidade prática.

Examinado as categorias apresentadas ao longo do processo do grupo focal e comparando-as com as categorias estabelecidas no início do processo de investigação foi possível perceber que muitas das categorias apresentadas não foram contempladas no debate.

No que diz respeito ao esporte as categorias mantidas foram: perspectiva salvacionista, reprodução do meio de produção capitalista, competição e regras. Enquanto que para a escola a categoria representação da sociedade foi a que recebeu citações significativas e merecedoras de apreciação.

Sendo assim, em uma análise parcial dos dados, uma vez que ainda existem outros instrumentos a serem investigados é possível concluir que os professores de Educação Física percebem o esporte como uma atividade de uma violência intrínseca e que, cada modalidade define, através de regras específicas, o nível de violência que deve ser aceita. Desta forma, suas falas apontam para a impossibilidade da manutenção do esporte na escola sem que haja uma adaptação do mesmo, somente a adaptação poderá fazer com que o caráter educativo de inclusão e socialização seja alcançado.

Quanto á perspectiva salvacionista o grupo ficou dividido. Alguns acreditam que o esporte possa ser um meio de controle da violência enquanto que outros acreditam que o esporte é um fenômeno social que não pode ser utilizado com esta função. Com estas informações é possível corroborar a hipótese de que existe uma ambivalência do esporte, principalmente pela dificuldade que especialistas no assunto encontraram para conceituar o fenômeno. Além disso, fica notório na pesquisa que para este grupo o esporte assume diferentes facetas, sempre em acordo com os interesses de quem o conduz, o que o faz ambivalente.

No que diz respeito à ambivalência no esporte as falas também revelam uma multiplicidade de possibilidades na utilização do esporte. Por vezes foram apontados fenômenos relacionados ao caráter educativo enquanto que em outros momentos o caráter danoso ficou latente, principalmente com a ênfase na necessidade de adaptação do esporte para a sua realização nas escolas.

Após a primeira realização do GF, evidentemente que o pesquisador/mediador já se apresenta para a realização do segundo momento da pesquisa munido de algumas categorias a priori. Mas, mesmo assim, o uso da técnica de captação de categorias é oferecido para o novo grupo. A esperança reside no fato de que estas categorias apareçam no debate como um todo.

5.1.2 - GRUPO FOCAL II: Alunos da disciplina de graduação oferecida no departamento de sociologia da Universidade de Brasília. A disciplina intitulada de Fundamentos Sociológicos do Esporte reúne alunos de diferentes cursos de graduação da Universidade de Brasília. O objetivo de entrevistar esses alunos foi de captar uma olhar de estudantes que, embora não pretendam trabalhar como professores de esporte possuem de alguma maneira algum envolvimento com o esporte, seja como alunos que foram , como expectadores (telespectadores), ou como pessoas que pretendem atuar em outra área do campo esportivo. Quantidade de participantes= 14.Grupo de verbalização=7.Grupo de anotadores=7.Duração da entrevista= 2h07m

Os temas apresentados: Conceito de esporte, dificuldades para conceituar esporte, características do esporte, a inclusão no e pelo esporte,

reflexões do esporte de alto rendimento nas atividades esportivas da escola, o esporte e o modelo para escola, esporte e discurso, esporte e violência, esporte, violência e professor de Educação Física e Esporte, violência e escola.

Questões anteriores à apresentação do tema: Antes da apresentação dos temas foram lançadas duas palavras para que os participantes do grupo de verbalização falassem a primeira impressão que viesse à cabeça. As palavras foram: esporte e escola.

A investigação, já contando com os dados coletados pelo GF I conduziu a investigação considerando as informações coletadas com um grupo de professores de Educação Física, o que permitiu ter maior atenção a detalhes que tenham escapado na apreciação anterior.

Primeiro momento da entrevista. Reflexões sobre escola e esporte.

A palavra “esporte” foi lançada para que os estudantes fossem tentando falar as primeiras impressões sobre o tema. Nesse momento as ideias iniciais, que chamaremos de categoria foram: maneira de controle e alienação (categoria alienação), atividade física/canseira (a categoria atividade física), competição.

É importante comentar que o grupo apresentou muito cuidado em não tratar esporte e jogo como sinônimos. Ao contrário, deixam claro que o jogo é o local onde se encontra o prazer e o lúdico enquanto que o esporte está mais voltado para a vitória e a entrega em busca de resultados.

A palavra escola, quando ofertada ao debate não mereceu muito tempo para reflexão. De imediato a escola esteve associada à ideia de formação através de regras. Assim as categorias de partida foram: regras e condicionamento.

Vale ressaltar que na apreciação inicial o grupo aproxima a percepção de esporte à percepção de escola, como se ambos tivessem funções similares. Contudo, a ênfase reside na formação através da conformação e da aceitação,

em momento algum é citado algum tipo de reflexão próximo das correntes construtivistas da educação.

Outro elemento enriquecedor do debate foi à diversidade do grupo. Um grupo formado por alunos de diferentes cursos de graduação propiciou um leque de apreciações bem amplo. Além disso, por não estarem diretamente ligados à questão do esporte na escola, como foi o caso de professores de Educação Física, a ótica de análise não encontrou questões motivadas pela emoção. Não havia a preocupação em absorver ou condenar o esporte e sim uma análise mais pura.

1)O primeiro tema apresentado foi **esporte e escola**. Nesse momento o grupo fez sátira da proposta de socialização atribuída ao esporte na escola. Um dos estudantes fala que teve duas experiências diferentes de aula de Educação Física. Na primeira o professor ensina os fundamentos de diferentes modalidades esportivas e cobrava em provas estes aprendizados, um fazer sem qualquer tipo de socialização. A sua segunda experiência sim. Como o professor deixava livre, ele junto com outros colegas se afastava do local e ficavam conversando entre si. Aí sim houve socialização.

Outro estudante diz que quando pensa na ideia de unir escola e esporte logo se lembra do pensamento de Foucault (vigiar e punir)

“Penso logo na formação de soldados, moral e psicologicamente para ficar na linha. Tem prazer, tem até algum tipo de ludicidade, mas o enfoque maior é a uma doutrina corporal”.

Outro estudante cita que a disciplina é importante para formação. Além disso, o esporte favorece a possibilidade de conhecer pessoas, não só jogando como tendo o esporte com condutor de um tema para debate.

É possível a percepção de ambivalência no esporte quando o estudante fala que pode ter diversão, mas a proposta maior é a disciplina do corpo. Esta apreciação associada a uma fala inicial que o estudante diz “esporte é cansa, embora todo mundo venda a ideia de saúde” aponta para o eixo norteador do debate deste grupo.

O pensamento sobre esporte e escola parece, na fala destes estudantes, manterem uma significativa distância entre o que se propõe ou se diz propor e o que acontece.

2) **conceito de esporte.** E mais uma vez a percepção de que esporte é sinônimo da competição institucionalizada vem à tona. Contudo, duas passagens são de relevantes contribuições. A primeira quando um aluno diz

“O esporte é um jogo organizado e é uma expressão da sociedade. As sociedades foram construídas em cima das guerras e das conquistas e o esporte é uma invenção social para que as nações possam mostrar suas supremacias sem ter que derramar sangue”.

Ainda o mesmo aluno da o exemplo da frustração de Sebastian Coe ao ser derrotado por um Queniano. Como um Inglês que treinou para ser o campeão podia ser derrotado por alguém de uma nação tão pobre e subdesenvolvida?

Sua fala chamou atenção para uma utilização do “esporte” ainda não abordado pelo grupo, que, após esta apreciação conduziu o debate sobre as buscas de competição e superação, não apenas na perspectiva de satisfação pessoal, mas de valorização das etnias e das nações, o que traz um caráter competitivo mais enfático.

3) **A dificuldade de conceituar esporte.** Algumas apreciações foram esclarecedoras da visão do grupo. Um estudante falou, fazendo uma crítica a visão de que existe esporte lúdico e esporte de competição, que.

“É complicado separar de forma cartesiana. É complicado por que não se sabe o que é esporte, tudo depende da linha de pensamento”. “Cada grupo entende esporte à luz de suas pretensões.”

Outro estudante fala que é preciso saber diferenciar o que é conceituar e o que definir. Para ele conceituar é falar a primeira coisa que surge a cabeça e assim, várias coisas surgem ao mesmo tempo, o que traz uma grande dificuldade para conceituar. Sempre é complicado conceituar algo.

Uma passagem de singular importância na perspectiva de corroborar a ideia de ambivalência **do** esporte. Nesta passagem fica notório que, para o grupo em questão, assim como para a proposta de pesquisa o esporte é

ambivalente já em sua ideia. Qualquer tentativa de definição sempre será uma tentativa, de alguma maneira, comprometida com a verdade de alguma ótica de apreciação.

Corroborando esta concepção outro estudante fala.

“Veja bem, para o pessoal da Educação Física, muito provavelmente o esporte é entendido como algo voltado para a formação do caráter. Para os estudantes de ciências sociais o esporte está sendo citado como um agente disciplinador e formador de soldados da nação. No meu caso, como estudante de jornalismo, o esporte é visto como notícia e assim vai. A conceituação sempre será de acordo com a ótica de quem conceitua”

Assim, a dificuldade de conceituação do esporte é tratada como apreciações à luz de interesses e também fica latente a percepção de que, as diferentes ramificações aparecem de forma a tornar o entendimento de esporte como algo subjetivo. Para o grupo estudado, o conceito está diretamente relacionado com a expectativa de quem está tratando o fenômeno esporte.

4) **Esporte e inclusão.** Em forma de sátira novamente, um estudante pergunta. Incluir quem? E em seguida outro fala. “É muito complicado, pois ao mesmo tempo em que o esporte inclui, eu acho que também exclui” Outro intercede e fala “Não existe inclusão no momento da competição. Na competição as pessoas querem ganhar, e para ganhar ela fará a seleção dos melhores e coisas deste tipo, deixando de fora os sem habilidades”.

Ainda nesta lógica de raciocínio os estudantes, motivados pelo tema, discutem entre si sobre o que é ou não inclusão e o encaminhamento traz algumas contribuições importantes para a pesquisa.

A primeira contribuição é a afirmativa de que o esporte pode auxiliar na inclusão de algumas pessoas (as exceções) que migram para outras camadas ou passam a merecer algum tipo de reconhecimento especial a partir de conquistas esportivas. Na verdade, são estas exceções que conquistam suas inclusões e o fazem através do esporte, mas é bem diferente da ideia de que a atividade esportiva promove a inclusão, ao contrário o esporte é seletivo e , conseqüentemente excludente.

Nesta análise, a ambivalência no esporte é mais uma vez reforçada pelo grupo. A ideia de que não possível afirmar a total inclusão ou total exclusão

possibilita a percepção de ambas caminham conjuntamente e, não são excludentes e nem depende da percepção, mas sim de quem participa.

5) A influência do esporte de alto rendimento no esporte escolar .O grupo foi enfático em responder que existe a influência. Além disso, afirmaram que num modelo de sociedade como o nosso é impossível que os astros do futebol (nosso caso) não sejam reflexos das atitudes dos alunos. Todo aluno quer ser como o ídolo. Na verdade, quer ser o ídolo: ter o dinheiro que ele tem conquistar as moças que ele conquista ter o prestígio do ídolo.

“As falas apontam para uma necessidade de se ter um atleta do Rei, como vivemos em uma República teremos os atletas do Presidente, os atletas e ídolos do Brasil, isso tem um aspecto político, representação da sociedade e mercadológico”.

Quando se citou o exemplo do Guga comentou-se como o tênis ganhou visibilidade e como se ganhou mais dinheiro em escolinhas de tênis e em venda de materiais específicas com o sucesso do Guga.

Uma apreciação sobre esta inquestionável influência do esporte de alto rendimento no esporte escolar é o caráter competitivo instalado nesta prática desportiva. Um caráter que reforça a vitória a qualquer custo e que influencia os alunos em atitudes similares nas atividades esportivas escolares, principalmente em competições entre escolas.

A análise da influência não se limitou aos ídolos que passam a serem imitados nas quadras das escolas em seus feitos positivos e negativos, mas também abordou como os manejos dos “craques” são copiados e como uma simples “peladinha” na escola apresenta tantos lances semelhantes aos de uma partida de futebol.

A influência é total e não há como escapar deste fenômeno. A mídia faz com que o esporte esteja presente no dia a dia das pessoas, sejam elas crianças, adolescentes e até adultos, isso ocorre com o objetivo de promover marcas e de vender produtos. O esporte é uma boa forma de marketing.

Tomando a oportunidade do debate e principalmente pela calorosa reflexão sobre a influência do esporte de alto rendimento na escola a questão seguinte tentou captar, de imediato, o objeto de pesquisa.

6). Ambivalência nas praticas esportivas. Nesta parte ficou claro que a ambivalência, também na visão do grupo é uma realidade. O grupo citou duas passagens de grande impacto: a inclusão e exclusão e o que o esporte (na escola) é e o que deveria ser.

Na parte da inclusão e exclusão o estudante coloca a situação de pessoas hoje que podem pagar para assistir as práticas esportivas e de certa forma estarem inclusas em um processo onde a sua classe estava totalmente fora em situações anteriores. Para contrabalançar com a exclusão já citada nas falas anteriores.

Na parte de ser e do que deveria ser o aluno aponta para uma prática esportiva que reforça os valores do esporte de alto rendimento e reforça a entrega a qualquer custo em busca da vitória como sendo um aspecto do esporte escolar hoje. Por outro lado, aponta para o esporte idealizado pelos professores de Educação Física que apresentam uma ideia de esporte capaz de incluir, socializar e de propiciar uma melhora da qualidade de vida.

Na verdade, a qualidade de vida também foi alvo de indagação e de debate. Como uma prática que gera um esforço capaz de trazer lesões diversas, principalmente pela sequência de movimentos repetitivos pode ser entendida como algo capaz de melhorar a qualidade de vida? Em resposta a esta indagação outro aluno cita o caso de uma pessoa da família que entrou em depressão e, atendendo as orientações do médico, iniciou a pratica de atividades físicas e recuperou-se, sem a utilização de remédios.

Este exemplo reforçou mais ainda a ideia da presença da ambivalência no esporte ampliando para três os temas. Além da inclusão e exclusão citadas anteriormente e do que é e deveria ser um terceiro item aparece no debate, qualidade de vida e lesão.

7) Adaptação do esporte para a sua aplicabilidade na escola. O tema foi “esporte e adaptação das regras”.

O primeiro impacto da questão foi questionar a necessidade do esporte na escola. Neste momento um aluno faz uma reflexão e aponta que a Educação Física na escola não nasce com o esporte, ao contrário a ideia era de prática de exercícios físicos para a melhoria do corpo e , conseqüentemente uma maior aprimoramento da mente. Com esta ideia o modelo proposto

alcançava a sua proposta, visto que a prática de atividades física permite a participação de todos e os benefícios da atividade a todos.

Na verdade, fala outro aluno, toda a vez que o professor propõe qualquer tipo de alteração nas regras básicas da modalidade esportiva apresentada há uma intensa resistência do grupo, que já possui uma expectativa em relação à atividade.

As falas continuam e outro aluno diz que a violência e a competição são elementos da sociedade. “Coloque um bando de adolescentes juntos e eles irão competir, irão brigar. Não é o esporte que favorece esta atmosfera é a vida social”

Em outra intervenção é apresentado à dificuldade de se fazer qualquer tipo de adaptação. A competição exige a busca pela vitória, essa busca exige ser o melhor e, no caso de esportes coletivos, ter os melhores ao seu lado.

É importante ressaltar que a crítica posta pelo grupo não é uma crítica que aponte o esporte como um vilão a ser eliminado do contexto educativo da escola. As falas apontam para um fenômeno que reflete a sociedade do jeito que é.

“A vida é uma eterna competição. É uma briga de foice no escuro. Retirar a competição da escola e retirar a parte de formação dos alunos para a vida. O que se questiona é a fala de que o esporte socializa e inclui. Na verdade, existem inúmeras outras formas de socializar, muito mais eficazes. O esporte parece não ser tão legítimo na escola. Se o fosse não haveria tanta rejeição. Por que, quem não joga bem, não fica no time. Então não tem direito a exercitar-se”.

Embora o debate nesta parte da pesquisa tenha sido direcionado para a Educação Física como aula de esportes, as contribuições foram significativas para diversas reflexões. A primeira delas é: Se tem que adaptar o esporte para que ele possa alcançar as suas propostas de socialização, inclusão e qualidade de vida, por que mantê-lo?

Neste momento o grupo afirma que o esporte tem a sua contribuição e que deve permanecer na escola, o que não pode é perpetuar a visão “inocente” de esporte salvacionista. O esporte ambivalente cabe na escola que também é ambivalente. Esta passagem é apontada no momento em que um estudante diz:

“A visão de que a Educação Física tem que ter a preocupação com a inclusão e com a cooperação é uma visão reducionista. As disciplinas de sala de aula não trabalham com esta perspectiva, muito ao contrário, promovem de forma exacerbada a exclusão, e nem por isso o professor de matemática ou de língua portuguesa tem a função na escola questionada”.

Mais uma vez a análise aproxima-se da ideia defendida da existência de uma ambivalência no e do esporte. As categorias apontadas mostram que o “esporte” forma e deforma e isso não está associado ao professor que o conduz.

8) Esporte, escola e violência. Nesse momento o debate dividiu o grupo. Parte dos estudantes foi totalmente contrário à questão da violência na escola enquanto outra parte não percebia na violência do esporte um caráter educativo.

A reflexão surge quando um aluno cita Rousseau.

“A sociedade é competitiva e isso não está associado ao modo de produção capitalista. Por isso, Rousseau idealizou o pacto, para propor uma negociação social. Se a sociedade é competitiva significa a busca pela vitória e a busca pela vitória exige um grau maior ou menor de violência”.

Com esta fala o aluno aponta que o esporte, na linha de pensamento de Elias é uma forma de descarregar as energias. É uma violência que, se respeitando as regras impostas pode servir para uma reflexão sobre a vida social. “Se você viver dentro das regras sociais você ficará bem”

A fala deste aluno é complementada por outro que soma a ideia.

“O fato de a criança participar de atividades violentas (jogos de vídeo games, esportes de luta e esportes de contato) não significa que ela irá transferir estas atividades para a sua vida cotidiana. A competição é e sempre será uma violência (psicológica e física) e esta competição é importante para o crescimento das crianças e adolescentes como seres sociais. Na verdade, a sociedade é violenta e o esporte, como fenômeno social, também é violento”.

O grupo dos estudantes contrários à fala anterior foi enfático ao afirmar que as manifestações de violência na escola devem ser coibidas de forma

exemplar. Cabe a escola ensinar que a violência não é a melhor forma de vida social e que a vida social violenta não é o melhor caminho.

O grupo favorável à violência retoma o debate e aponta para as regras como forma de mensurar até que ponto a violência pode ou não ser usada e que o esporte pune as “atletas” que tentam burlar as regras, mostrando a importância de uma postura regrada.

Um dos defensores cita que a escola faz uso do esporte para que os alunos descarreguem suas energias em um chute, arremesso ou cortada para ficarem mais tranquilos e não agredam professores e alunos no dia a dia da escola. É a visão de esporte como possibilidade de catarse. Por que, continua o aluno, as civilizações são violentas e sem a possibilidade do esporte a violência irá manifestar-se de outra maneira.

O grupo contrário a violência na escola retoma a fala e afirma “Por isso que sou contra o esporte de alto rendimento na escola. O esporte na escola tem que ser um esporte lúdico, com outras funções que não a catarse”.

9) Esporte de luta na escola. O tema foi apresentado com a expectativa de acirrar mais o debate o que não ocorreu. O grupo colocou não acreditar que o esporte de luta possa aumentar a violência mais do que qualquer outro tipo de esporte de contato, com o futebol, por exemplo.

Uma contribuição significativa foi à afirmação de que esporte não pode ser entendido como a Educação Física. Cada um possui características e significados sociais diferentes. A Educação Física nasce com o intuito de trabalhar o corpo, a questão de mente sã em corpo sã e o esporte, pelo menos na fala deste aluno, segue uma apreciação aos moldes de Elias, uma atividade que é inventada para que a sociedade possa exercer a sua violência de forma regrada, sem que possa cometer as atrocidades de períodos passados.

A análise desta parte da pesquisa aponta para a percepção de que as categorias criadas no início da atividade não chegam a ser muito contempladas. Apenas a categoria competição e alienação permanecem presente ao longo de todo o debate voltado para a questão do esporte, enquanto que a categoria formação permanece associada à palavra escola.

A percepção de que, ao longo do processo as categorias vão diminuindo e ganhando uma perspectiva mais específica indica que, na visão do grupo o esporte possui um espaço na escola, mas não o espaço advogado pela literatura defensora de uma prática salvacionista. Para estes estudantes as apreciações feitas pelos defensores do esporte como uma forma de socialização, ampliação da qualidade de vida, inclusão social e participação são visões reducionistas que não examinam o esporte dentro de seu contexto social.

O esporte é um reflexo da sociedade e os fenômenos que ocorrem dentro do esporte ocorrem na sociedade como um todo.

Nesta parte cabe uma reflexão posta por Bauman.

O mundo é ambivalente, embora seus colonizadores e governantes não gostem que seja assim e tentem a torto e a direito fazê-lo passar por um mundo não ambivalente. As certezas não passam de hipóteses, as histórias não passam de construções, as verdades são apenas estações temporárias numa estrada que sempre leva a diante, mas nunca acaba. (BAUMAN, 1999 b, p.189)

Esta fala talvez seja a que melhor traduza a hipótese de ambivalência no e do esporte. O momento em que se percebe a sociedade ambivalente como um todo e o esporte, como fenômeno social, igualmente ambivalente.

Após a interpretação e a análise de dois GFs de enfoques diferentes as ideias sobre a relação esporte/escola e sociedade começam a ganhar um amadurecimento. De imediato foi possível fazer uma diferenciação entre o debate realizado pelos professores de Educação Física e os alunos de diferentes cursos (não de Educação Física). Como era de se esperar os professores de Educação Física mostram-se mais resistentes à percepção de que o esporte não pode ser entendido, unicamente, como algo positivo. Em momento algum foi questionado a sua relevância para a sociedade, mas os não professores de Educação Física conseguem um olhar além da apreciação de que se algo está errado com o esporte é responsabilidade de um professor despreparado.

Com estes dados encontro com o terceiro Grupo Focal é direcionado para a percepção da ótica nos cursos de Graduação de professores de

Educação Física. A hipótese é de que o tipo de formação recebida influencia a percepção dos alunos

5.1.3 - GRUPO FOCAL III : Alunos do curso de Educação

Física da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília. Atividade realizada na disciplina Fundamentos sociológicos do esporte. A ideia de investigação deste grupo sustenta-se na perspectiva de tentar entender como a ambivalência do e no esporte está sendo tratada na formação de futuros professores de Educação Física e como este grupo está sendo preparado para perceber o esporte na escola. Tempo de duração do Grupo focal 1h12m. Participantes=10. Grupo de verbalização =4. Grupo de anotação =6.

Assim como nas outras entrevistas, antes de oferecer os temas propriamente ditos foram oferecidas duas palavras para que fosse possível coletar algumas categorias a priori. Assim as palavras escola e esporte são lançadas para que o grupo de estudantes falem as primeiras coisas que pensem sobre os fenômenos.

A palavra “esporte” foi lançada para que os estudantes fossem tentando falar as primeiras impressões sobre o tema. Neste momento as ideias iniciais, que chamaremos de categoria foram: para esporte: modalidade, competição organizada e qualidade de vida. Para escola as categorias coletadas foram: educação, regras e aprendizado.

De posse das categorias pré-estabelecidas o primeiro tema foi:

1)**Esporte e escola.** O grupo apresenta uma reflexão interessante ao citar que o esporte tem que ser entendido pelo menos em duas possibilidades: o esporte na escola e o esporte da escola. O esporte na escola, que o grupo demonstrou ser totalmente contrário, é o esporte de alto rendimento sendo introduzido na escola, com todas as suas regras e fundamentos. Enquanto que o esporte da escola é um esporte adaptado para contemplar os objetivos do esporte escolar (respeito à diversidade, inclusão, cooperação e socialização).

Um dos estudantes lembrou que o esporte pode ser conceituado de várias maneiras, dependendo do interesse e da ótica de percepção de quem

conceitua e que a falha da prática esportiva na escola tem que ser associada a maus professores que não sabem conduzir o esporte dentro de uma ótica educativa.

A apreciação feita pelo grupo de estudantes de Educação Física foi a mesma coletada no Grupo Focal que examinou professores de Educação Física em uma turma de pós-graduação. Tal fato já é entendido como um dado importante, pelo menos até agora. O grupo de professores de Educação Física percebe a adaptação do esporte como imprescindível para que o caráter educativo e formativo possa ocorrer de forma satisfatória.

2) **Conceito de esporte** e uma possível dificuldade de conceituar o esporte. Um aluno foi rápido na resposta.

“Não vejo dificuldade de conceituar o esporte na minha ótica de percepção, que é a Educação Física. Tenho dificuldade de conceituar na ótica dos sociólogos”.

Mesmo assim a colocação apontou para uma apreciação ampla de uma diversidade de possibilidades de conceituar o esporte, mesmo crendo que a Educação Física tem uma linha condutora única. Na ótica de outro aluno diz:

“O professor tem que saber a inclusão, ela (inclusão) não é um fenômeno inerente ao esporte, mas pode ser trabalhada. Os jogos cooperativos são uma demonstração desta possibilidade”.

Assim este estudante falou que o professor pode montar os grupos através de sorteios e de outras maneiras que possam formar grupos que contemplem tanto os habilidosos como os de menor habilidade. Contudo, quando perguntado o que fazer para manter a inclusão durante o desenvolvimento da competição ele encontrou dificuldades. Sua fala foi.

“O professor pode diminuir o processo de exclusão de alunos com menor grau de habilidade no início da atividade, mas depois...”

O que pode ser percebido é que para os alunos de Educação Física não há dificuldade de conceituação, algo que já não ocorreu entre os professores do curso de pós-graduação. Na verdade, os alunos percebem de forma rápida os conceitos estudados em seus textos e apresentam de forma confiante.

3) **Esporte e inclusão.** O grupo, mantendo a regularidade de suas reflexões mantém a ideia de que é possível a inclusão através do esporte.

Um estudante fala da possibilidade de incluir algum aluno com algum tipo de necessidade especial com esporte. Além disso, fala da possibilidade de ascensão social através do esporte citando um número razoável de pessoas excluídas e que, por terem habilidades específicas no esporte encontram um trabalho no esporte que gostam.

“Antes skatistas, jogadores de futebol e surfistas eram percebidos como vagabundos e hoje, alguns são profissionais. Claro que isso depende de suas habilidades específicas, mas na demais profissão também não é assim?”

Existe a seleção dos melhores, que é uma exclusão, mas também existe a inclusão de alguns, tanto que as classes médias têm investido em escolinhas de esporte, quase na mesma proporção que fazem em cursos de idioma e no aprendizado de instrumentos musicais.

Aqui o debate apresenta uma singular e inesperada colocação dos estudantes apaixonados pelo valor educativo do esporte. Nesse momento, após serem indagados pelo pesquisador/mediador, reconhecem que o esporte é ambivalente no sentido de permitir a inclusão e a exclusão de pessoas. Claro, o enfoque em gestos e expressões faciais ao defender a possibilidade da inclusão é notório, mas reconhecem o caráter seletivo, mesmo tentando, ao máximo resistir a esta afirmativa.

4) **A influência do esporte de alto rendimento na escola.** O grupo iniciou a reflexão afirmando que não há como impedir que o esporte de alto rendimento exerça uma influência no grupo de alunos, ainda mais no momento onde a mídia possui uma aproximação de dimensões significativa com a sociedade atual.

É difícil que algum aluno que goste de futebol não tenha conhecimento da habilidade do Neymar e do Ronaldinho gaúcho. Assim como também é impossível que as atitudes destes jogadores, dentro e fora de campo seja alvo de discussões nas rodas de adolescentes que admiram o futebol. O massacre de informações é muito intenso.

“O mercado está agindo de forma muito forte. Os meninos querem ser como seus ídolos, assim como as meninas queriam ser como a Barbie. Quem não quer ser famoso, ter muito dinheiro e prestígio social?”

Além disso, quando o esporte não consegue criar um ídolo o mercado fica encarregado de fazê-lo, pois é esse astro/ ídolo que irá aquecer a economia do mercado esportivo além de aumentar a procura de novos participantes.

Ainda nesta análise os estudantes de Educação Física estabelecem uma relação direta entre a influência do esporte de alto rendimento e a ação dos professores nas aulas de Educação Física. Na visão deste grupo, se o professor for um profissional capacitado poderá lapidar as influências externas e aproveitar-se apenas dos benefícios propiciados por esta influência.

“A Educação Física na escola tem que ser crítica e se o esporte é um dos conteúdos das aulas de Educação Física precisa manter uma postura crítica. Assim, o professor deve trazer as situações ocorridas nas competições para o debate em sala de aula, analisando o alcance e os limites dos fatos junto aos alunos”

Não há como impedir o acesso aos fatos ocorridos nas competições, o que pode ser feito é uma apreciação dos fatos e interpretar à luz da realidade escola.

Esta fala posta pelo grupo aponta o professor como sendo um agente de “superpoderes” capaz de proporcionar o bem ou mal no esporte dependendo de sua atitude e compreensão de mundo. Na visão apresentada pela pesquisa propriamente dita, por mais que a intervenção do professor seja incisiva não há como combater a ambivalência do esporte. A influência do esporte de alto rendimento apenas proporciona a percepção desta ambivalência

5) A questão que seria apresentada neste momento já foi discutida anteriormente e aproveitada na coleta de dados. Por isso, o tema **esporte e adaptação** não foram discutidos.

6) **A violência e o esporte.** Esta questão foi apresentada ao grupo em função do debate gerado entre outros estudantes de outras áreas.

No grupo anterior os estudantes colocaram que as regras existentes nas práticas esportivas são para coibir uma violência para além da violência permitida pelo esporte, conseqüentemente, seria um fato natural. Para o grupo de Educação Física a violência na escola deve ser banida.

“Não concordo com a violência na escola. Por isso creio que o esporte competitivo não tem lugar na escola. O seu local é em outra parte da sociedade, não na escola”

Outro estudante falou

“É preciso ensinar o aluno a respeitar o seu colega e o professor deve inventar formas de frear as manifestações violentas nas atividades esportivas. O caráter lúdico deve prevalecer sobre o caráter competitivo”.

Quando questionado sobre o caráter competitivo da sociedade e, conseqüentemente violento pela busca da superação de um sobre o outro, o grupo posicionou-se da seguinte forma:

“Independente do esporte seja ele individual coletivo ou de luta, se o professor for um disciplinador o aluno conseguirá obter uma consciência corporal e ser conhecedor de sua força e limitações”

O debate neste momento retoma para a visão de professores de Educação Física com poderes de abstrair do esporte apenas seu potencial educativo e formativo, idealizando um esporte escolar monovalente, ou seja, apenas formativo. Diante desta situação construída pelas respostas apresentadas pelo grupo a pesquisa indagou pela ambivalência no esporte

7) Esporte e ambivalência. O tema apresentado causou desconforto ao grupo que não entendia o que se buscava com esta indagação.

Um estudante falou. “Ambivalente como?”. Após os esclarecimentos feitos pelo condutor do grupo focal o debate seguiu de forma pouco calorosa, o que permitiu a percepção de que, para o grupo de estudantes de Educação Física a ambivalência é contida quando o professor responsável separa o esporte de alto rendimento de esporte escolar. No âmbito do esporte escolar não há ambivalência, o seu valor é puramente formativo.

Percebendo a saturação das respostas, ou seja, as respostas já estavam se repetindo e o grupo não manifestava mais interesse em alongar o tema em questão, o condutor do grupo focal encerra esta parte da investigação.

As contribuições possíveis deste tipo de análise principalmente pela comparação dos dados coletados no GFI e GFII são de que os estudantes de Educação Física parecem possuir uma visão apaixonada de sua disciplina recusando-se a aceitar qualquer tipo de manifestação contrária a crença de que o esporte na escola é formativo. Sempre que interpelados sobre o caráter excludente e individualista do esporte, categorias analisadas nos grupos anteriores como presente e inerente ao esporte, associam tão feito à incompetência do professor responsável pela disciplina.

Também foi fato perceptível que os estudantes de Educação Física possuem um conhecimento ainda muito voltado para as práticas esportivas. Sempre que o encaminhamento dos temas conduzia a uma reflexão de cunho mais sociológico, o debate perdia fôlego. Muito provavelmente estas leituras não seriam suficientes para superar a visão apaixonada.

Finalizando esta parte da pesquisa fica o registro de que mesmo oferecendo muita resistência o grupo de professores e alunos de Educação Física terminam por admitir a presença da ambivalência no esporte. Alguns por admitirem as várias possibilidades e outros por não conseguirem argumentar de forma contrária

A sequência dada à pesquisa dedicou um espaço especial para coletar a visão daqueles que convivem com a prática esportiva no cotidiano. O grupo de maior contribuição, sem dúvida, é o grupo de professores de Educação Física que trabalham nas escolas da Secretaria de Educação. Para este grupo a opção foi a realização de entrevistas separadas.

Mesmo reconhecendo a riqueza do debate promovido pelo Grupo Focal a proposta foi de coletar as categorias mais presentes nos GFs e interrogar os profissionais de Educação Física sobre suas percepções. Tal feito justifica-se por acreditar na necessidade de aprofundar detalhes como : a função da

competição na escola, o ensino do esporte como componente curricular da disciplina Educação Física, o esporte e a violência.

As categorias escolhidas foram: conceito de esporte, socialização, competição, formação de caráter, prática esportiva na escola e violência.

5.2 – Análise das Entrevistas

ENTREVISTA 1:

Dia 03-05-2012. Período matutino. Escola da SEEDF da regional Plano piloto.

Professora 1

Professora de Educação Física da Secretaria de Educação do Distrito Federal. Professora concursada com quinze anos de magistério. Leciona com séries finais do Ensino Fundamental (do sexto ao nono ano)

1. Como você conceitua esporte?

Resposta: Olha o esporte, acho que é necessário, mas não consigo perceber isso dentro da escola, a visão de esporte mesmo, onde você tem toda uma estrutura que tem que ter de suporte, de técnico, suporte de espaço físico, suporte de materiais, de tempo, uma serie de coisas, eu não consigo perceber isso dentro da escola, eu acho que é muito complicado isso, e ate porque se você coloca um esporte definido mesmo e uma coisa mais pra exigir do aluno, você vai começar a separar, porque? Porque tem alunos que realmente tem condições, habilidades e têm outros que não tem, e ai você vai fazer o que? Ai você vai dar atenção a um, e não vai dar atenção a outro? Então eu acho meio complicado, então pra mim o esporte dentro da escola, o conceito de esporte onde você tem um treinamento especifico, uma preparação física especifica para determinada modalidade, eu acho que isso não deve ser feito dentro da escola não, você tem os centros de treinamento, ai o professor dentro da escola ao perceber que o aluno tem uma facilidade maior para desenvolver determinado esporte, tem uma habilidade melhor, maior, então ele vai

encaminhar esse aluno, ele vai direcionar esse aluno e ai lá na escolinha, no espaço específico onde ele tem todas as condições e tudo, ai ele vai desenvolver isso ai, mas dentro da escola não vejo muito isso não.

2. Você é favorável a adaptação da pratica esportiva, modificação de regras para a adaptação dessas atividades na escola?

Resposta: Eu sou totalmente a favor, tanto é que eu trabalho dessa forma, eu faço adaptação de todos os esportes que a gente desenvolve durante o ano, é tudo adaptação de regras, e muitas vezes os alunos. É muito engraçado, porque eles mesmos vêm conversar com a gente.

_ Professora será que pode fazer dessa forma, e tal, ai a gente senta o grupo de alunos, e vamos lá, como é que a gente pode fazer isso aqui para melhorar, como é que a gente pode fazer essa determinada atividade aqui onde todo mundo possa participar, e tal? Ai eles mesmos vão discutindo, e eles mesmo vão definindo as regras do jogo, é muito interessante porque eles conseguem fazer isso, então é muito legal.

3. Você acredita que o esporte possa favorecer a inclusão de alunos não tão habilidosos em praticas especificas?

Resposta: Justamente o meu objetivo é esse, é fazer a inclusão daqueles que não tem a facilidade tão grande, mas que gostam, querem participar, e querem estar lá junto com o grupo, auxiliando de alguma forma, então a gente faz. Por exemplo: no futsal mesmo, o aluno que não é tão habilidoso lá como atacante, mas ai ele vai pro gol, vai pra lá vai pra cá, ele vai vivenciar varias posições no futsal e ai ele vai perceber onde que ele tem mais facilidade, ele vai jogar defendendo, ele vai jogar atacando, ele vai jogar no gol? E ai ele vão percebendo, eles vão ajudando uns aos outros.

4. O esporte na escola tem sido entendido como uma forma de liberação de estresse dos alunos?

Resposta: É, a atividade física no geral na escola, libera muito essa parte de estresse de energia, não digo nem estresse, mas energia do aluno, principalmente a faixa etária que eu pego, eles tem muita energia que é quinta série, eles tão com 10, 11 anos, então a energia deles está assim a mil, então assim, o dia que não tem quadra eles ficam loucos, e os próprios professores falam, é complicado manter essa criançada por um tempo maior dentro de sala de aula porque eles realmente precisam, precisam correr, precisam pular, precisam gastar essa energia que eles têm, então é realmente isso ai.

5. O esporte na escola pode ser entendido como uma forma de disciplinar aluno?

Resposta: Olha o disciplinar ai tem que ver porque você pode sim levar eles a perceber que o autocontrole é importante o respeito aos colegas, aos outros, aos espaços que eles têm que eles têm que cuidar, o respeito ao material, você tem que orientar isso, mas eu não vejo que é uma função só esporte, é um conjunto, eu acho que todo mundo tem que colaborar, o esporte pode auxiliar nessa disciplina, nesse controle do aluno sim, mas acho que tem outros segmentos ai que são importantes também.

6. Que recursos você utiliza para diminuir os riscos de lesão nas práticas esportiva?

Resposta: Bom, normalmente a gente faz uma recreação inicial, brincadeiras, mas de corridas e tudo, agora como não é uma coisa que exige muito deles em termos de desgaste, vamos dizer assim de desgaste físico, ou que exija muito dentro da parte de condicionamento cardiorrespiratório, é uma coisa mais simples, então assim, a gente dificilmente tem lesão, as lesões que tem normalmente é de cair machuca, de tropeçar mesmo, de um bater no outro às vezes, ai são os acidentes que podem ocorrer em qualquer momento, lesão mesmo, por alguma atividade feita em excesso ou que sobre carregue de mais determinados grupos musculares ou que sobre carregue de mais uma determinada articulação, isso a gente não tem não, o que a gente tem são os contratempos do dia-a-dia mesmo de machucar, cair, ralar um joelho, ou então

cair de mau jeito, machucar um pé, alguma coisa assim, de correr e pisar até porque nossa quadra tem buracos, não é uma quadra que esteja 100% nas condições, então às vezes acontece de acontecer alguma besteirinha, mas nada de excepcional não.

7. Quais os objetivos associados ao ensinamento das práticas esportivas?

Resposta: O objetivo é dá uma noção pro aluno de cada prática esportiva, cada esporte, e no caso a gente trabalha muito voltado para os esportes fazendo uma adaptação das regras, até porque eles são muito pequenos, a parte motora deles ainda, muitos ainda traz problemas sérios, de coordenação e tudo, então a gente tem que fazer uma adaptação, não tem como começar, entrar em um esporte específico, e já ir exigindo determinados movimentos que eles realmente não conseguem, então é uma coisa bem rudimentar mesmo, ele aprender a trabalhar com uma bola de basquete, ele vai, muitas vezes os alunos quando chegam eles nunca tiveram contato nem com as bolas, eles só veem bola de futsal, então pega uma bola de vôlei, pega uma bola de basquete eles não tem nem domínio nenhum, eles não sabem nada, então ele vai começar a fazer uma recreação utilizando esses materiais, e a coisa vai sendo adaptada.

A entrevista ainda contou com outras questões com intuito de confirmar a presença do esporte como conteúdo e também de verificar o envolvimento da escola com o esporte. Fato que foi confirmado.

Em relação à possibilidade de análise da entrevista realizada foi possível perceber que a professora é apaixonada por sua atividade profissional. Em suas falas, a necessidade de adaptação da atividade esportiva para que possa acontecer como conteúdo é algo marcante em suas respostas. Outro item presente em suas respostas é a presença do esporte na escola. Na visão da professora o esporte não pertence à escola e sim a outro local na sociedade. Porém, chama à atenção a dificuldade que a professora encontra para conceituar esporte. Fala sobre aspectos do esporte, mas não entra no conceito

propriamente dito. Além disso, mesmo não crendo que o local do esporte seja a escola, dedica um tempo para o ensinamento do gesto desportivo. “O objetivo é dá uma noção pro aluno de cada prática esportiva, cada esporte”.

Também presente na análise está a distância entre a concepção do que se faz e a realidade. A professora permite a percepção de que sua vocação é para o esporte educativo e inclusivo, evocando a participação de todos os alunos. Contudo, mesmo a perspectiva do esporte escolar que Tubino (2010) diz que deve estar referenciada aos princípios da inclusão, participação, cooperação, coeducação e corresponsabilidade. No entanto, essa prática parece permanecer no mundo das ideias, no real é um fato não percebível.

Basta realizar uma reflexão sobre a seguinte passagem “o meu objetivo é esse, é fazer a inclusão daqueles que não tem a facilidade tão grande, mas que gostam, querem participar, e querem estar lá junto com o grupo, auxiliando de alguma forma, então a gente faz”. Como fazer a inclusão? O aluno fica no grupo, mas só participa de forma acidental.

ENTREVISTA 2:

Dia 10-05-2012. Período vespertino. Escola da SEEDF da regional Taguatinga.

Professor 2

Professora de Educação Física da Secretaria de Educação do Distrito Federal. Professor concursado com dezessete anos de magistério. Leciona com Ensino Médio

1) Como você conceitua esporte?

Resposta: É uma maneira adequada de inserir certos preceitos sociais, certos preceitos de conduta de regras introduzindo para com os alunos com uma modalidade afim, daquilo que eles gostam de praticar.

1) Como é o esporte na escola? Fale sobre as contribuições.

Resposta: As contribuições deveriam ser muitas, mas o que se vê é que o esporte tem uma maneira de inserir, baseado em certos princípios faz com

que o aluno torne-se muito maldoso. O aluno aprende a cometer uma série de faltas, deixa de respeitar certos tipos de padrões de conduta. Então, para mim, o esporte na escola está em um processo de falência. Acho que o Governo tinha que repassar para outros aspectos e investir mais em esporte.

2) Que apreciação é possível ser feita a partir da presença da competição na escola?

Resposta: A gente sabe que é um mundo globalizado, mas a competição para o menino precisa de algum tipo de modificação para a contribuição na formação dele. Talvez em um processo de extravasar energia ele acumulada. Nesse momento, envolvido no processo de competição o aluno acaba afastando-se de uma conduta próxima do comportamento padrão. De certa forma, a competição estimula demais e acaba fazendo com que haja um afastamento do comportamento.

3) Você é favorável ou contrário à competição na escola?

Resposta: Não concordo com a competição na escola. Para mim tinha que ser uma parte mais sociável. Alguma coisa que pudesse diminuir confrontos.

4) Você acha que o esporte pode promover socialização?

Resposta: Grandes mestres pensam que sim, mas creio que do jeitinho que está sendo encarado como fator financeiro os entraves aparecem com maior frequência.

5) Que relação você estabelece entre esporte e a formação de caráter?

Resposta: Muita gente vê assim em relação a parte de regras. Essas pessoas acreditam que as regras podem ajudar a contribuir com alguma coisa, mas nada. Hoje tudo você vê uma mão na bola valer gol no futebol. De modo que você deve favorecer o aluno. Na verdade, o esporte tanto pode formar o caráter como pode deformar o caráter, tudo dependerá do que o aluno irá abstrair de sua prática.

6) Que análise você faz das atitudes violentas presente nas atividades esportivas?

Resposta: Nossa, ela é terrível! Ninguém respeita nada. Exemplo: O futsal, entre outros são 5 faltas coletivas. E ele sabendo que nessas 5 não será posto a sua meta em perigo ele atinge o colega, sem a preocupação se vai machucar ou não. O não habilidoso trava o habilidoso com essa dose de violência permitida. Acho que tem que haver uma forma de coibir essa violência

7) O professor pode interferir nessa mudança?

Resposta: Com certeza. Acho que o professor é um maestro, ele é um incentivador. Ele que chega, para e conversa. É difícil. Por que a criança vem de uma competição que sabendo que lá na rua dela eles jogam apostando e a equipe vencedora leva o dinheiro. Cabe ao professor coibir essa postura e incentivar a mudança. O que a gente vê, muitas vezes, é só entregar a bola.

8) Você acha que existe alguma diferença entre o esporte que a mídia mostra e o que deveria ser na escola?

Resposta: Com certeza. (A fala do professor não permitiu perceber a sua justificativa)

9) Você acha que esse esporte na escola pode promover a inclusão social?

Resposta: Com certeza. Eu acho que é mais uma diversificação que a criança possa estar sendo incentivada, a formação do caráter. Essa formação é muito importante até que se alcance a maturidade.

10) Você é a favor ou contra o esporte na escola?

Resposta: Sou contra a competição. Agora é preciso achar um meio de fazer com que o esporte aconteça de forma a dar a sequência na vida social da criança. A vida da criança é uma competição

A segunda entrevista agora realizada com um professor de Ensino Médio mostrou que o conceito de esporte continua sendo a maior dificuldade.

Cada professor (a) conceitua, ou tenta conceituar por uma linha de reflexão bem diferente. O que evidencia a ambivalência conceitual. Outros fatos curiosos foram detectados nesta pesquisa e serviram para evidenciar a ambivalência. Essa fala é a expressão maior da ambivalência “Sou contra a competição. Agora é preciso achar um meio de fazer com que o esporte aconteça de forma a dar a sequência na vida social da criança. A vida da criança é uma competição” Nesse momento é possível ver que, mesmo não sendo favorável à competição não há como afastar-se dela.

Passagem de igual relevância na percepção da ambivalência é constatada quando se pergunta sobre a capacidade do professor de fazer o esporte ser uma prática educativa. “Acho que o professor é um maestro, ele é um incentivador. Ele que chega, para e conversa. É difícil. Por que a criança vem de uma competição que sabendo que lá na rua dela eles jogam apostando e a equipe vencedora leva o dinheiro.” Ao mesmo tempo em que crê na possibilidade de conduzir percebe que a influência do esporte de alto-rendimento exerce uma força de tensão igual, o faz com que o fenômeno esporte possa ser entendido como ambivalente.

Para finalizar essa entrevista, outra passagem é de singular importância. Quando o professor foi perguntado sobre a violência no esporte fez uma exclamação. Ela é terrível! Continuou sua fala destacando a necessidade de pensar-se em uma forma de eliminar a presença da violência. Contudo, a violência está presente dentro do esporte, faz parte de sua elaboração e, as regras existem para definir o grau de violência permitida.

ENTREVISTA 3

Dia da entrevista 10-05-2012. Período vespertino. Escola da SEEDF da regional Taguatinga.

Professor 3

Professora de Educação Física da Secretaria de Educação do Distrito Federal. Professor concursado com quinze anos de magistério. Leciona com Ensino Médio

1) Como conceitua esporte?

Resposta: Uma forma de competição onde o melhor deve superar o outro e que o processo dessa conquista seja realizado dentro de processo de regras para que a superação ocorra de forma mais leal possível.

2) Qual a contribuição do esporte na escola?

Resposta: É o maior celeiro de futuros atletas. Que deveria ser mais bem valorizado, pois acho que a escola é a fonte de revelação e iniciação de futuros atletas.

3) Que apreciação é possível ser feita a partir da presença da competição na escola?

Resposta: Depende da forma como se estabelece a competição. Por que a competição pela simples competição eu acho negativa, mas a competição na escola é importante por que vivemos em uma sociedade competitiva. Você trabalhar as pessoas para a competição eu julgo ser um momento fundamental na escola. Dentro do processo de revelar novos talentos para o esporte. Além disso, ensina o aluno a adquirir limites, a superar seus próprios limites. Acho que tem que existir sim.

4) Você acha que o esporte promove a socialização?

Resposta: Depende da forma como está sendo trabalhado. Se trabalhar a competição simplesmente como competição, não, mas se você trabalhar a competição como um processo fim e trabalhar o esporte em si. Aí sim ele socializa.

5) É possível trabalhar a inclusão no esporte?

Resposta: É possível se houver uma mudança do enfoque da competição. Você pode trabalhar jogos cooperativos, jogos participativos e a competição. Dentro desse esquema é possível trabalhar a inclusão.

6) A violência no esporte, qual sua apreciação?

Resposta: O esporte reflete a sociedade. Se a sociedade é violenta o esporte também o será. Dependendo da forma essa violência pode até ser trabalhada, mas a solução não está só no esporte não.

7) Qual a diferença entre o esporte da mídia e o esporte que deveria estar presente na escola?

Resposta: Sim. O esporte que passa na televisão é um esporte com todo um apoio econômico e os atletas são autossuficientes, é um trabalho. Os atletas vivem do esporte. Na escola o enfoque é outro. Não há esse rendimento nem essa preocupação.

8) O esporte na escola pode ser entendido como educativo?

Resposta: Creio que sim. Tudo dependerá da forma como é trabalhado o esporte na escola. Por isso, sou totalmente favorável a prática de esporte na escola. A função do professor de Educação Física é de preparar esse aluno, através do esporte, para posicionar-se na sociedade como cidadão.

O terceiro professor entrevistado defendeu a presença do esporte na escola com objetivos de formar futuros atletas. Uma visão da relação esporte/escola que ainda não havia sido contemplada em qualquer momento anterior, tanto nos GFs como nas entrevistas. Contudo, ao longo de suas apreciações foi possível perceber um caráter educativo presente em suas falas. Mas, na definição de esporte, destaca a superação do outro como elemento intrínseco ao esporte, o que traz a posição antagônica em relação à inclusão e a solidariedade, elementos presentes na entrevista.

ENTREVISTA 4

Dia da entrevista 10-05-2012. Período vespertino. Escola da SEEDF da regional Taguatinga.

Professor 4

Professora de Educação Física da Secretaria de Educação do Distrito Federal. Professor concursado com dezoito anos de magistério. Leciona com séries finais do Ensino Fundamental (do sexto ao nono ano)

1) Como você conceitua esporte?

Resposta: Eu conceituo o esporte de dois pontos de vista diferentes. O esporte educacional e o esporte competitivo. O esporte competitivo também pode ser dado na escola, mas com uma visão mais tecnicista, mais voltada pra competição. É o esporte propriamente dito, ou seja, aquele que vemos na televisão de uma maneira geral. Já o esporte educacional é o esporte que se preocupa com aspectos relacionados à inclusão, convivência e os aspectos sociais.

2) Como é que você percebe o esporte na escola? Fale sobre as contribuições.

Resposta: Há duas vertentes em relação ao esporte que é dado na escola. Eu gosto das vivências lúdicas que podem se manifestar no esporte no sentido de você poder apresentar o esporte através de jogos e atividades que propicie ao aluno à socialização, ao lúdico, a expressão de ideias, a criatividade. E tem também o esporte competitivo que apresenta o esporte a partir de uma visão técnica, voltado para a profissionalização.

3) Que apreciação é possível ser feita a partir da presença da competição na escola?

Resposta: Eu acredito que a presença da competição na escola não seja uma coisa ruim. A possibilidade de o aluno se identificar e querer se aprofundar em um esporte vem com a competição. A competição é saudável à medida que o profissional consegue mediar para aquilo que há de positivo. O aluno deve saber que em alguns momentos que ele vai ter que realmente competir e que ele vai ter que se destacar, mas que nem sempre ele vai ser habilidoso em tudo. Acredito que a competição pode ser inserida em certos momentos da aula, mas tendo objetivos, tendo intenções.

4) Você acha que o esporte promove a socialização? Em caso positivo, como?

Resposta Sim. Através da mediação, através de como o professor apresenta o esporte. Através de aulas que tenha como objetivos promover a socialização dos alunos, estimular o interesse a entender ao próximo, entender o mundo que ele vive e as individualidades de cada um.

5) Que relação você estabelece entre o esporte e a formação de caráter?

Resposta Eu acredito que o profissional (atleta) é uma das principais referências no esporte. Desse modo, o aluno, ou mesmo as crianças de um modo geral, se espelham nos atletas que se destacam nas modalidades que eles gostam. Além disso, se for possível mostrar que o profissional do esporte tem uma índole boa, que o esporte pode te ajudar a crescer na vida como uma profissão poderá contribuir para a formação do caráter. E também é importante mostrar que o esporte não é só aquele lado ruim de atletas que tem má fama, que só pensam em ganhar dinheiro.

6) Que análise você faz das atitudes violentas presentes no esporte?

Resposta: Acredito que essas atitudes violentas estão muito presentes na formação do próprio atleta, pois nem todos os atletas tem esse tipo de atitude e nem todos os treinadores aceitam esse tipo de atitude. Desde a base se mostrou que a violência era permitida e por consequência o atleta levou essa ideia durante toda a sua formação até a sua profissionalização. A partir daí fica muito difícil desvincular essa ideia da violência do atleta. Passa a ser uma característica dele. Mas com trabalho não é impossível modificar essa postura.

7) Existe alguma diferença entre o esporte da mídia e o como deveria ser o esporte na escola?

Resposta Sim, pois há a diferença do esporte que especializa que é o esporte praticado nas “escolinhas” de especialização e o esporte que é dentro da escola que é voltado para socialização, vivencia, para a ludicidade, para as fases de iniciação de desenvolvimento de habilidade e capacidade motoras e cognitivas.

8) Você é favorável à pratica de esporte na escola?

Resposta Sim, desde que saibam mediar. Acho que não só o esporte (futebol, vôlei, basquete e handebol), mas a educação física em geral tem

muito a contribuir de formas lúdicas, usando mídia para o desenvolvimento dos alunos de acordo com sua faixa etária.

9) Você percebe alguma diferença entre o como é e como deveria ser o esporte na escola?

Resposta Eu vejo uma educação física escolar voltada para práticas que os alunos já trazem de fora, não sendo oportunizadas novas vivências aos alunos. Eles saem da escola com os mesmos conhecimentos que já tinham antes, ou seja, não agregam nada novo. Deveriam ser incluídas atividades que objetivem o desenvolvimento motor da criança. Mas hoje como se diz é o “rola a bola”.

10) O esporte escolar promove a inclusão? Como?

Resposta Sim, através da mediação. Se o professor souber mediar às práticas para que os alunos, de alguma maneira, possam se envolver mais nas atividades e se ajudarem entre si, favorecerá a inclusão. E isso será expandido para as demais matérias, onde os alunos irão ajudar um ao outro.

Essa perspectiva reforça a ideia de que o professor de Educação Física é apaixonado pela crença de que o esporte é educativo, por isso, se justifica como conteúdo da disciplina Educação Física. Mas, quando comparamos a fala desse terceiro professor com os demais fica clara a percepção do esporte sobre óticas distintas. Não há qualquer preocupação em tentar fazer apologia a essa ou aquela concepção, mas sim evidenciar a dificuldade de conceituação e de percepção do esporte na escola, mesmo quando entrevista-se professores da mesma escola.

Dado também relevante para o encerramento do processo de investigação é a percepção de uma categoria muito falada nos GFs que pouco aparece nos debates, a socialização. As entrevistas captam a crença da possibilidade de uma socialização através do esporte, mas não fica claro a forma como essa socialização pode acontecer. Parece que essa categoria só existe no mundo das ideias, sem uma realização concreta. Nem mesmo a quarta entrevista consegue explicitar como imagina o processo de socialização

através do esporte. Comenta a possibilidade, mas não consegue apresentar uma situação concreta.

A competição também é uma constante nas entrevistas e é vista como uma ferramenta maléfica pelos professores entrevistados. Seja por uma manifestação direta de crença de que a competição seja prejudicial ou através de apreciações que deixam reflexões. Porém, nenhum dos professores conseguiu uma forma de pensar o esporte longe da competição. A sugestão apresentada foi de jogos cooperativos e participativos, mas jogos não são sinônimos de práticas esportivas.

CONCLUSÃO

O presente estudo abordou a questão da ambivalência no esporte e, em especial nas aulas de Educação Física, no sentido de verificar possíveis contribuições do pensamento de Bauman para uma interpretação das práticas esportivas na escola. Para o alcance de seu intento sua análise foi subdividida em dois momentos de apresentação distinta, mas de objetivo comum. A primeira parte apresentou uma reflexão entre os estudos de Bauman sobre a sociedade contemporânea e a aplicabilidade desses conceitos no esporte. A segunda parte, uma investigação empírica de alguns atores sociais sobre o fazer do esporte na sociedade e na escola.

No que diz respeito a segunda parte da investigação faz-se mister aludir à limitação da pesquisa, uma vez que, tratando-se de uma investigação interpretativa e de coletas de percepções, o resultado não avançou para além de aproximações da realidade. Visto que os respondentes, tanto nos GFs quanto nas entrevistas, manifestaram-se sobre a realidade examinada considerando suas histórias de vida e cultura, o que faz com que as respostas devam ser examinadas como apreciações.

Após as necessárias apreciações introdutórias é possível afirmar que, alguns momentos compõem a conclusão do estudo. O primeiro é a confirmação de ser possível e fértil o estudo do esporte à luz das contribuições do conceito de ambivalência em Bauman. Para a sustentação dessa afirmação estabeleceu-se uma linha de reflexão entre o citado conceito e a prática esportiva na escola para detectar que, na prática, a ambivalência tem sido percebida na própria fluidez, indefinição e insegurança do conceito de esporte. Também a concepção de sociedade volátil e de experiências momentâneas é útil para a compreensão das rápidas transformações e adequações do esporte diante da influência de outros setores, como o econômico, o midiático e o político. Vale dizer, ainda, que essa visão de Bauman é coerente para explicar o caráter multifacetário do esporte, que se apresenta como um fenômeno dinâmico de diversas possibilidades conceituais.

Tal perspectiva é elucidativa e útil para se pensar o esporte, não como um lugar dicotômico e fragmentado; mas, como um fenômeno social

imprevisível, não controlado, presente em todos os espaços sociais e institucionais e ao mesmo tempo em lugar nenhum.

O segundo momento da pesquisa identifica que a ambivalência pode ser percebida no esporte em diversas manifestações. Uma delas é a percepção da ambivalência conceitual fato constatado tanto no processo de revisão de literatura quanto na investigação empírica.

Na revisão de literatura foi constatado que o esporte tem o seu conceito atrelado às diferentes concepções de sociedade. Na ótica configuracional o esporte é conceituado de uma forma, na ótica estruturalista de outra e na ótica marxista de uma terceira forma.

Um fato reforçado no momento de investigação empírica, quando os Grupos Focais e as entrevistas puderam coletar um leque de variedades nas diferentes tentativas de conceituação do esporte. Dentre a diversidade de colocações, apenas a competição esteve presente na maioria das explicações, muito embora boa parte dos professores de Educação Física não concorde com a presença da competição na escola.

Importante ressaltar que a utilização de uma triangulação entre a técnica de Grupo Focal e a de Entrevistas foi determinante e elucidativa para a percepção do papel do esporte na escola. O debate realizado nos GFs oscilou entre um esporte salvacionista e um esporte alienador. Contudo, as entrevistas indicaram a percepção de que, na visão dos professores de Educação Física, o esporte é um elemento “estranho na escola”. Um fato percebido com a fala da professora da entrevista 1 “o local do esporte não é a escola”. Mas mesmo com essa afirmação trabalha com o ensinamento do gesto desportivo. Outra identificação de elemento “estranho” pôde ser percebido em outra passagem na entrevista 2. “Sou contra a competição. Agora é preciso achar um meio de fazer com que o esporte aconteça de forma a dar a sequência na vida social da criança. A vida da criança é uma competição”. Também na entrevista 3 uma fala relacionada à inclusão traz igual sensação. A inclusão é possível se houver uma mudança do enfoque da competição. Você pode trabalhar jogos cooperativos, jogos participativos e a competição. Dentro desse esquema é possível trabalhar a inclusão.

O terceiro momento é a percepção de que o esporte é multifacetado. A investigação preocupada em descobrir uma possível função do esporte descobriu que o esporte pode ser “utilizado” de diferentes formas. Pode ser utilizado como: lazer, educação, diversão, disciplina, liberação de estresse, violência permitida, prática de inclusão, prática de exclusão, atividade benéfica à saúde, atividade com danos à saúde.

Na verdade, fica latente que o esporte traz em seu contexto, indiferente de quem o dirige, seja um professor ou treinador, a ambivalência. O que faz da ambivalência algo intrínseco ao esporte. A ambivalência é inerente ao esporte e não há como forças externas minimizarem a postura ambivalente presente no fenômeno. O esporte multifacetado é a própria manifestação da ambivalência da sociedade. Tal feito é perceptível pela análise de que ao mesmo tempo em que é entendido como uma prática saudável, capaz de contribuir para a queima de gordura e, conseqüentemente controle da glicose e do colesterol ruim, carrega em sua essência a possibilidade de lesões e de acidentes cardíacos, como tem sido relatado pela imprensa na atualidade.

Também caminha juntos a possibilidade de formação e deformação de caráter. O ideal de fair play aristocrata não se mantém diante da interferência imposta por uma mídia muito próxima de seu consumidor. Cada aluno, em cada prática esportiva convive com os valores formativos e as tentações estimuladas pela busca vulgar da vitória, essência do esporte de alto rendimento da atualidade.

A competição, categoria de presença quase que unânime no decorrer da pesquisa também aparece repleta de ambivalência. Traz, por um lado a possibilidade do desenvolvimento da perseverança, da superação, da disciplina, do empenho e da cooperação. Mas também traz, em sua essência, a luta por uma vitória, o que se constrói em um celeiro de aprendizagem de falcatruas, manhas e de outros valores distantes dos ideais advogados pela sociedade de cidadania.

Cabe uma ressalva na análise da categoria competição. Todo o estudo tem por proposta a investigação do esporte na escola e não de jogos. Por isso, embora seja feita alusão aos jogos cooperativos durante o corpo do trabalho, o

esforço reside em não permitir qualquer tipo de confusão em relação às categorias: esporte e jogo.

O quarto momento dá-se pela percepção da possibilidade de utilização do esporte de diversas formas e com diferentes objetivos. Alguns grupos de estudiosos acusam o esporte de funcionar como um aparelho ideológico de Estado e de que, sua prática traz em si o germe da alienação e da acomodação, uma fala bem apresentada em um dos GFs por uma estudante de Sociologia. Na verdade, essa realidade foi e ainda é verdadeira. Se no passado o esporte foi utilizado para legitimar o Governo Militar brasileiro, hoje é utilizado em projetos sociais com o mesmo objetivo de desviar a atenção de jovens e de se apresentar para a sociedade com um exercício de redução da violência. No caso no Distrito Federal do Esporte à meia-noite e do projeto segundo tempo. Contudo, é de significativa relevância a percepção de que o controle é um fenômeno típico do mundo de modernidade sólida. A modernidade líquida rejeita padrões e ações de controle em consequência de sua liquidez e insegurança.

Também afirmam que o esporte é uma eficaz ferramenta para a liberação do estresse e gasto de energia. Uma realidade que nos acompanha de forma rotineira, principalmente nas escolas. Repare que todos (as) os professores (as) das séries iniciais do Ensino Fundamental fazem uso de um dia para que haja uma prática de esporte. Nesse dia é que os alunos irão liberar toda a energia açulada ao longo da semana.

A pesquisa mostrou a presença do lado educativo no esporte, fato impossível de ser negado. O conhecimento obtido nas vivências esportivas é de imprescindível relevância para a formação do cidadão contemporâneo. Além disso, valores formativos como: respeito à diversidade, respeito a si mesmo e ao próximo, solidariedade e empatia estão presentes nas práticas esportivas.

A guisa de conclusão foi possível perceber que o “esporte” não aceita um conceito que possa traduzi-lo de forma efetiva. Os diferentes atores sociais pesquisados e a literatura especializada em Educação Física e da Sociologia não conseguem encontrar um denominador comum. Isso em razão de que o mesmo esporte que aliena é o que conscientiza. O mesmo esporte que traz

contribuições para a saúde e o que traz sequelas à saúde de atletas. O mesmo esporte que forma o cidadão forma o cafajeste.

Isso ocorre em razão do esporte ser ambivalente. Diversas categorias coletadas ao longo do estudo apontaram para esse fenômeno: O esporte não pode ser balizado ou definido por modelos fechados: crítica aos modelos de esporte; o esporte acompanha as mudanças, as tensões e depende de tensões; pois, está imerso na fluidez da própria sociedade. É um conceito/fenômeno dinâmico em construção; O esporte é atemporal; Há interpretações fechadas, ordenadas e organizadas do esporte (modelos e teorias), a ideia de controle é da modernidade sólida e não líquida; Não há padrões ou certezas no esporte; pois, ele pode se apresentar como uma duplicidade; A incerteza é fértil para entender o esporte, especialmente no mundo globalizado (pós-moderno); Há racismo no esporte; O esporte é um conceito/fenômeno fluido, dinâmico, imperfeito; O esporte é multidimensional, poli facetado, inseguro; O esporte é um produto consumido; O esporte pode ser interpretado como um fenômeno estranho, imprevisível, para muitos, maldito; O esporte é uma mercadoria, o que faz dele algo misterioso.

Na verdade, finalizando a reflexão acredita-se ser possível afirmar que a maior fertilidade do estudo fundamentado em Bauman reside na percepção de que o esporte é um “estranho” dentro do contexto do mundo de modernidade líquida. É um fenômeno que dentro dos aspectos contemporâneos navega em uma fluidez capaz de rejeitar todo o esforço de padronização.

Nesse sentido, todo o conflito estabelecido pela literatura, embora tenha contribuído para o avanço do conhecimento em suas épocas e tenha sido entendido como legítimo para o momento em que fora discutido merece ser rediscutido a partir da leitura de Bauman de sociedade de Modernidade Líquida. Na verdade, a pesquisa pôde contemplar a necessidade de um aprofundamento maior sobre o esporte e sua presença na escola, negando apreciações rápidas e fragmentadas. A grande preocupação com a contribuição educativa do esporte e sua legitimidade na escola é válida, visto que a escola é o instrumento legal/formal de educação. Contudo, é exatamente o potencial ambivalente do esporte que o faz imprescindível à escola.

Como nos ensina Bauman:

O mundo é ambivalente, embora seus colonizadores e governantes não gostem que seja assim e tentem a torto e a direito fazê-lo passar por um mundo não ambivalente. As certezas não passam de hipóteses, as histórias não passam de construções, as verdades são apenas estações temporárias numa estrada que sempre leva a diante, mas nunca acaba. (BAUMAN, 1999 b, p.189)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUTHUSSER, L. **Aparelhos ideológicos de Estado**. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

BARBANTI, Valdir. **O que é esporte?** Escola de Educação Física da USP, 2010.

BARBOUR, R. **Grupos focais**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

BASSAMI, J; TORRI, D; VAZ, A. **Sobre a presença do esporte na escola: paradoxos e ambiguidade**. Revista Movimento. Porto Alegre, v 09, nº2, p-89-112, maio-agosto, 2003.

BAUMAN, Z. **A arte da vida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

_____. **Vida para o consumo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

_____. **Modernidade Líquida**. . Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

_____. **Modernidade e ambivalência**. Rio de Janeiro: Zahar, 1999b.

_____. **Globalização: as consequências humanas**. RJ: Jorge Zahar, 1999 a.

_____. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. RJ: Jorge Zahar, 2003.

_____. **Legisladores e Interpretes**. RJ: Jorge Zahar, 2010.

_____. **Bauman sobre Bauman**. RJ: Jorge Zahar, 2011.

_____. **O mal estar da pós- modernidade**. RJ: Jorge Zahar, 1998

BENTO, J Contexto e perspectivas. IN: BENTO, J; GARCIA, R; GRAÇA, A. **Contextos da pedagogia do esporte-** perspectivas e problemáticas. Lisboa: Novos horizontes, 1999.

BOURDIEU, P. Programa para uma sociedade do esporte. (p 207-220) IN: BOURDIEU, P. **Coisas ditas**. SP: Brasiliense, 1990.

_____. Como é possível ser esportivo (p 136-152). IN: **Questões de sociologia**. Rio de janeiro: Marco zero, 1983.

BRACHT, V. **Esporte, Estado e sociedade**. RBCE, v10, n 2,p.69-73, 1989.

_____. **Educação Física e aprendizagem social**. Porto Alegre: Magster, 1997.

_____. **Sociologia crítica do esporte:** uma introdução. Vitória: UFES, 1997.

BROHM, J. **Critiques du sport**. Paris: Cristian Burgeois Editeur, 1976.

BROTTO, F. O. **Jogos cooperativos:** o jogo e o esporte como um exercício de convivência. Santos: Projeto Cooperação, 2002.

BRUHNS, H. **O corpo parceiro e o corpo adversário**. Campinas: papyrus, 1993.

CAVALCANTE, K. **Esporte para todos:** um discurso ideológico. São Paulo: Ibrasa, 1984.

CESARIO, S & MALINA, A.(org). **Esporte**: fator de integração social? Campo Grande MS: UFMS, 2009.

DA MATTA, R. (org) **Universo do futebol**: esporte e sociedade brasileira. RJ: Pinakotheck, 1982.

ELIAS, N.. **Ensaio sobre o desporto e a violência**. IN: Elias, N; DUNNING, E. A busca da excitação. Lisboa: Difel, 1992.

_____. **O processo civilizador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

EUZEBIO, Carlos Augusto e ORTIGARA, Vidalcir. **Na teoria a prática é outra?** Análise do conhecimento esporte nos cursos de formação inicial de professores de educação física no sul catarinense. *Rev. Bras. Ciênc. Esporte* [online]. 2011, vol.33, n.3, pp. 653-669. ISSN 0101-3289

ESTADELLA, A. **Esporte e sociedade**. Rio de Janeiro: Salvat editora do Brasil, 1979.

FENSTERSEIFER, P. **A Educação Física na crise da modernidade**. Ijuí:Unijuí,2001

FINCK, S. **A Educação Física e o esporte na escola**: cotidiano, saberes e formação. Curitiba: Ibipex, 2010

GEBARA, A. **Educação Física e esportes**: perspectivas para o século XXI. São Paulo: Papyrus, 2002.

GHIRALDELLI, Jr. **Educação Física progressista**. (2ªed)SP: Loyola, 1989

GOMES, Ivan Marcelo. **Conselheiros modernos**: propostas para a educação do indivíduo saudável. 2008. 222p. Tese (doutorado em Ciências Humanas) - Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas do Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2008.

GUERIERO, D. J.; ARAÚJO, P. F. A. **Educação física escolar ou esportivização escolar?** *Revista Digital - Buenos Aires* - Año 10 - N° 78 - Noviembre de 2004. <http://www.efdeportes.com/efd78/esportiv.htm> ([Acesso em 20de fevereiro de 2012](#))

HABELT S, HASLER, C, STEINBRUCK, M. **Sport injuries in adolescent** *Rev (Pavia)*. 2011 Sep 6;3(2):e18. Epub 2011 Nov 7. PMID:22355484[PubMed - in process].

KUNZ, Elenor. **Transformação didático-pedagógica do esporte**. Ijuí: Unijuí, 2001.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994.

MEDINA, J .**A Educação Física cuida do corpo e... "mente":** Bases para renovação e transformação da Educação Física. -9ª ed. - Campinas, SP: Papyrus, 1990.

MURAD, Maurício. **Sociologia e Educação Física:** linguagem do corpo, esporte. RJ: Fundação Getúlio Vargas, 2009.

OLIVEIRA, V. **Consenso e conflito:** Educação Física brasileira (2ed) Rio de Janeiro: Shape, 2005.

PEREIRA, F. **Introdução à crítica da Educação Física, do esporte e da recreação**. São Paulo: ícone, 1988.

PRONI, M; LUCENA, R. (org) **Esporte: história e sociedade**. Campinas, SP: autores associados, 2002.

REZER, Ricardo (org). **Fenômeno esportivo:** ensaios críticos-reflexivos. 2006.

SILVA. Wellington Araújo. **O esporte enquanto elemento educacional**. <http://WWW.efdeportes.com/> *Revista digital- Buenos Aires* - Año 10-nº 79-

Diciembre de 2004. Consultado em abril de 2011 (Acesso em 28 de fevereiro de 2012).

SOARES, C. **Educação física escolar**: conhecimento e especificidade. Rev. Paul. Educ. Fís., São Paulo, supl.2, p.6-12, 1996.

SOUZA, M. **Esporte escolar**: possibilidade superadora no plano da cultura corporal. São Paulo: Icone, 2009.

STEFANELLO, J. Educação Física e desporto: as atuais necessidades de desenvolvimento da infância à idade adulta. IN: SONOO, C; SOUZA, C; OLIVEIRA, A. **Educação Física e esporte**: os novos desafios da formação profissional. Maringá: UEM, 2002.

STIGGER, M. **Esporte, lazer e estilo de vida**: um estudo etnográfico. Campinas, SP: autores associados, 2002.

TORRI, D &VAZ, A. **Do centro a periferia**: sobre a presença da teoria crítica do esporte no Brasil.. Revista brasileira de ciências do esporte. Campinas, v.28, n 1,p.7-218,setembro, 2006.

TUBINO, M. **Estudos brasileiros sobre esporte**: ênfase no esporte educação. Maringá: Eduem, 2010.

APÊNDICE

APÊNDICE 1

ROTEIRO DO GRUPO FOCAL I

Mediador- Antonio Carlos Cosenza Faria

Sujeitos da pesquisa. (Professores de Educação Física no programa de pós-graduação da Faculdade de Educação Física da Universidade de Brasília)

Data da realização. 22/outubro /2011

Primeira parte

Duas palavras são oferecidas ao grupo para que possam falar as primeiras impressões sobre as mesmas. É o momento de coleta das categorias a serem investigadas no debate.

Palavras apresentadas: esporte e escola

Temas apresentados:

- 1) Conceito de esporte
- 2) Dificuldade de conceituar esporte
- 3) Esporte e discurso
- 4) Características do esporte
- 5) Esporte na escola
- 6) Esporte, violência e escola.

APÊNDICE 2

ROTEIRO DO GRUPO FOCAL II

Mediador-. Antonio Carlos Cosenza Faria

Sujeitos da pesquisa. Alunos da disciplina de graduação oferecida no departamento de sociologia da Universidade de Brasília, Sociologia do esporte.

Data da realização do Grupo Focal. 17/setembro /2011

Primeira parte

Duas palavras são oferecidas ao grupo para que possam falar as primeiras impressões sobre as mesmas. É o momento de coleta das categorias a serem investigadas no debate.

Palavras apresentadas: esporte e escola

Temas apresentados:

- 1) Conceito de esporte
- 2) A dificuldade de conceituar esporte
- 3) Esporte e inclusão
- 4) A influência do esporte de alto rendimento no esporte escolar
- 5) Ambivalência nas praticas esportivas
- 6) Adaptação do esporte para a sua aplicabilidade na escola
- 7) Esporte, escola e violência.
- 8) Esporte de luta na escola

APÊNDICE 3

ROTEIRO DO GRUPO FOCAL III

Mediador- Antonio Carlos Cosenza Faria

Sujeitos da pesquisa. Alunos do curso de Educação Física da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Data da realização 13/novembro 2011

Primeira parte

Duas palavras são oferecidas ao grupo para que possam falar as primeiras impressões sobre as mesmas. É o momento de coleta das categorias a serem investigadas no debate.

Palavras apresentadas: Esporte e escola

Temas apresentados:

- 1) Conceito de esporte
- 2) Esporte e inclusão
- 3) A influência do esporte de alto rendimento na escola
- 4) A violência e o esporte
- 5) Esporte e ambivalência
- 6) Esporte de luta na escola

APÊNDICE 4

ROTEIRO DE ENTREVISTA 1

Aplicador. Aluno da disciplina Sociologia do esporte

Sujeitos da pesquisa. Professores de Educação Física da Secretaria de Educação de uma escola da Asa Sul – Distrito Federal

8. Que espaço reservado para as práticas de iniciação esportiva em seu planejamento de curso?

9. Quais as modalidades trabalhadas durante o ano letivo?

10. Quais os objetivos associados ao ensinamento das práticas esportivas?

11. Como você organiza sua aula quando o tema é uma prática esportiva? Quais os procedimentos utilizados para o alcance dos objetivos específicos de cada aula?

12. A escola realiza competições esportivas internas?

13. A escola participa de competições externas, jogos regionais?

14. Existe alguma preocupação de posturas diferenciadas entre os alunos das aulas de educação física e os alunos das equipes escolares?

15. Como você conceitua esporte?

16. Como você percebe a relação entre esporte e a escola?

10. Você é favorável a adaptação da prática esportiva, modificação de regras para a adaptação dessas atividades na escola?

11. Você acredita que o esporte possa favorecer a inclusão de alunos não tão habilidosos em práticas específicas?

12. O esporte na escola tem sido entendido como uma forma de liberação de estresse dos alunos?

13. O esporte na escola pode ser entendido como uma forma de disciplinar aluno?

APÊNDICE 5

Aplicador – Antonio Carlos Cosenza Faria

Sujeitos da pesquisa. Professores de uma escola da Secretaria de Educação do Distrito Federal de Taguatinga

Roteiro de entrevista 2

- 1) Como você conceitua esporte?
- 2) Como é que você percebe o esporte na escola? Fale sobre as contribuições.
- 3) Que apreciação é possível ser feita a partir da presença da competição na escola?
- 4) Você acha que o esporte promove a socialização? Em caso positivo, como?
- 5) Que relação você estabelece entre o esporte e a formação de caráter?
- 6) Que análise você faz das atitudes violentas presentes no esporte?
- 7) Existe alguma diferença entre o esporte da mídia e o como deveria ser o esporte na escola?
- 8) Você é favorável à prática de esporte na escola?
- 9) Você percebe alguma diferença entre o como é e como deveria ser o esporte na escola?
- 10) O esporte escolar promove a inclusão? Como?

Uma das entrevistas realizadas com professores da Secretaria de Educação do Distrito Federal em uma escola da Asa Sul.

ENTREVISTA

1. Que espaço reservado para as práticas de iniciação esportiva em seu planejamento de curso?

Resposta: Normalmente a gente trabalha praticamente o ano todo. Sendo que o ultimo bimestre a partir de outubro, mais ou menos, a gente deixa o aluno mais livre no sentido dele poder fazer aquilo que ele mais gosta. Então normalmente no primeiro bimestre a gente dá uma modalidade esportiva, normalmente atletismo, no segundo bimestre a gente trabalha ou futebol, ou basquete, futsal no caso, porque temos uma quadra pequena, e no terceiro bimestre vôlei, e quarto bimestre o aluno fica mais livre pra desenvolver o que ele mais gosta o que ele tem mais afinidade, o que ele tem mais interesse.

2. Quais as modalidades trabalhadas durante o ano letivo?

Resposta: Bom, são essas, dependendo da série, dependendo das condições que se encontram no momento a escola, a gente normalmente trabalha é atletismo, é o futsal, basquete, é o vôlei, handebol, então normalmente são essas modalidades esportivas que são desenvolvidas, lembrando que eu trabalho com quinta série, então é uma iniciação, é uma coisa muito voltada pra recreação, mas já dando uma noção pro aluno do que venha a ser um vôlei, um basquete, um handebol, um futsal.

3. Quais os objetivos associados ao ensinamento das práticas esportivas?

Resposta: O objetivo é dá uma noção pro aluno de cada prática esportiva, cada esporte, e no caso a gente trabalha muito voltado para os esportes fazendo uma adaptação das regras, ate porque eles são muito pequenos, a parte motora deles ainda, muitos ainda trazem problemas sérios, de coordenação e tudo, então a gente tem que fazer uma adaptação, não tem como começar, entrar em um esporte especifico, e já ir exigindo determinados movimentos que eles

realmente não conseguem, então é uma coisa bem rudimentar mesmo, ele aprender a trabalhar com uma bola de basquete, ele vai, muitas vezes os alunos quando chegam eles nunca tiveram contato nem com as bolas, eles só veem bola de futsal, então pega uma bola de vôlei, pega uma bola de basquete eles não tem nem domínio nenhum, eles não sabem nada, então ele vai começar a fazer uma recreação utilizando esses materiais, e a coisa vai sendo adaptada.

4. Como você organiza sua aula quando o tema é uma prática esportiva? Quais os procedimentos utilizados para o alcance dos objetivos específicos de cada aula?

Resposta: O objetivo é justamente esse, dar a possibilidade ao aluno dele experimentar, vivenciar, esse esporte de uma forma bem simples, bem variada, bem integrada, vamos dizer assim, então é mais a recreação mesmo, então é pegar uma bola, por exemplo, basquete, então a gente brinca com a bola de basquete, lança de um pro outro e vai começar perceber os movimentos, perceber peso, perceber uma serie de coisas, deslocamentos em quadra, mas na base da brincadeira, do jogo mesmo, um jogo bem mais simples, muitas vezes eles mesmos criam as regras pros joguinhos que eles fazem que a gente orienta e tudo, então o objetivo maior é justamente esse, é da possibilidade do aluno começar a perceber isso, os movimentos, e materiais, espaço físico também.

5. A escola realiza competições esportivas internas?

Resposta: Sim, normalmente uma vez por ano a gente realiza os jogos intercalasses, onde o objetivo maior é realmente a integração da escola, normalmente a gente faz em sistema de gincana, então não é premiado, primeiro, segundo, terceiro lugar, não tem medalha nem nada disso, então a gincana é feita de uma forma diferenciada onde todas as turmas têm que participar, são várias modalidades, e não só o esporte em si mais entra o xadrez, entra outros jogos intelectuais também, e a gente tenta de a barganhar o máximo de alunos possível dentro de cada turma, inclusive a gente fala que pra pontuação da turma todos tem que participar, e não ficar restrito a meia dúzia de

alunos que normalmente são aqueles que tem mais interesse que gosta mais, e muitas vezes aquele aluno que não tem muita habilidade ele acaba ficando a mercê de determinadas situações e acaba não participando, então o nosso grande foco é justamente esse no intercalasse é participação realmente maciça de toda escola, de todos os alunos.

6. A escola participa de competições externas, jogos regionais?

Resposta: Não, nós já tivemos algumas vezes participando mais nós enfrentamos vários problemas de transporte de alunos, aluno que às vezes não tem muito compromisso, muita responsabilidade, então a gente ia, aguardava o aluno porque a gente não tem condição de levar o aluno, e o aluno não comparecia, uns tinha esquecido, e ai a gente começou a perceber que não tava valendo a pena esse tipo de coisa, então realmente a gente prefere fazer o interno, que realmente eles participam mais, tem mais interesse, se envolvem e realmente as coisas fluem melhor, e realmente tem uma integração maior.

7. Existe alguma preocupação de posturas diferenciadas entre os alunos das aulas de educação física e os alunos das equipes escolares?

Resposta: Não, na realidade como a gente não tem equipes dentro da escola, então isso ai a gente não percebe muito, o que a gente percebe é que normalmente aquele aluno mais habilidoso, muitas vezes eles criam panelinhas, criam grupinhos, e aquele aluno que não tem muita habilidade acaba ficando pro lado e tudo, mas o objetivo da nossa aula, normalmente é justamente a integração desses alunos, então é mostrar que as vezes um aluno é bom em vôlei mas o outro é bom no futebol, ele não é tão bom em vôlei pode ser bom em futebol, ele pode não ser tão bom em futebol mas ele é bom ou melhor no basquete, então essa percepção ai eles tem que ter, as vezes ele não se destaca nem em vôlei, nem em basquete nem futebol, mas ele é bom no atletismo, ele é bom na corrida, então quando a gente faz justamente esse intercalasse, o aluno vai perceber, começa a perceber que mesmo não sendo bom no futsal mas eu posso ser bom no atletismo e ajudar a minha turma, a

minha equipe a conquistar alguma coisa, porque eu vou descobrir aonde eu sou melhor.

8. Como você conceitua esporte?

Resposta: Olha, o esporte, acho que é necessário, mas não consigo perceber isso dentro da escola, a visão de esporte mesmo, onde você tem toda uma estrutura que tem que ter de suporte, de técnico, suporte de espaço físico, suporte de materiais, de tempo, uma série de coisas, eu não consigo perceber isso dentro da escola, eu acho que é muito complicado isso, e até porque se você coloca um esporte definido mesmo e uma coisa mais pra exigir do aluno, você vai começar a separar, porque? Porque tem alunos que realmente tem condições, habilidades e tem outros que não tem, e aí você vai fazer o que? Aí você vai dar atenção a um, e não vai dar atenção a outro? Então eu acho meio complicado, então pra mim o esporte dentro da escola, o conceito de esporte onde você tem um treinamento específico, uma preparação física específica para determinada modalidade, eu acho que isso não deve ser feito dentro da escola não, você tem os centros de treinamento, aí o professor dentro da escola ao perceber que o aluno tem uma facilidade maior para desenvolver determinado esporte, tem uma habilidade melhor, maior, então ele vai encaminhar esse aluno, ele vai direcionar esse aluno e aí lá na escolinha, no espaço específico onde ele tem todas as condições e tudo, aí ele vai desenvolver isso aí, mas dentro da escola não vejo muito isso não.

9) Como você percebe a relação entre esporte e a escola?

Resposta: Pois é, foi isso que eu falei, eu não consigo perceber o esporte mesmo, um trabalho sério dentro do esporte, dentro da escola.

10) Você é favorável a adaptação da prática esportiva, modificação de regras para a adaptação dessas atividades na escola?

Resposta: Eu sou totalmente a favor, tanto é que eu trabalho dessa forma, eu faço adaptação de todos os esportes que a gente desenvolve durante o ano, é tudo adaptação de regras, e muitas vezes os alunos, é muito engraçado, porque eles mesmos, vem conversar com a gente, a professora será que pode fazer dessa forma, e tal, parara, ai a gente senta o grupo de alunos, e vamos lá, como é que a gente pode fazer isso aqui para melhorar, como é que a gente pode fazer essa determinada atividade aqui onde todo mundo possa participar, e tal? Ai eles mesmos vão discutindo, e eles mesmos vão definindo as regras do jogo. É muito interessante porque eles conseguem fazer isso, então é muito legal.

11) Você acredita que o esporte possa favorecer a inclusão de alunos não tão habilidosos em praticas especificas?

Resposta: Justamente o meu objetivo é esse, é fazer a inclusão daqueles que não tem a facilidade tão grande, mas que gostam, querem participar, e querem estar junto com o grupo, auxiliando de alguma forma, então a gente faz, por exemplo, no futsal mesmo, o aluno não é tão habilidoso la como atacante, mas ai ele vai pro gol, vai pra lá vai pra cá, ele vai vivenciar varias posições no futsal e ai ele vai perceber onde que ele tem mais facilidade, ele vai jogar defendendo, ele vai jogar atacando, ele vai jogar no gol? E ai ele vão percebendo, eles vão ajudando uns aos outros.

12) O esporte na escola tem sido entendido como uma forma de liberação de estresse dos alunos?

Resposta: É, a atividade física no geral na escola, libera muito essa parte de estresse de energia, não digo nem estresse, mas energia do aluno, principalmente a faixa etária que eu pego, eles tem muita energia que é quinta série, eles tão com 10, 11 anos, então a energia deles está assim a mil, então assim, o dia que não tem quadra eles ficam loucos, e os próprios professores falam, é complicado manter essa criançada por um tempo maior dentro de sala de aula porque eles realmente precisam, precisam correr, precisam pular, precisam gastar essa energia que eles tem, então é realmente isso ai.

13) O esporte na escola pode ser entendido como uma forma de disciplinar aluno?

Resposta: Olha o disciplinar ai tem que ver porque você pode sim levar eles a perceber que o autocontrole é importante o respeito aos colegas, aos outros, aos espaços que eles têm que eles têm que cuidar, o respeito ao material, você tem que orientar isso, mas eu não vejo que é uma função só do esporte, é um conjunto, eu acho que todo mundo tem que colaborar, o esporte pode auxiliar nessa disciplina, nesse controle do aluno sim, mas acho que tem outros segmentos ai que são importantes também.

14) Que recursos você utiliza para diminuir os riscos de lesão nas práticas esportiva?

Resposta: Bom, normalmente a gente faz uma recreação inicial, brincadeiras, mas de corridas e tudo, agora como não é uma coisa que exige muito deles em termos de desgaste, vamos dizer assim de desgaste físico, ou que exija muito dentro da parte de condicionamento cardiorespiratório, é uma coisa mais simples, então assim, a gente dificilmente tem lesão, as lesões que tem normalmente é de cair machuca, de tropeçar mesmo, de um bater no outro às vezes, ai são os acidentes que podem ocorrer em qualquer momento, lesão mesmo, por alguma atividade feita em excesso ou que sobre carregue de mais determinados grupos musculares ou que sobre carregue de mais uma determinada articulação, isso a gente não tem não, o que a gente tem são os contratempos do dia-a-dia mesmo de machucar, cair, ralar um joelho, ou então cair de mau jeito, machucar um pé, alguma coisa assim, de correr e pisar, ate porque nossa quadra tem buracos, não é uma quadra que esteja 100% nas condições, então as vezes acontece de acontecer alguma besteirinha, mas nada de excepcional não.

APÊNDICE 7

Respostas de um dos participantes do Grupo Focal I (Professores de Educação Física no programa de pós-graduação da Faculdade de Educação Física da Universidade de Brasília)

Conceito de esporte.

O esporte tem um caráter socialmente capitalista. Tudo que gira em torno do esporte gira em torno do capitalismo.

O esporte tem que ser entendido como um fenômeno que possui regras e competição.

Para caracterizar o esporte além de ter regras, a competição tem que ser institucionalizada.

Dificuldades de conceituar esporte.

De que esporte está falando? O autor desta fala justifica sua indagação lembrando o professor Tubino. “Tubino divide o esporte em esporte de participação, de alto nível e educacional”. O esporte é multidisciplinar

Esporte e Discurso.

O esporte é apresentado como a salvação das mazelas sociais. Acredita-se que o esporte possui algum poder de auxiliar nos problemas sociais. O esporte sempre aparece como algo de muito positivo à sociedade.

Características do esporte.

É impossível à presença do lúdico quando o objetivo é a vitória.

Esporte e escola

É preciso entender que existe o esporte na escola e o esporte da escola. O esporte da escola é aquele que faz adaptações para que os alunos, de forma geral, possam participar, enquanto que o esporte na escola é a prática esportiva realizada por alunos. Cada uma destas manifestações possui objetivos diferentes

Esporte, violência e escola.

A violência está presente na sociedade como um todo e na escola, que faz parte desta sociedade. O esporte tem sido utilizado como uma ferramenta para diminuir a violência na escola e fora dela. Veja o exemplo do esporte à meia noite e o projeto segundo tempo. Assim, o esporte é um meio de reduzir a violência.

APÊNDICE 8

Questionário aplicado nos alunos de escolas da Rede Pública do Distrito Federal- Secretaria de Educação Do Distrito Federal

Aplicadores. Alunos do curso de Educação Física matriculados na disciplina Sociologia do Esporte do Departamento de Educação Física da Universidade de Brasília.

Sujeitos da pesquisa. Alunos de escolas públicas do Distrito Federal de diferentes Regiões Administrativas

Data da aplicação do questionário – maio/junho de 2011

Questões presentes no questionário.

- 3) O que é Educação Física?
- 4) Qual a função do esporte na escola?

